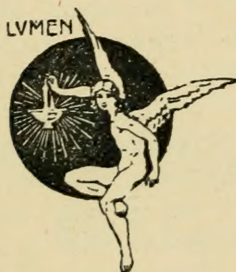

3 1761 05492213 3

ALEXANDRE HERCULANO

Composto e impresso na Typographia França Amado,
rua Ferreira Borges, 115 — Coimbra.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA

Alexandre Herculano



COIMBRA

F. FRANÇA AMADO, EDITOR

1910

I

Um paladino illuminado e moço, intemerato no ardor da juventude e na exaltação da crença que nem o martyrio lograria dominar ou perverter, sonhou a redempção da patria desolada pelas guerras, pela fome, pela oppressão de tyrannias ávidas e corruptas, por hypocrisias sordidas e degradações monstruosas. Sonhou dias de luz e de ventura, de liberdade e de paz, de boa vontade entre os homens, de trabalho honesto, de civismo austero e de religião sublimada, formosura e virtude, o resgate da miseria desalentada e tenebrosa em que se afundava um povo, outr'ora são e justamente altivo e agora debatendo-se por se salvar e erguer dos abysmos em que a desventura o havia precipitado. E o paladino partiu a conquistar para a patria a fortuna revelada em visões de

claridade; e armou-se soldado, transpondo para exercitos do mundo aspirações divinas, a todos os perigos sujeitando a existencia ephemera, sem que algum fosse capaz de lhe turvar a fé.

II

Combateu. Foi vencido. Em vez de palmas de triumpho, recebeu as penas do exilio. Desterrado da « terra cara da patria », que saudou entre a dôr, verteu lagrimas de « saudade longiqua sobre as ondas do mar irriquieto », chorando o

« Berço do seu nascer, sólo querido,
Onde cresceu e amou e foi ditoso,
Onde a luz, onde o céu riem tão meigos,
Seu pobre Portugal.................... (1)

Proscripto e errante, entre as brumas do norte,

«........................ as auras puras,
O murmurar do arroio, o canto da ave,
O fremito do bosque, o grato aroma
E o vistoso matiz do ameno prado,
O lago quedo a reflectir a lua,
As montanhas tão ricas de mysterios,
De éccos, de sombras, de tristezas santas: »

---

(1) Alexandre Herculano, *Poesias.* Lisboa, 1860, pag. 165.

isso tudo que eram encantos da sua terra, trazia-lh'o ante os olhos, cruelmente, a memoria inexoravel (1).

«. . . . . A dôr está no coração do profugo
Como um cadaver hirto quando espera
De noite, em leito nú, que á tumba o desçam.
A dôr aqui é gelida, immutavel;
Pousa em labios alheios que sorriem
E até em sorrir nosso; está sentada
Ao pé do umbral do tecto que nos cobre,
Embebida na enxerga do repouso,
Entranhada no pão que nos esmolam,
Enroscada qual cobra peçonhenta
No nodoso bordão do peregrino,
E em toda a parte e em todo o tempo é nossa. » (2)

Embora

« Sob as azas do amor abrigue o Eterno
Homens, nações e o mundo; o amor por elle
Nasce, cresce, avigora-se enredado
Com os beijos da mãe, com sorrir amigo
De nossos paes e irmãos, ensina-o a tarde,
O por do sol da nossa terra, o choupo
Da nossa fonte, o mar que manso geme,
Nosso amigo da infancia, em praia amiga. » (3)

---

(1) *Poesias,* pag. 172.
(2) *Poesias,* pag. 178.
(3) *Poesias,* pag. 182.

Soffreu o supplicio da revolta impotente, algemada em prisões inexpugnaveis, e entenebreceu-lhe o espirito a turbação negra da impiedade e da duvida, a derrota da fortaleza do proprio coração, mais cruel para o crente do que a ruptura de todos os laços d'affecto imposta pela violencia estranha. Para o proscripto, quando tudo o que amava se converteu em sombra, a cada passo evocada pela lembrança desperta em mágoas,

« Quando em confuso passado apenas surge
Qual fumo tenuissimo ou phantasma
Á meia noite visto, á luz da lua,
Ao longe, entre arvoredo, quando o sopro
Da tempestade assobiou nas trevas
Pela antena da náu do vagabundo ;
Quando a dôr sua em olhos d'ente vivo
Não achou uma lagrima piedosa,
E nos seus proprios são vergonha as lagrimas,
Quando, se 'inda as derrama, ellas gotejam
Não sobre seio que as esconda e enxugue,
Mas sobre a vaga que se arqueia, e passa
Sem as sentir ; então o soffrimento,
Filho de longo padecer, converte
O coração do desditoso em marmore,
Onde nunca penetra um puro affecto,
Onde o nome de Deus sossobra e morre
Entre o bramir de maldições e pragas. » (1)

---

(1) *Poesias*, pag, 182.

Ao rigor da desventura juntou-se a agonia do desfallecimento. Não a morte! Porque de toda a oppressão o sonho renascia. Para os loucos d'amor que por amor combatem, os golpes da fatalidade ateiam a exaltação em vez de a suffocarem, e nem o nome de Deus jámais « sossobra e morre », nem as pragas e maldições respondem aos flagellos da desgraça, sem que logo as condemne e cale uma outra voz intima e soberana. Fortificam-se nas provações. Amarguras da alma e mortificações do corpo, pobreza extrema, abandonno sem lenitivo, o opprobrio da derrota, o insulto dos vencedores, torturas dos inimigos e a altivez dos ricos, em vão passaram pelo vencido. Perdido na solidão de ilhas inhospitas para o seu coração a trasbordar de tristeza, não houve adversidade que lhe vergasse o animo, inflexivel na firmeza de combater e na confiança da victoria.

E cantava, o peregrino! As tribulações incendiavam-lhe o genio. Esse mesmo sangue denegrido pelas pedras contundentes d'asperos caminhos creava e alimentava flores altas e resplendentes de celeste pureza. O peso das armas não partiu as cordas da lyra. Ia occulta e guardada no seio, murmurando de continuo seus gemidos e preces. Nem o fragor das batalhas e as blasphemias atrozes

de luctas inhumanas lhe perturbariam a harmonia religiosa. No soldàdo habitava o poeta, e não foi necessario que o soldado pousasse o fusil, para que o poeta deferisse apaixonadamente a voz grandiloqua.

Advinhava o « dia de ventura » que o destino lhe reservava.

O tempo justificou-lhe a aprehensão. Pela audacia heroica de guerreiros destemidos, a que o sonhador foi juntar-se, pelejando as suas duras pelejas, os desterrados voltaram « ás plagas da saudade e á terra dos seus sonhos », e de novo avistaram « os gestos tão lembrados, os campos tão risonhos, o tecto amigo da infancia, a fonte que murmura, o céu puro da patria », que no exilio haviam chorado, consumidos de saudade.

III

Ah, a sua patria! A sua desvairada patria!... O poeta imaginava trazer-lhe legiões angelicas para a abençoarem d'infinitas benção, e trazia-lhe apenas um bando de homens, muitos quasi santos, todos denodados, e muitos outros fracos porque á intrepidez do braço não correspondia a generosidade do animo. E o paladino ingenuo viu rebentar d'esse mesmo sólo que a imaginação lhe cobrira de pomares umbrosos e doces, paradisiacos, os fructos mortiferos de seivas envenenadas. A furia das ambições agitadas, a desordem e o egoismo vilmente triumphantes, o delirio das obsessões afogueiadas dos fanaticos, ondas de impiedade céga e estupida, o fraco desprotegido contra o forte e a victoria degenerando em ferocidade, o misero recalcado na miseria pela cobiça infrene do opulento, a virtude insultada, o escarneo e o roubo, tudo quanto ha de infimo nas perversões humanas, tudo o poeta viu manchando o

« Berço do seu nascer, sólo querido,
Onde cresceu e amou e foi ditoso,
Onde a luz, onde o sol riem tão meigos
Seu pobre Portugal!.................»

IV

Perante « as vagas d'esse mar de abjecção chamado o vulgo » (1), que assolavam a querida patria, cobrindo-a, apodrecendo-a e arrastando-a pelas praias turbidas da cobiça, não se quedou, desalentado e mudo, o sonhador. Não se « sumiram os cantos que lhe transudavam da alma », por se encontrar « n'um seculo sem vida, sem virtude e sem fé, em que desabavam as crenças todas do passado, e era sonho a constancia e o amor » (2). Partida a espada, agora inutil porque os seus combates haviam cessado, o apostolo surgiu na tunica branca e rude da sua austeridade; e foi-se a missionar sua missão fraterna d'affecto e de grandeza, piedoso e confiado, empunhando um facho deslumbrante, a mostrar-nos a estrada por onde ha longos seculos vinha caminhando o povo eleito do seu genio, descerrando-nos os páramos da nobreza impoluta a que quereria conduzil-o, renovando-o á sua imagem, renascendo-o nos seus translucidos sonhos.

---

(1) *Poesias*, pag. 56.
(2) *Poesias*, pag. 208.

Então, d'entre aquelles mesmos que elle amava e pelos quaes padecera, muitos lhe voltaram as costas, alguns lhe cuspiram injurias e anethemasiram-no, outros por timidez o abandonaram, e todos assim por diverso modo desconheceram ou negaram a luz que lhes trazia.

Mas elle venceria, na força invencivel dos fortes, alimentada d'emanações divinas. Pagavam-lhe os homens com ignominia e deserção o amor que prodigamente lhes tributava?!... O chão da sua patria o receberia, aquelle que todo o alento retribue e a nenhum mente. Resurgiria em lirios a formosura que se mirrava sob o halito pestilento de paixões funestas; o amor que o pó das baixezas occultava e repellia no rolar de suas nuvens escuras, pousaria na frescura salutar dos campos reverdecidos pelo suor do ermita.

V

Distante dos homens para melhor os servir dando-lhes exemplo, foi o infortunado sonhador offerecer seu esforço e fadigas a um pedaço de terra que encontrou inculta, engrinaldando-a de rosas e nutrindo-a de cuidados, para que de seu seio uberrimo dimanasse a delicia do perfume, o refrigerio da sombra, a abundancia do pão e consolações do espirito. A enxada do cavador não se mostraria inferior, para remir de penas a humanidade, á bayoneta do soldado e ao verbo inspirado do apostolo; a todos santificaria igualmente o calor do coração que os ungia.

Agora, a recompensa era certa. Uma vez ao menos sentiria a realidade igual ao sonho. Antecipadamente o sabia, d'uma certeza intima, absoluta. Quando ainda no peito lhe borbotavam vigorosas as esperanças de regeneração dos homens pelas luctas e combates, já entrevia as bençãos ineffaveis da solidão, já o seu enlevo se lhe mostrára. E apetecendo-a, cantava-a, implorando da generosidade do destino a concessão d'essa magnifica e incompa-

ravel riqueza, e imaginando, em um lance de antegozo e deleite, a plenitude de vida que ella importava para o seu divino anceio. Muito cedo a invocou e adorou, antes de a encontrar e possuir:

« . . . . oh, dae-me um valle
Onde haja o sol da minha patria, e a brisa
Matutina e da tarde, e a vinha e o cedro,
E a larangeira em flôr, e as harmonias
Que a natureza em vozes mil murmura
Na terra em que eu nasci, embora falte
No concerto immortal a voz humana,
Que um ermo assim povoará meus dias » (1).

Rendido á visão que toda a vida o acompanhou, correu a abraçal-a.

No seu bemdito captiveiro viveu os derradeiros dias e n'elle morreu, curadas as feridas do mundo nos balsamos da natureza.

Amou sempre! A robustez inviolavel do coração havia de salval-o de toda a tormenta, retemperando-o continuamente em estos de amor a Deus e aos homens, por fim consubstanciado na terra mãe e nos filhos dilectos do seu doce ventre, a seára, a rosa e a arvore.

---

(1) *Poesias*, pag. 169.

VI

Esse paladino e sonhador, que tão gloriosa orbita seguiu e, perfazendo-a, nella consumou a existencia, tem na historia de Portugal o nome de Alexandre Herculano.

FASCINAÇÃO DO ERMO

FASCINAÇÃO DO ERMO

Uma apparente deserção da cidade, em que vivêra tantos annos, para se encerrar no retiro d'um tranquillo casal rustico em Val-de-Lobos, a dissolução abrupta de multiplicadas relações mundanas, litterarias e politicas, d'affectos, de commercio intellectual e de velhos habitos, serena e deliberadamente substituidos pelo isolamento e rudeza do aldeão, no seu aspecto e modo de ser externo, pois, sem embargo, no intimo não cessava nem podia cessar a superior distincção do espirito; esse acto de estranha energia, que alguns julgaram orgulho e desprendimento irritado, e outros tiveram por enigma indecifravel, foi o facto capital da vida de Alexandre Herculano. Os que na sua existencia anterior se tornaram notaveis e parecem designar marcos da jornada e os que se seguiram a esse golpe de soberano arrojo, não parecem mais em ultima conjuncção do

que a experiencia, primeiro, e depois a affirmação definitiva d'uma individualidade, homogenea na substancia e invariavelmente identica no movimento e nas tendencias, logica, seguida e firme, producto e revelação d'um caracter inalteravel.

I

A solidão será eternamente o refugio dos fortes, d'aquelles que as tempestades do mundo não affeiçoaram á sua obra de descrença, de mesquinhez, de destruição, d'aviltamento, de frouxidão desalentada, de duvida resignada e de contentamento saciado nas commodidades d'uma vulgarissima animalidade e na trivial vaidade dos instinctos primitivos. Prophetas, santos e heroes, obscuros crentes e almas singelas, innumeraveis espiritos d'eleição que o isolamento atráe, conquista e salva de tormentos, dia a dia vão renovando essa perpetua pagina da historia da humanidade, que fórma alguma de civilisação pôde apagar ou corrigir.

« A nossa alma é progressiva, nunca se repete, mas em todo o acto procura a realisação d'um todo novo e mais bello » (1), mais

---

(1) Emerson, *Essays* (Grant Richards, London, 1902). Pag. 199.

proximo da revelação intima; e assim o vidente se vae isentando pouco a pouco, no correr da existencia, de tudo o que constrange, e perturba e offusca a aspiração, para mais de perto se lhe unir e a contemplar. Pela propria necessidade da missão a que o destino o votou, gradualmente se desprende das cadeias que lhe tolhiam a liberdade d'expansão.

A critica, na interpretação e auctorisado exame d'um extraordinario e grande mestre, cujo saber e elevação foram dignos d'aquelle a que honrou, analysando-lhe a obra portentosa e prestando culto ardente ao seu caracter, viu no « solitario de Val-de-Lobos », como em respeitoso carinho o cognominou, um suicida. « Quando as feridas, as perseguições, os ataques, os ultrages são profundos e agudos como os que expulsaram da politica — e tambem das lettras, — Alexandre Herculano, o stoico, repetindo a historica phrase do Africano, suicida-se. E' então que vivamente nasce, pois só então o caracter apparece com toda a sua pureza. Não o mata o scepticismo, mata-o o excesso d'uma imperfeita doutrina. Não descrê, e é por cada vez mais acreditar em si que foge a um mundo rebelde a ouvir a verdade. A morte não é pois um acto de desespero, é um acto de fé. Só a differença dos tempos fez com que no suicidio não

entrasse o ferro, como entrou nos suicidios stoicos da antiguidade » (1).

Porventura seria porém mais justo ou, pelo menos, mais exacto considerar a attitude do ultimo periodo da vida d'Alexandre Herculano, não propriamente um suicidio, a morte voluntaria d'uma parte da sua individualidade, mas o perfeito remate, o termo ultimo da evolução natural do seu espirito desde o começo promettida, contida nas primeiras confissões da sua consciencia. Com o stoico coincidia no mesmo peito o poeta; e os poetas não se suicidam, a não ser por pressão de desordem physiologica grave ou no desvairamento de uma surpreza. O poder de crear, sollicitando-lhes de continuo a actividade de que carecem e são avidos, salva-os da tentação do anniquilamento; das visões que se esváem e, perdendo-se, os deixam prostrados, reanimam-nos as que sem cessar se geram e de novo os inflammam: e caminham, caminham infatigaveis, d'amor em amor, tão depressa succumbidos como de subito arrebatados por energias mysteriosas e immortaes. Nem Camões, nem Dante, nem Petrarca se suicidaram, embora a dôr a nenhum d'elles houvesse poupado.

---

(1) Oliveira Martins, *Portugal contemporaneo*. Lisboa, 1881, tom. II, pag. 305.

Jámais se penetrará inteiramente, porque o genio sempre guarda para si certa essencia transcendente dos seus segredos, a natureza do impulso intimo que conduziu Herculano ao ermiterio de Val-de-Lobos; se foi desgosto do mundo e protesto contra as suas vilanias, se a seducção da paz dos campos e rendição aos seus encantos, se uma libertação que as exigencias do caracter austero ha muito reclamavam, se a doçura de bençãos que a terra prodigamente lhe offerecia e todo o seu ser lhe pedia. Sem duvida, diversos sentimentos se conjugaram na mesma tendencia, mas nas suas palavras ha signaes claros de que a corrente d'affectos teria prevalecido sobre rigores de condemnação; não será muito desvairada suspeita julgar que amou tanto as arvores e as rosas dos seus estreitos canteiros como a *Historia de Portugal* ou a promulgação de leis justas que engrandecessem a patria. Para elle, como para tantos outros da sua feição e estatura, até a tristeza e mágoa se convertem em belleza, pela serenidade de que as revestem, pela religiosa conformidade com que as acceitam e pelo objecto em que as transformam. O que nos fracos redunda em estereis contracções torturadas de desespero, é nos fortes o ensejo de subirem a maior altura.

Eurico, que Alexandre Herculano modelou cedo e cedo amou, « era uma d'estas almas ricas de sublime poesia, a que o mundo deu o nome de imaginações desregradas, porque não é para o mundo entendel-as » (1). « O povo rude de Carteia não podia entender esta vida d'excepção, porque não percebia que a intelligencia do poeta precisa de viver n'um mundo mais amplo do que esse a que a sociedade traçou tão mesquinhos limites ». « Ensinado pelas largas horas de intima agonia, esmagado o seu coração pela soberba dos homens, Eurico percebera, emfim, claramente que o christianismo se resume em uma palavra — fraternidade. Sabia que o Evangelho é um protesto ditado por Deus, para os seculos, contra as vãs distincções que a força e o orgulho radicaram n'este mundo de lodo, d'oppressão e de sangue; sabia que a unica nobreza é a dos corações e entendimentos que buscam erguer-se para as alturas do céu, mas que essa superioridade real é exteriormente humilde e singela » (2). « Os virtuosos » não perceberiam os poemas em que o poeta lançava torrentes d'amargura, « como, tranquilla a consciencia e repousada a vida,

(1) *Eurico*, 5.ª edição. Lisboa, 1864, pag. 10.
(2) *Eurico*, pag. 15.

um coração póde devorar-se a si proprio, e os máus não criam em que o sacerdote, embebido unicamente em suas esperanças credulas, em suas cogitações d'além tumulo, curasse de males e crimes que roiam » a patria. Ignorariam a colera e maldições que pódem dimanar e dimanam dos prophetas do perdão e do amor. « Era por isso que o poeta escondia as suas terriveis inspirações. Mostruosas para uns, objecto de ludibrio para outros, n'uma sociedade corrupta em que a virtude era egoista e o vicio incredulo, ninguem o escutaria, ou, antes, ninguem o entenderia » (1). « A força moral da nação tinha desapparecido e a força material era apenas um phantasma; porque, debaixo das lorigas dos cavalleiros e dos saios dos peões das hostes, não havia senão animos gelados, que não podiam aquecer-se ao fogo do santo amor da terra natal. Com a profunda intelligencia do poeta, o Presbytero contemplava este horrivel espectaculo d'uma nação cadaver e, longe do bafo empestado das paixões mesquinhas e torpes d'aquella geração degenerada, ou derramava sobre o pergaminho em torrentes de fél, d'ironia e de colera a amargura que lhe trasbordava do coração ou, recordando-se dos

---

(1) *Eurico*, pag. 19.

tempos em que era feliz porque tinha esperança, escrevia em lagrimas os hymnos de amor e de saudade » (1). No coração de Eurico, que parecêra morto, porque havia procurado o ermo, o enthusiasmo e a virtude nem um só instante se tinham todavia apagado; um surdo labor da sua alma perpetuamente os alimentava. Apenas mudavam as vidas a que se applicavam e consagravam. O vulgo, na inercia propria do acanhamento do seu espirito, não podendo alcançar os vôos do sonhador, desconhece-os e injuria-os, reputando-os insensatez, delirio, uma dissipação inexplicavel de faculdades preciosas; incapaz de prender o genio no circulo estreito dos seus interesses, imagina que o illuminado os despreza e atraiçoa, desamando-o, quando o viu elevar-se e perder-se n'uma atmosphera inaccessivel á debilidade commum das forças mortaes. O mundo nunca poderia entender plenamente o affecto que, « vibrando-lhe dolorosamente as fibras do coração », arrastou Eurico para a solidão, « quando os outros homens nos povoados se apinhavam á roda do lar acceso e fallavam das suas mágoas infantis e dos seus contentamentos d'um instante » (2).

---

(1) *Eurico*, pag. 22.
(2) *Eurico*, pag. 30.

De longa data, Herculano traçára a propria carreira na contemplação do filho do seu genio. Porque o conflicto da inspiração e do mundo é e será o mesmo, irreductivel, eternamente, *heri et hodie, ipse et in secula.* Se a inspiração veio alojar-se n'um pobre corpo humano, deixae-o, não cuideis mais do seu destino. E' só o tempo de percorrer a via dolorosa pela qual tem de seguir seus fados. O termo da jornada está previsto, e será o unico que á sua condição convém, o isolamento e o espaço que a intensidade de irradiação reclama, provoca e determina nos astros ou nos prophetas, nas parcellas minimas da luz da materia ou do espirito.

Alexandre Herculano foi para Val-de-Lobos, não para morrer e sepultar-se ainda quente das palpitações do seu sangue, mas para viver inteiramente sua vida; não para deliberada cessação de actividade, mas para a sua mais perfeita expansão e mais lidima e bella applicação. Apenas eliminava relações e cousas que o atormentavam, estorvando-o de se manter continuadamente, face a face, na presença da aspiração intima. Entrou no claustro que a seu modo edificou, naturalmente porque os das antigas communidades estavam prostituidos e em ruinas. Não lhe regateiára o mundo, atravez das injurias, as lisonjas que

concede á inanidade vaidosa com a mesma insensatez e inconsciente impudor que usa na calumnia, na inveja e na flagellação do merecimento. Se não foi amortalhado em trajo de grande do reino, recamado de chaparia, foi porque constantemente repelliu de si esses symbolos de grandeza emprestada, cobrindo o mais das vezes uma real mesquinhez. O premio que buscava dos seus combates, aquelle que o alegraria, se os estranhos lh'o houvessem dado, era a communhão na sua fé, de que contrariedade alguma o arrancaria, e o fortalecimento nas suas virtudes, em cuja propagação se lhe figurava uma nova patria, rejuvenescida para a gloria. E como essa communhão e essas virtudes não encontrou, senão em raros companheiros, desventurados como elle, e da outra, da communhão na sordidez em que os demais folgavam, estava excluido por aversão da sua alma, viu-se expulso do banquete, e foi alimentar-se ao longe, n'um recanto obscuro e impoluto, do pão grosseiro e bemdito da singeleza incorruptivel, a guardar o sacrario que Deus lhe confiára. « Cantor da solidão, foi assentar-se junto do verde cespede do valle, e a paz de Deus consolava-o do mundo » (1).

(1) *Poesias*, pag. 57.

« Consolava-o », disse o poeta candidamente, imaginando carecer de consolo ao deixar o mundo.

Não era assim. Os resplendores enganosos do mundo por que passou, sómente para os aborrecer e desprezar, é que nunca poderiam furtal-o á fascinação do ermo. Na verdade, emquanto habitou esse mundo de torpezas é que necessitava compensação da violencia imposta ás suas tendencias e caracter, e compensação não alcançou.

« Céu livre, terra livre, e livre a mente,
Paz intima, e saudade mas saudade
Que não dóe, que não mirra e que consola
São as riquezas do ermo, onde sorriem
Das procellas do mundo os que o deixaram » (1).

Essas riquezas abandonára o apostolo, para partilhar com os homens dos bens que no seu peito abundavam. Os homens desconheceram-nos. Para que pois privar-se de beneficios preciosos, sem proveito do sacrificio para os desvairados no tropél da ruindade impenitente?!... Não ignorava, quando desceu aos mercados da cidade, nem a fortuna incomparavel da solidão nem a profundeza do esqualido tremedal onde ia arriscar a saúde do corpo e

(1) *Poesias*, pag. 51.

a paz do espirito, para estender a mão aos desventurados que n'elle se afogavam (1); mas incitava-o e arrebatava-o a esperança de levar opulentissimos thesouros aos estranhos que tanta miseria soffriam. Destroçada a esperança pelos repetidos vendavaes da desillusão, voltava ao ermo a que jurára fidelidade antes

---

(1) « E eu comparei o solitario obscuro
Ao inquieto filho das cidades:
Comparei o deserto silencioso
Ao perpetuo ruido que sussurra
Pelos palacios do abastado e nobre,
Pelos paços dos reis; e condoí-me
Do cortezão soberbo que só cura
De honras, haveres, glorias que se compram
Com maldições e perennal remorso. »
« Oh cidade, cidade que trasbordas
De vicios, de paixões e de amarguras!
. . . .
Soberba prostituta alardeiando
Os theatros, e os paços e o ruido
Das carroças dos nobres recamadas
De ouro e prata, e os prazeres de uma vida
Tempestuosa e o tropeiar continuo
De fervidos ginetes que alevantam
O pó e o lodo cortezão das praças
. . . .
Braqueado sepulcro, que misturas
A opulencia, a miseria, a dôr e o goso
Honra e infamia, pudor e impudecicia
. . . . »

Poesias, pag. 52, 53 e 54.

de se empenhar no combate (1). Ao fim de incerta jornada, o peregrino vinha cumprir a promessa que ao partir fizera nos altares da sua crença, da verdadeira patria dos seus sonhos, onde tinha em recompensa a liberdade.

« Feliz ou infeliz, triste ou contente
Livre o poeta seja. » (2)

De facto, libertou-se. E, libertando-se, em toda a sua magestade se mostrou, na atmosphera a que anciosamente aspirava, fóra d'aquell'outra que o desfigurava pela incessante coacção das suas energias caracteristicas.

---

(1) « Bello ermo! Eu hei de amar-te emquanto esta alma
Aspirando o futuro além da vida
E um halito dos céus, gemer atada
Á columna do exilio, a que se chama
Em lingua vil e mentirosa o mundo.
Eu hei de amar-te, oh valle, como um filho
Dos sonhos meus. A imagem do deserto
Guardal-a-ei no coração, bem junto
Com minha fé, meu unico thesouro. »

Poesias, pag. 50 e 51.

(2) *Poesias*, pag. 112.

II

Pouco indulgente com a sensualidade, porventura deshumanamente rigoroso com os seus impulsos, a solidão e a vida rural não seriam para Alexandre Herculano isenção de fadigas physicas e desenlace d'aspirações naufragadas, adormecimento de mágoas e repouso n'uma animalidade cuidada, bem mantida, satisfeita e robusta. Não seriam uma festa lauta dos sentidos, por demais castigados da escuridão da cidade, mas uma devoção gratissima do espirito desonerado de temporalidades que o mortificavam, tão pesadas pelo tumulto e pressão ininterrompida, como estereis pela inanidade das consequencias moraes. Amando o ermo e procurando-o, não o chamava a delicia pagã; se tanto lhe queria, era por obediencia religiosa, porque alli melhor interpretava e cumpria a vontade do Senhor. O sentimento da alegria e equilibrio no pulsar livre da natureza, a contemplação da harmonia e belleza das formas que por si vivem como divindades independentes e distinctas, só por excepção prenderiam Herculano. E' um acci-

dente raro, muito raro, que elle se quéde com sympathia a escutar nymphas do rio, dryades da floresta e as felizes gentes dos reinos dė Apollo. Por duvida teria condescendido em attentar nas crueldades e exaltações orgiacas das estações e dos astros. Se por elle passaram faunos e bacchantes ou lhes suspeitou os folguedos, voltou o rosto descontente; os olhos habituados a luz divina, vinda dos céus, e outra não procuravam, não supportariam fumo e labaredas, ateiados com o sangue e erguidos dos infernos em que penam condemnados. Mal sorriu ao carvalho magestoso que encontrou em meio do valle.

« Na primavera
Vinham os moços adornar-lhe o tronco
De capellas cheirosas de boninas,
E coreias gentis traçar-lhe em roda, » (1);

e o quadro captivou-o um rapido instante. Que encanto de formosura, perfume e gentileza e côr! Outros eram, porém, os enlevos do poeta, que não esses, candidos, sem duvida, na sua graça, mas fugitivos e pereciveis, de perto vigiados pela enfermidade e pela corrupção. A fecundidade da imaginação, a riqueza de conhecimentos e a expontanea intensidade

---

(1) *Poesias*, pag. 27.

da attenção todas as relações dos seres e todos os estados da alma lhe representariam, d'ascetismo ou de expansão ; mas o arrebatamento religioso não lhe consentia identificar-se senão com aquelles que traduzissem nos mais elevados modos o dominio e amor d'essa vontade omnipotente e omnipresente, de summa sabedoria, que tudo ordenava e a quem tudo obedecia, na verdade Deus e Senhor, como o poeta lhe chamou, invocando-a para o guiar e consolar, deus pela magestade e virtude infinita, e senhor pelo imperio sem limites na vida do universo.

« Ante o olhar do Senhor vacilla a terra ! » (1). E Alexandre Herculano renunciaria, por ignoto impulso, ao seu quinhão nas incertezas vacillantes da terra, para mais firmemente receber o olhar do Senhor, que era eterno e por isso lhe insinuava uma eternidade, inflamando-o no seu fulgor. A abdicação salval-o-ia da degradação inherente aos timidos e fracos que, acorrentando-se á caducidade das cousas mortaes, com ellas se afundam e desapparecem, nenhumas outras de sua substancia infinitas tendo visto ou amado, além d'essas mesquinhas e passageiras nas quaes se absorveram.

(1) *Poesias*, pag. 20.

« Entendimento bronco », tomando com adoravel candura por aspereza a fortaleza ingenita, « lançado em seculo fundido na servidão atraviada de goso, cria que Deus era Deus e os homens livres » (1). Aos infieis clamava, para os defender de perdição, que « entrassem no templo e não temessem aquelle Deus que os labios negam e o coração confessa » (2); « não escarnecessem do que em Deus confiou » (3). Ahi se isentavam da morte, porque « o justo, chegando á meta extrema que nos separa da eternidade, transpõe-na sem temor e exulta em Deus » (4).

O apostolo tinha jurado a sua fé. « Louvaria o Eterno! » Embora humilde reconhecesse que os seus hymnos d'amor não eram dignos d'aquelle a que adorava, embora vis hypocritas, mentindo, o Eterno pintassem como um tyranno barbaro, para assim dominarem o vulgo cégo e insano, o poeta passaria tranquillo entre os abrolhos dos males da existencia, guardado por essa Providencia, a cuja misericordia de todo se entregava (5).

(1) *Poesias*, pag. 4.
(2) *Poesias*, pag. 31.
(3) *Poesias*, pag. 61.
(4) *Poesias*, pag. 49.
(5) *Poesias*, pag. 81, 85 e 86.

III

Antes porém da libertação extrema, o crente teria de experimentar as tentações da impiedade e n'esse combate succumbir ou armar-se, invencivel, para o ultimo triumpho.

Alexandre Herculano passou pelo baptismo pessimista. Não lhe poupou o destino o transe supremo, que é provação da grandeza, e perante o qual succumbiram ou se desvairaram nobilissimos espiritos do seu tempo. Sómente o soffre quem entreviu reinos sublimados de pureza e, para os alcançar, lançou o vôo que invariavelmente o mundo corta, na sua miseria eterna, com crueldade e escarneo. E então a dôr é tão aguda e funda que ainda os mais fortes muita vez lhe preferiram a rendição total e ultima desgraça, entregando-se, exultando, a quem os remisse do supplicio e lhes desse a paz, anjo ou demonio que se lhes apresentasse.

A « doce mãe do repouso » com o seu « amoroso aspecto », a « calumniada morte » tentou Alexandre Herculano, como sempre, invariavelmente, tentou quantos se enlevaram

em aspirações santas e, « sentindo-as morrer no fundo do coração », calcadas por « quanto ha vil no mundo », sonharam libertar-se do conflicto terrivel das visões celestes com as realidades terrenas. Tambem elle soffreu os negros anceios de anniquilamento que essa angustia provoca; tambem lhe entonteceu os sentidos a vertigem dos abysmos da inconsciencia, para se resgatar de contradicções intimas, pungentes, em que n'uma agonia infinda a negação das cousas respondia ás affirmações da alma, satanica e desapiedadamente, com irrisão e ludibrio. E implorou então o soccorro da « peregrina eterna » que, sendo temida em seu mysterio, a elle, infeliz e naufrago, lhe promettia a redempção de todo o mal:

« Oh morte, amiga morte! E' sobre as vagas
Entre escarceus erguidos
Que eu te invoco, pedindo-te feneçam
Meus dias aborrecidos:
Quebra duras prisões que a natureza
Lançou a esta alma ardente;
Que ella possa voar por entre os orbes
Aos pés do Omnipotente.

. . . .

Doce mãe do repouso, extremo abrigo
De um coração oppresso
Que ao ligeiro prazer, á dôr cansada
Negas no seio accesso,
Não despertes, oh não! os que abominam
Teu amoroso aspeito;

Febricitantes que se abraçam, loucos,
Com seu dorido leito!
Tu, que ao misero ris com rir tão meigo,
Calumniada morte;
Tu, que entre os braços teus lhe dás azylo
Contra o furor da sorte;
Tu, que esperas ás portas dos senhores,
Do servo ao limiar,
E eterna corres, peregrina, a terra
E as solidões do mar,
Deixa, deixa sonhar ventura os homens;
Já filhos teus nasceram:
Um dia accordarão d'esses delirios,
Que tão gratos lhes eram.
E eu que vélo na vida e já não sonho
Gloria nem ventura;
Eu, que esgotei tão cedo, até ás fezes,
O calix da amargura:
Eu, vagabundo e pobre, e aos pés calcado
De quanto ha vil no mundo,
Santas inspirações morrer sentindo
Do coração no fundo,
Sem achar no desterro uma harmonia
De alma, que a minha entenda,
Porque seguir, curvado ante a desgraça,
Esta espinhosa senda?» (1)

Respondia-lhe uma voz intima, assegurando não só a necessidade de proseguir na jornada, atravez de todas as angustias, mas tambem a certeza da recompensa, se fosse em obe-

(1) *Poesias*, pag. 89 e seg.

diencia á vontade divina e sujeito á sua inspiração.

A tentação da morte teria sido para Alexandre Herculano apenas um « pensamento infernal », gerado em meio da tempestade (1). Ao seu rugir comparou o clamor da consciencia desvairada, quando, accordando para o conhecimento das cousas e dos homens e reconhecendo mentira nas esperanças cujos sonhos nos affagavam ao « despontar do dia », ao entrar na vida da aspiração, recua aterrada e endoidecida, sem saber que caminho a possa conduzir a salvamento. Mas a tempestade é de sua essencia transitoria, por muito violenta e assoladora que haja sido nos effeitos de destruição irreparavel; seguem-se-lhe horas de bonança, a serenidade reapparece e mantem-se, illuminando os destroços e atenuando-lhes a tristeza do aspecto; embora jámais deixemos de os vêr, duradouros, claros e manifestos, sobrevém reparações do tempo, lentas e imperfeitas, sem duvida, mas capazes todavia de nos trazerem momentos de calma e até de ventura; sobre as ruinas crescem verduras. Na propria terra ha poderes de renovação indestructiveis, eternidades cosmi-

(1) *A Tempestade*, é o titulo, bem caracteristico, da poesia em que o exprimiu.

cas que de toda a tormenta sáem illesas e intactas.

Do mesmo modo acontecia ao poeta. A angustia em que os primeiros golpes da desillusão o lançaram, a agitação de que nascia o desejo de se afundar n'essa noite sem fim da inconsciencia, dissipava-se como os bulcões varridos pelo vento que elles geraram e que o vento na sua violencia desfaz. Acalmada a tormenta, contemplando o que lhe restava da sua devastação e procurando unil-o e reanimal-o em novas creações d'uma fortaleza intangivel, precavida contra o assalto de toda a adversidade, o poeta encontrava « um consolo », e pressentiu que « nas trevas da existencia Deus lhe deixára doce amizade e amor ». Por elle se ergueria para « passar sua noite a luz tão meiga até ao amanhecer, até subir á patria do repouso, onde não ha morrer » (1).

E' que ás eternidades cosmicas correspondem eternidades do espirito, e n'ellas se formára e retemperava incessantemente a alma de Alexandre Herculano, defendida contra toda a traição da amargura, para todo o combate armada invencivel, em toda a contingencia.

---

(1) *Poesias*, pag. 92 e 93.

APPARIÇÕES E ESPECTROS

APPARIÇÕES E ESPECTROS

O poeta tinha uma missão na terra. O Deus que na consciencia se lhe revelava e elle adorava, não era um principio de puro extasi e absorpção contemplativa, uma corrupção da energia organica no arrebatamento e na abdicação de todo o desejo proprio, mas uma vontade determinando a acção, desenvolvendo-se de continuo nas cousas da terra, exigindo dos homens de fé que se subordinassem ao seu imperio, e lhe traduzissem a essencia nas realidades contingentes e mortaes.

Sentindo no intimo o dominio d'essa vontade suprema, Alexandre Herculano logo cogitou os modos de a cumprir, tão perfeitamente quanto em suas forças coubesse, e sem tardar se entregou á execução dos seus mandados com uma fidelidade absoluta.

I

Ordenava-lhe Deus que servisse a patria, a gloria e a virtude.

Deus á poesia deu por alvo a patria
Deu a gloria e a virtude (1).

Mas o que era a sua patria? Que queria ella do seu affecto? Como conhecel-a e concebel-a, para se identificar com a sua vida e encorporar o impeto do seu genio no pulsar d'essa vida maior que a sua, commungando-lhe da aspiração e n'ella se abrazando, immolando-se ao seu triumpho?

« Os annos e os seculos confundem-se e igualam-se deante da vida perpetua do universo » (2).

Ha uma eternidade no mover das cousas do mundo que Alexandre Herculano não ignorou; ha uma continuidade e repetição que apaga a distancia, o espaço e a individualidade, as distincções entre o dia de hoje e o dia de

---

(1) *Poesias*, pag. 111.

(2) *Monge de Cister*, tom. I, pag. VII. (Lisboa, 1859).

hontem, entre o pólo e os tropicos, entre o rochedo e o homem, entre as raças, nações e epocas. Mas a repetição e a continuidade operam-se pela renovação successiva, pela dissolução e reconstituição incessantes; as distincções e as distancias, de cujo confronto e verificação ha de resultar a percepção da unidade, só se revelam nas creações ephemeras e, para bem servir o eterno, havemos de o sentir e amar na caducidade a que descer, no transitorio e momentaneo.

« Debaixo dos pés de cada geração que passa na terra dormem as cinzas de muitas gerações que a precederam » (1), e só ligando a nossa geração áquellas de que procede, conseguiremos, por nossa vez, encarnar a vontade divina. Sendo a mesma atravez dos seculos, demanda para integridade da sua expressão a filiação estreita dos seres em que se mostra.

D'ahi vinha que o poeta, para se guiar no presente olhava para o passado, procurando descortinar-lhe as tendencias e a direcção, os affectos e as aversões, os beneficios e os damnos, a robustez e a fraqueza, a luz e as trevas, as bençãos e os castigos; e assim, por amor da « patria », mandamento da lei

---

(1) *Monge de Cister*, tom. I, pag. III.

do seu Deus, e á força de escavar, observar e meditar, viu-se cercado de apparições bemfazejas e espectros terriveis, surgindo das brumas que o olhar inflammado de sublimadas paixões penetrava, encaminhando-o « á gloria e á virtude », mandamentos tambem do seu Deus, e defendendo-o da queda em abysmos de ignominia e tortura. « Pelos becos tortuosos, sombrios e lodacentos » da cidade, embrenhando-se no « labyrintho de terreirinhos, escadas, pateos, arcos, passagens, indelineaveis e enredados como meada a que se perdeu o fio » (1), Alexandre Herculano ia procurar no amontoado informe dos restos do passado a revelação do seu fausto e da sua miseria, das suas degradações e da sua nobreza, de todos os seus impulsos, para os exaltar no que tivessem de elevado e digno e para os condemnar no que encerrassem de vil. « Muitas vezes passava largas horas deante dum portal de capellinha carcomida como velha enrugada; deante duma hombreira partida, onde apenas se divisavam cansados e gastos lavores da arte da edade media » (2). Interrogava as pedras, a saber se as suas confissões confirmavam as palavras dos homens : remexia

(1) *Monge de Cister,* tom. I, pag. VIII.
(2) *Monge de Cister,* tom. I, pag. XI.

a poeira, sobre a qual pesavam annos innumeraveis, a experimentar se, posta á luz do sol, lhe descobria ainda particulas palpitantes da vida d'outras eras; e dos lichens e musgos, cobrindo ruinas, desprendia lembranças que alli se tinham abrigado de contrariedades, e redivivas lhe vinham contar desgraças infinitas e magnificas victorias, esperanças e desenganos, paixões ruins e ardor santo, penas e bemaventuranças. De tudo tirava ensinamento avidamente, confiado em que por seu influxo havia de se salvar ou perder, conforme o empregasse, e por elle tambem, a sua patria, o chão onde nascera e os seus irmãos que o habitavam, encontrariam a felicidade ou a desventura.

A riqueza que n'essas peregrinações amontoou e nos legou, é estupenda; e o uso que d'ella fez, os sanctuarios em que devotamente a enthesourou, as edificações que com ella ergueu e onde a recolheu, o espirito em que por toda a parte a purificou e ungiu, ficaram como monumentos de perpetua gloria do povo portuguez, attestando o poder mental da raça e a susceptibilidade, d'óra avante para sempre provada, da grandeza religiosa da sua alma.

A epoca de Alexandre Herculano favoreceu-lhe singularmente as inclinações do espirito. A exploração historica entrava no desenvolvi-

mento assombroso de que as gerações modernas são testemunhas, colhendo-lhe os copiosos e preciosissimos fructos. A Allemanha, paiz que Herculano considerou, « por via de regra, o fóco de toda a sincera e verdadeira sciencia » (1), chamava a attenção da mocidade para uma renovação da arte, « a qual veio dar nova seiva á arte meridional que vegetava na imitação servil das chamadas lettras classicas, e ainda estas estudadas no transumpto infiel da litteratura franceza da epoca de Luiz XIV » (2). E as formas em que esse renascimento se fundia e estampava eram abundantissimas, desde o trabalho de erudição rigida e analyse minuciosa até á novella opulenta de trajos resplendentes, palpitante de movimento e pujança no perpassar das multidões que desfilavam por deante dos nossos olhos atonitos, misturando lances dramaticos e gargalhadas comicas, placidez, heroismo e abjecção, generosidades e cobiças, ostentando sem reservas nem piedade todo o vigor e anceio do coração das sociedades nas conjuncturas infinitas a que a fatalidade o traz sujeito. O romance historico, ou a novella historica, como então se lhe chamava, iniciada na Ingla-

---

(1) *Opusculos*, tom. v, 3.ª ed., pag. 294.

(2) *Opusculos*, tom. IX, pag. 278.

terra por um talento de rara fertilidade e fascinação, espalhava-se na Europa inteira, abrindo caminho para desusadas concepções da litteratura e da arte. Associando as cousas vividas e as cousas sonhadas, a imaginação e a realidade, embora producto d'uma alliança hybrida perigosa que constrangia a imaginação pelas pressões da realidade e desfigurava a realidade pelas violencias da imaginação, o seu apparecimento assignala um fermentar de fecundidade inexaurivel e o descerrar de largos horisontes. Corrigiu com elementos sãos e de verdade os desregramentos da phantasia morbida, entontecida pela vertigem de liberdade infinita; conduziu á comprehensão das possibilidades, fundadas, logicas, acautelando-nos dos desenganos de ambições e esperanças insensatas; produziu salutares effeitos educativos. Na verdade, disciplinou e moralisou a imaginação, infundindo-lhe a consciencia do limite, obrigando-a a mover-se na esphera do facto e nos termos por elle marcados. Influiu até, em ultimo mas não menor resultado, no modo de comprehender e escrever a historia. Sem embargo, por virtude de influencias geraes contemporaneas mas um pouco, incontestavelmente, pela repercussão das tendencias da litteratura imaginativa, a historia começou a esquecer-se da narração dos feitos d'armas e

a emancipar-se do deslumbramento de façanhas heroicas e entrou com um esplendor sem precedente na resurreição integral dos seculos passados, tomando-lhes em conta todos os factores, apreciando e coordenando os multiplos poderes que collaboram na vida social dos povos e das nações, perante os quaes se reduz a proporções inferiores a efficacia da acção individual; dirigindo « as indagações historicas mais para o estudo da indole das sociedades do que para os actos dos individuos » (1); verificando a concorrencia do clima, da situação geographica, das raças e dos accidentes do destino nos caracteres das diversas civilisações, representando-as e reconstituindo-as na plenitude da sua substancia. Coube á novella historica um papel de feliz equilibrio, accudindo por um lado áquella necessidade de exactidão e rigor scientifico que cada vez se exigia com maior instancia, annunciando a prodigiosa altura a que a ergueu a segunda metade do seculo XIX, e por outro lado deixando ainda livre curso e largo campo á liberdade da imaginação, que a ruptura e ruina da antiga ordem e de vinculos caducos provocava a reclamar os seus direitos. Todo o devaneio e ingenua falsidade do romance

(1) *Opusculos*, tom. III, 2.ª edição, pag. 70.

historico, todos os seus exaggeros, correcções e corrupções, quasi invariavelmente motivados por desejos candidos de dar formosura e realce a muita cousa que merecia ser amada; os seus vicios e deficiencias estrictamente litterarios, porque para o produzir eram necessarios estudos aridos e, « no meio de estudos tediosos e positivos, é impossivel que o imaginar não descore, que o estylo não ganhe asperezas » (1), e obliteram-se faculdades creadoras essenciaes — todas essas faltas merecem prompta indulgencia, quando consideramos os beneficios de que elle foi vehiculo no progresso do pensamento humano. Que profundezas não cavou e abriu á nossa meditação a novella historica! Que clareza de visão do nosso ser não nos deu, como nos protegeu de fraquezas e errores dum imaginar sem lei, confiado a mero capricho, que estabilidade não nos infundiu! Com que delicia não nos insinuou o sentimento da immutabilidade das cousas e dos homens, a impossibilidade de nos esquivarmos a moldes, regras e sujeições, que se tornaram como ingenitas pela diuturnidade da sua influencia, e de que circumstancia alguma é capaz de nos isentar! Quanta vaidade desfez, que loucuras d'orgulho não dissipou, que

(1) *Monge de Cister*, tom. II, pag. 376.

vigor não nos infundiu, que alma nova e bella não ajudou a crear e a alimentar, em logar d'aquell'outra, desnorteada e turva, formada nos turbilhões da poeira intellectual e moral erguida do ruir do velho edificio! Convertendo-se em propulsor energico do conhecimento da historia, em todos os aspectos da vida social, e simultaneamente sua filha e escrava, a novella alimentada n'esse riquissimo manancial foi, sem duvida, obra de grande proveito na jornada das nações e dos homens para os reinos luminosos de paz e felicidade, a que tão lenta e dolorosamente se encaminha. De todas as bençãos são dignos os trabalhadores pacientes e apostolos que lhe desprenderam de nuvens a claridade.

Teve Alexandre Herculano a incontestada gloria de desbravar na litteratura portugueza esse campo tão fecundo como saudavel. Elle mesmo nol-o confessa na *Advertencia* do primeiro volume das *Lendas e Narrativas,* cujos merecimentos se lhe afiguravam minguados pela inexperiencia, pela « singeleza da invenção, pouca firmeza no contorno de alguns caracteres e o menos bem travado do dialogo » ; mas quiz colligil-as, tentando apenas preservar do esquecimento « as primeiras tentativas do romance historico que se fizeram na lingua portugueza, mormente dos esforços do auctor

para introduzir na litteratura nacional um genero duplamente cultivado, n'aquelles tempos, em todos os paizes da Europa ». « Na historia dos progressos litterarios de Portugal, desde que a liberdade politica trouxe a liberdade do pensamento, e que o engenho poude apparecer á luz do dia sem os anginhos de uma censura tão absurda na sua indole, como estupida na sua applicação e esterelisadora nos seus effeitos », n'essa historia, dizia, aquella nova edição, reunindo pequenos romances e narrativas, que andavam dispersos em volumes separados e em publicações periodicas, devia ser julgada principalmente com attenção « á prioridade das composições n'ella insertas, e á precisão em que, ao escrevel-as, o auctor se via de crear a substancia e a forma, porque para o seu trabalho faltavam absolutamente os modelos domesticos ».

Desconfiava do talento com que produzia as primicias d'essa renovação litteraria, mas tinha certeza e fé na fecundidade e belleza dos resultados que promettia, sobretudo no resurgimento moral que nos infiltraria. « Fossem as memorias da patria, que tivemos, o anjo de Deus que nos revocasse á energia social e aos santos affectos da nacionalidade. Que todos aquelles a quem o engenho e o estudo habilitavam para os graves e profundos

trabalhos da historia se dedicassem a ella. No meio d'uma nação decadente, mas rica de tradições, o mistér de recordar o passado era uma especie de magistratura moral, era uma especie de sacerdocio. Exercitassem-no os que podiam e sabiam; porque não o fazer era um crime. Que a arte em todas as suas formas externas representasse esse nobre pensamento; que o drama, o poema, o romance fossem sempre um ecco das eras poeticas da nossa terra. Que o povo encontrasse em tudo e por toda a parte o grande vulto dos seus antepassados » (1).

N'esse « quinto imperio de mentecaptos dissertadores e mexediços » (2), em que por sua desgraça se via involvido e de cuja inanidade e degradação tremia, n'essa liberdade de especulação e impudor que foi a primeira das liberdades asseguradas ao fim de tantas batalhas e sacrificios, já aterrado pela ruina e devastação de toda a casta, material e moral, no meio da qual se debatia, tropeçando e ensanguentando-se a cada passo nos destroços de tanta cousa querida e digna de ser amada, clamava aos homens de espirito são e coração puro que corressem a defender e guardar o

---

(1) *O Bobo*, pag. 31 e 14.

(2) *Monge de Cistér*, tom. I, pag. XII.

patrimonio das nossas infinitas riquezas, desbaratadas pelas mãos ignorantes e sacrilegas de ambiciosos depravados e sordidos, e de imbecis não menos funestos do que os mercantes ingenuamente avidos e cynicos. « Com a rapidez da colera ou da peste corria por todos os angulos de Portugal e encasava-se em todos os povoados uma cousa hedionda e torpe, que, inimiga do passado e do futuro, se chamava illustração; que tendo por logica o escarneo e por syllogismo o camartello, se chamava philosophia. Deus a mandára ao mundo como mandou Attila e a Inquisição, como um verbo de morte. Seu mistér era apagar todos os santos affectos da alma, e incarnar no coração, em logar d'elles, um cancro para o qual nossos avós não tinham nome, e que estranhos designaram pela palavra *egoismo*. Que se apressasse aquelle que quizesse guardar alquns fragmentos do passado para as saudades do futuro; porque a illustração do vapor e do atheismo social alli ia livelando o que foi pelo que era, a gloria pela infamia, a fraternidade do amor da patria pela fraternidade dos bandos civis, as memorias da historia gigante do velho Portugal pelo areal plano e pallido da nossa historia presente, a obra artistica pelos algarismos do orçamento, o templo de Christo pela espelunca

do rebatador. Que se apressasse; porque esses rastos dos antepassados que o tempo e os incendios, e os terremotos nos deixaram, não nol-os deixaria o descrer brutal d'aquelle seculo, que a historia distinguiria pelo epitheto de bota-abaixo, e cujo legado monumental para os seculos que viriam após elle seria um cemiterio immenso; mas cemiterio sobre o qual não se elevará sequer a humilde distincção d'uma cruz » (1).

Elle, por sua parte, dava-lhes exemplo. No sagrado trabalho a que chamava os outros era o primeiro, infatigavel no ardor com que lhe votára uma energia e capacidade de todo o ponto raras, e copioso na abundancia com que desentranhava diamantes de filões obscuros e nunca encetados, e até muitas vezes desprezados, estando aliás bem patentes á luz do sol, de continuo pisados pela vulgaridade obtusa. Foi assim que nos deu o *Eurico,* o *Monge de Cistér, Lendas e Narrativas, O Bobo* e mil outras pequeninas joias prodigamente dispersas onde quer que o seu genio passasse, em qualquer assumpto sobre que discorresse.

Sem duvida, nem sempre o fez com perfeição. Muitas d'essas joias ficaram por lapidar, ou melhor, foram lapidadas de modo que

(1) *Monge de Cistér,* tom. I. pag. IX a XII.

não lhes poz em evidencia todo o seu brilho. As suspeitas de Alexandre Herculano quanto á sua obra d'arte imaginativa, eram fundadas. « A singeleza da invenção » tocou por vezes a pobreza de esqueleto ; « a pouca firmeza nos contornos de alguns caracteres » aqui e além se manifesta, enfraquecendo-os por insufficiencia d'accentuação, não lhes facultando ensejo de intervirem em situações tão multiplicadas e diversas que a diversidade de conjunctura, coincidindo com a identidade de proceder, ponha bem clara a invariabilidade das feições ; e ao dialogo, embora habitualmente « bem travado », contra o que o auctor aventa, acontece com frequencia encurtar-se e terminar muito áquem do desenvolvimento necessario ao pleno effeito de impressão. Mas todas essas faltas, que em outros seriam grandes, porque a magreza das creações não lhes dispensava cuidados de trajo, a debilidade da estructura carecia de se occultar na opulencia do adorno e só por si, sem o amparo e esmero do involucro, não se sustinha nem realçava, todas essas faltas em Alexandre Herculano somem-se na torrente d'um cabedal avultado, cuja enorme somma nos confunde e avassala. Ou procure esboçar-nos o quadro d'uma epoca, como no *Monge de Cistér,* ou se restrinja ao desenho de simples incidentes, como nas *Len-*

das e demais obras d'igual natureza, a exuberancia da seiva que as nutre, a intensidade de vibração psychologica que as anima e o gráu de concentração em que tudo isso se nos revela, são um facto unico na litteratura portugueza, um limite nunca antes nem depois de Alexandre Herculano excedido ou sequer alcançado. O que nos fica na lembrança quando pousamos qualquer d'esses livros, por magïa igualmente deliciosos e severos, é um torvelinho indescriptivel de objectos estranhos e não menos estranhos espiritos. Se a riqueza é grande em materia descriptivel, trajos, moveis, armas, habitações, combates, festas, jogos, banquetes e bens do mundo, movimento e côr, não é inferior na prodigalidade de aspectos moraes; n'esse tropél de servos e senhores, no conflicto de dependencias e instituições, a violencia do drama, riqueza tambem e preciosa em todos os tempos, não cessa de jorrar um instante, agitando de ondas humanas as materialidades ambientes, espargindo-se em uma atmosphera de ambições, de cobiças, de hypocrisias, de traições, de heroismo e dedicação a par da mesquinhez e da perfidia, de grandeza e de miseria, de todas as paixões emfim que constituem e eternamente hão de constituir o supremo mysterio e seducção suprema da nossa alma. Porque todas essas

cousas que Alexandre Herculano resuscitou as tirou das cinzas, não para por si só reviverem mas para de novo se mostrarem nas suas relações com os homens; por isso que no passado adivinhou problemas d'uma actualidade perpetua, por isso os seus romances nos prendem e vencem, rendendo-nos á apreciação e ao peso de forças immortaes, communs ao passado e ao presente, mostrando-nos docemente o passado no presente e o presente no passado. Esta unidade da historia realisada na unidade do coração humano atravez de todos os tempos e modos, ergueu-lhe a phantasia litteraria a tal altura que não podia perturbar-se-lhe a grandeza por escassez de adornos, de refolhos de expressão ou fertilidade de invenção — revestimento, tantas vezes enganoso, d'uma real e profunda inanidade, supprida por alimento succulento para os que por sua fortuna e gloria foram dotados de excellencia authentica de faculdades.

Mas « no meio de estudos tediosos e positivos é impossivel que o imaginar não descore », dizia-nos o mestre no escrupulo da sua franqueza; e, por certo, dizendo-o tinha em lembrança a sua propria experiencia. Emquanto se afferrava a compulsar e a interrogar a historia, e o amor da patria lançára-o n'esse caminho e ahi o mantinha quasi sem admittir

desvio, o espirito tornou-se cada vez menos indulgente com os errores da imaginação, menos docil para as suas exigencias, menos affeiçoado aos seus prazeres; enamorado de realidade extrema, deixava affrouxar sem saudades impulsos creadores, e nem sequer tentara conservar-lhes a vivacidade primitiva. De facto, o sonho ia descorando; desvanecia-se. As tendencias, de sua natureza divergentes e algum tempo conciliadas por muito e subtil engenho, recobravam independencia e em campo proprio abrigavam-se da rudeza dos attritos que as enfraqueciam, inutilisando largo capital, sacrificando a embates e antagonismos bens valiosos, perdidos em restricções obrigadas e concessões mutuas indeclinaveis. O novellista e o poeta tinham de abdicar nas mãos do historiador, para o deixarem livre de toda a coacção, não todavia tão absolutamente que lhe privassem as obras dos reflexos da presença de tão leaes servidores, nunca de todo affastados, mas apenas distanciados o bastante para o dominio e evidencia da robustez herculea do mineiro e escriptor do passado. Desembaraçou-se do enleio em forças estranhas, e, desprendido das paixões e artificios que abalavam a affirmação e a impediam de accentuar-se e dilatar-se, foi então até onde o incitavam a chegar uma abundancia e valor

de materiaes desentranhados dos archivos e uma lucidez de interpretação, até aquella data ignoradas em terras portuguezas. Embora os caprichos de narrativas romanticas muito encantassem, estorvavam todavia o inteiro desenvolvimento da capacidade de revelação, justamente avida de ostentar-se na plenitude do seu vigor. Necessario se tornou ceder-lhe a preponderancia.

Singular fortuna! Exactamente quando a arte não buscava e só d'uma extrema exactidão historica cuidava, Alexandre Herculano produziu a sua mais bella obra d'arte. Em nenhum dos seus trabalhos, e é de notar que em toda a ordem do pensamento humano discorreu, alcançou a lucidez, a ponderação, a singeleza e a elasticidade de forma que attingiu na *Historia de Portugal*. Olhamos com temor para os seus quatro volumes bem providos de citações, de factos e referencias, tumidos de velharias extravagantes e termos obsoletos na linguagem e nos objectos que significavam, suspeitamos do peso do saber e agouram-se-nos enfados de repetições e minucias, de analyses prolongadas e discussões infinitas; e vamos encontrar uma suavissima lição, rapida sem insufficiencias levianas nem obscuridade de precipitações e lacunas, profunda sem oppressão e cansaço de dissertações

ociosas, sem a fadiga de esforços de attenção e applicação á destrinça de elementos agglomerados ao acaso e mal ordenados, lição tão segura quando tem motivos de affirmar como discreta quando pressente alguma duvida, infundindo-nos um encanto e confiança que d'um só golpe nos subjugam e nos arrancam applausos de admiração e de affecto sorridente e grato a quem nos concede um elevado e purissimo prazer e o fabricou, para nosso bem e cultura, á custa d'um trabalho gigantesco.

Exemplifiquemos. É desnecessario escolher, ou antes, é inutil. O tecido é d'uma tão unida igualdade que em todo o ponto ostenta a homogeneidade e o bem ligado da trama, a constancia da côr e a suavidade e rythmo da ondulação:

« A actividade de Sancho ou, talvez antes, do seu habil ministro, o chanceller Julião, é na verdade admiravel, se attendermos aos multiplicados objectos pelos quaes naquella epoca essa actividade se repartia. No meio de uma guerra violenta com Leão tratavam-se as graves questões politicas de que procurámos acima dar uma ideia, bem que necessariamente imperfeita. Não era, porém, só isso. Na mesma conjunctura em que se promovia a povoação por uma e outra margem do Tejo,

entregando-se ás ordens militares, principalmente aos templarios, vastos territorios, onde estas corporações poderosas pouco a pouco iam estabelecendo aldeias e granjas e fazendo arroteamentos, saiam de Portugal agentes encarregados de conduzir das regiões centraes da Europa novas colonias que supprissem a escasseza das que desciam das provincias septemtrionaes do reino. Este encargo devia ser dado com preferencia aos estrangeiros já estabelecidos no paiz e cujas relações com a sua patria natural os habilitava para atrairem novas migrações á patria adoptiva. A doação de Pontevel feita em 1195 ás antigas colonias da Lourinhã e de Villa Verde, presuppõe um incremento de população mais rapido do que poderia resultar do seu desenvolvimento natural: e assim cremos que esses municipios haviam augmentado com os aventureiros que vinham buscar melhor fortuna n'este paiz hospitaleiro. Entre as providencias que se davam já em 1198 para tornar menos solitarias as provincias meridionaes, devastadas pela longa e variada lucta da conquista e pelas recentes invasões dos almohades, foi uma das mais importantes diligencias a vinda de novos colonos. Offerecia esta gente duas utilidades; porque, não só servia para ir desbravando os logares ermos, mas era tambem

seminario d'onde se podiam transplantar para os campos de batalha valentes homens de guerra. Guilherme, deão de Silves, que, segundo parece, ahi ficára com o bispo Nicolau na occasião da tomada d'aquella cidade aos musulmanos, expulso da nascente diocese pela terrivel reacção de Yacub, passou a Flandres, d'onde voltou com bom numero de companheiros, deixando muitos outros alistados para depois o seguirem. Era o chefe principal d'esta colonia flamenga um certo Raolino (Raulin?). Destinaram-lhes para se estabelecerem uma parte dos largos campos que se estendem entre Santarem e Alemquer, dando-se-lhes por termos as varzeas que o Tejo fertilisa com as suas enchentes e que já eram conhecidas n'aquelle tempo pelo nome de Leziras. Entre elles fundaram a villa-dos-francos (Villa-franca), designação que depois se mudou na de Azambuja. Raolino foi feito alcaide-mór do novo municipio e, homem talvez pobre e obscuro no seu paiz natal, honrado e enriquecido agora pelo principe portuguez, viu prosperar no processo de uma dilatada existencia aquelle simulacro da patria que levantara para si e para os seus em terra estrangeira, mas amiga » (1).

---

(1) *Historia de Portugal*, 3.ª ed., tom. II, pag. 93 e 94.

Passemos algumas paginas. Não teria sido esta lucidez e serenidade maravilhosas um momento de feliz disposição, e porventura toda a obra estará repassada de igual encanto? Experimentemos uma outra passagem:

« Aquillo em que o reinado de Sancho tem acaso mais subida significação historica é em ter então começado esse facto tão variado como complexo que se protrae por tres seculos e que constitue a principal feição publica da nossa edade-media. Falamos da alliança do rei e dos concelhos contra as classes privilegiadas, o clero e a fidalguia. N'estas primeiras phases da lucta ha não só um começo, mas tambem um resumo ou, antes, um symbolo de toda ella. Os burguezes do Porto, acomettendo o seu bispo e o seu senhor com os officiaes da coroa, sequestrando-lhe os bens, expulsando-o coberto de ignominia e affrontando a colera dos membros da poderosa familia de Martinho Rodrigues, são o typo da resistencia e da má vontade que nos municipios e nos reis acharam geralmente as duas altas classes do estado, até a monarchia obter d'ellas final e decisiva victoria. Sancho, abandonando os habitantes do Porto, transportando, digamos assim, a sua força inerte de moribundo para o campo adverso, associando-se, até, ao clero para ajudar a submetter os burguezes,

dava um deploravel exemplo aos seus successores e entibiava os animos populares para as futuras contendas. Não póde, apesar d'isso, condemnal-o a historia, pois que tudo parece indicar que os ultimos mezes da sua vida foram uma dilatada agonia; e se ainda n'estes nossos tempos, em que o sentimento religioso se acha atenuado e frouxo, almas que se dizem rijamente temperadas vacilam ao aproximar-se a morte e se acurvam, não só aos terrores salutares e santos da religião, mas até muitas vezes ás crenças supersticiosas da infancia, que revivem então importunas, como deixaremos de desculpar um homem ignorante e credulo, nascido numa epoca ferrea, de sacrificar á voz dos remorsos, muitos dos quaes seriam legitimos, tanto as conveniencias como a lealdade politica? » (1).

Não foi, porém, esta arte incomparavel na subtileza de analyse, de conjuncção e de expressão, não foi esta virtude que os contemporaneos e a posteridade reconheceram mais promptamente na *Historia de Portugal.* A impressão do pasmo pela renovação da historia e pela fortaleza de verdade que a acompanhava e a tornava subsistente, esse foi o impeto que de subito lhe deu um logar de

(1) *Historia de Portugal*, tom. II, pag. 137 e 138.

excepcional proeminencia. Consideravamos a nação uma tarefa cavalheiresca do genio militar rematada com bom exito, questão de audacia militar e fortuna na peleja, de paixão da guerra e de conquista, consequencia dos dotes dos reis e principes, do seu temperamento e do seu querer, uma intriga de acções generosas e de cobiças vãs; raras arremetidas de justiça atropeladas por muita traição e vingança, revoluções e luctas saidas de roubos, violencias e especulações de senhores ambiciosos, despoticos, mais rudes ainda na alma insensivel e sem escrupulos do que no corpo prompto a toda a fadiga, dureza e excessos. Consideravamos a historia patria obra da vontade d'alguns homens, e Alexandre Herculano, sem lhes contestar a intervenção, antes examinando-a e verificando-a em toda a latitude, rasgava-nos caminhos novos para a descoberta de origens da vida nacional inteiramente occultas. Graças a processos de investigação e methodos de correlação aprendidos no estudo paciente dos mestres estrangeiros e por elle nacionalisados, importando-os e empregando-os com uma habilidade que o collocava a par dos maiores e mais destros n'essa ordem de conhecimentos e nos seus espantosos progressos, mostrava-nos a multiplicidade das forças que haviam cooperado na

constituição da nação portugueza, a influencia de tradições seculares e até da simples fatalidade, a pressão de massas anonymas da villanagem e do povo ao lado das façanhas dos capitães, o destino e o instincto das raças superior ás ambições dos chefes prepotentes, que em seu proveito proprio as guiavam e serviam, a surda e lenta elaboração do sentimento da collectividade, confuso e frouxo, sobrepondo-se, em uma ascenção penosa, á absorpção de tyrannias d'um ferino egoismo despotico, embriagando astuciosamente as multidões em fumos de gloria emquanto as acorrentava aos seus insaciaveis apetites. Collocando nas suas relações de existencia e dependencias logicas os factores da vida nacional, muitos dos quaes foi exumar do acervo informe de documentos e chronicas onde jaziam inuteis e suffocados no logar para que o acaso os atirará, juntando um trabalho colossal de investigação a um talento de organisação e interpretação sem precedentes na litteratura portugueza e entre os seus raros e apagados pensadores e philosophos, Alexandre Herculano fez para alguns seculos do passado o que mais tarde Oliveira Martins conseguiria para algumas decadas da politica contemporanea.

Note-se — a impressão de surpreza foi nos dois casos identica, como identicos foram o

louvor e a condemnação que se lhe seguiram; louvor dos que prezam a lucidez de entendimento e a clareza de consciencia, e creem na sua efficacia para a fortuna dos povos; e condemnação dos que, fanatisados e tresloucados pelo interesse de castas, de classes, dos bandos e das clientelas, só esses veem e sabem defender com acrimonia exaltada, quando o bem publico lhes exige o cerceamento e a quebra de regalias ou o espirito de justiça lhes denuncia as oppressões, os crimes e torpezas a que recorreram e recorrem para acrescentar e conservar o seu predominio nefasto.

II

Porventura tinham razão esses muitos que deixaram passar sem reparo a delicada e peregrina belleza de arte na *Historia de Portugal,* para attentarem sómente na soberba e tremenda lição que ella encerrava, lição moral sobretudo. Os primores litterarios, por muito notaveis que se tornem e por muita suavidade que deem á vida, são na verdade cousa inferior perante as forças intimas que regulam o coração humano e determinam a nobreza ou a degradação, conforme triumpham ou são vencidas. Tinham razão. A lição que Alexandre Herculano para si mesmo tirava do estudo da historia, mostrava cabalmente aos estranhos o que tinham a aproveitar na meditação da sua obra. Se é certo, como algum disse, que a historia é a philosophia ensinada pelo exemplo, alli tivemos uma extraordinaria demonstração da justeza de semelhante conceito.

Foi folheando a historia patria que Alexandre Herculano concebeu e nos desvendou na terribilidade tragica do seu inferno as profundezas da injustiça social. Foi alli que, registando os conflictos de classes e os desmandos,

abusos e rapinas dos senhores, conheceu e nos denunciou os crimes da sociedade, acautelando-nos contra a nossa propria quéda em orgulhosas demencias de virtude, satisfeita e pedante nas commodidades da sua condição e alheia de sensibilidade e intelligencia aos males gerados d'ella mesma. « Mentirosa, corrupta e má, cheia de erros, preoccupações e vicios, damnada nas instituições e nas leis, nas crenças e nos costumes », a sociedade, disse-nos Alexandre Herculano em conclusão do estudo dos factos que lhe corroborava os impulsos do coração, « educa as gerações e os individuos, legando-lhes largo capital de perdição; e quando os arbustos plantados em terra peçonhenta, tendo bebido uma seiva venenosa produzem seus fructos de morte, o mundo, ao mesmo tempo malvado e hypocrita, horrorisa-se, abomina a sua obra, e ajuntando-se á roda do cadafalso dos suppliciados, que elle proprio lá conduziu, saúda uma cousa, a que pôz por nome justiça, e que não é mais que uma desculpa embusteira da ignorancia e de perversidade, não do individuo criminoso, mas desse vulto hediondo e informe chamado sociedade, para o qual não ha nem leis, nem punição nem algozes » (1).

---

(1) *Monge de Cistér*, tom. I, pag. 61.

Se, hoje, um alto espirito caustico da actualidade (1), definindo a noção corrente de justiça entre os que se orgulham de a praticar, nos diz que, « quando o homem mata o tigre é um sport e quando o tigre mata o homem é uma ferocidade, e a relação entre crime e justiça é pouco mais ou menos isso », comparamos o seu indignado escarneo com a maldição inflamada do poeta e verificamos que o poeta não leu menos claro nas paginas da historia do que o moralista na observação do espectaculo quotidiano d'um mundo turvado de violentissimas paixões e possuido de pretensões estultas de haver encarnado a rectidão. Por ahi podemos avaliar a natureza do scismar do grande historiador, quando nas vigilias se curvava sobre os pergaminhos da terra natal: que cordas vibravam então no seu peito, que divino e solemne canto ellas soltaram, redemptor e austero.

Tudo aquillo que o apostolo carecia de saber e confirmar em sua consciencia, tudo a historia lhe dizia.

A obra demolidora da revolução, a que se associou com tão claro applauso, não seria um acto de ruina e destruição, mas sómente o desafogo e desobstrucção das tendencias

(1) George Bernard Shaw.

evolutivas nacionaes. Para se continuarem e perfazerem, careciam d'essa violenta remoção de obstaculos que as prendiam e paralysavam. Aborrecia o modernismo. Detestava a mania das imitações estrangeiras. « Deplorava profundamente essa abdicação vergonhosa da razão nacional ».

A liberdade, aspiração suprema da sua geração e da sua alma, não seria uma innovação trazida de terra alheia pela phantasia aerea de sonhadores; era uma planta nascida e creada no solo da sua patria e apenas calcada e esmagada, mas não morta, aos pés da crueldade despotica dos reis e dos ministros do estado.

« As tradições de que tinha saudade, o passado que amava, não eram lendas absurdas, inventadas por interesses mundanos, dos quaes, por mais graves que fossem, nem a philosophia nem o christianismo consentem se faça o céu instrumento. Nos tempos que foram o que lhe sorria, não só como saudade, mas tambem como esperança eram as tradições d'essa liberdade primitiva, posto que incompleta, filha primogenita do evangelho, que elle gerara para mãe, para abrigo das sociedades da Peninsula; d'essa liberdade, rude e turbulenta como uma creança educada á lei da natureza, mas como ella robusta e viçosa; d'essa liberdade que se estribava nos

habitos, que resultava de instituições positivas e exequiveis, e não de instituições copiadas quasi ao acaso da primeira theoria que tivesse transposto os Pyreneus; d'essa liberdade que tornava a monarchia uma cousa santa, necessaria, indestructivel, e que a monarchia, por desgraça sua e nossa, foi lentamente esmagando debaixo do seu throno, formado dos infolio, politicamente fataes, do Digesto, do Codigo e das Glossas e commentarios das escolas d'Italia; d'essa liberdade que, desenvolvida e organisada logicamente com a sua origem, nos teria poupado talvez á gloria immensa, mas para nós mais que esteril, de nos convertermos em victimas da civilisação da Europa, de revelar o Oriente á sua cobiça, para logo virmos assentar-nos extenuados num occaso de tres seculos; d'essa liberdade que nos teria salvado por certo de um longo estrebuxar em esforços impotentes de emancipação, que tomámos como lições de estranhos, e que era mais velha para nós do que o era para elles. Eis aqui a maravilha, melhor que milagres imaginarios, na qual não só cria, mas tambem esperava » (1).

O apostolo ardente d'essa crença « amaria o passado do seu paiz e as suas tradições

(1) *Opusculos*, tom. III, pag. 65 e 66, 2.ª edição.

primitivas. Desejava-lhe uma maneira de ser logica com as suas origens, porque, nas formulas sociaes de cada nação no berço, tudo vinha naturalmente; as instituições derivam dos instinctos de liberdade innatos no coração do homem, das suas necessidades materiaes e moraes, que a força então despreza e algumas vezes reduz ao silencio, mas que ninguem pensa em sophismar. N'esta epoca da vida dos povos, ha muitas cousas incompletas, barbaras; muitos absurdos de detalhe; mas a estructura da sociedade nunca era absurda. Essas epocas são em geral ainda muito grosseiras para a inanidade de legisladores chimericos, fabricantes de systemas, jurisconsultos encarregados de embrulhar os usos simples do povo. Queria que se prendesse a liberdade moderna á liberdada antiga ». Não importava o facto desamor ou menosprezo do progresso e das alterações que no seu juizo seriam como phases de um desenvolvimento organico. « Amava as cousas antigas mas não amava as velharias. Porque sabia que, estudando as instituições da nossa edade-media, lá descobriamos quasi todos os principios de liberdade que julgavamos haver descoberto em nossos dias; porque ahi via garantias mais reaes, no fundo mais solidas do que aquellas que gozavamos, não se seguia

que desconhecesse a experiencia dos seculos, as vantagens da civilisação e as verdades adquiridas para as sciencias sociaes ». As instituições que procurava derrubar eram apenas uma sobreposição funesta aos principios em que a nação portugueza se constituira. Não attentava contra a tradição nacional, desenterrava-a e limpava-a da corrupção em que andava perdida, embora a corrupção pretendesse abrigar-se e defender-se « na sombra santa dos tumulos, dourada pelo sol de milhares de dias ». « Desafiava quem quer que fosse a provar-lhe que as instituições que Mousinho lançou a terra tivessem existido antes do seculo desesseis, ou que, no caso affirmativo, houvessem chegado ao começo do seculo desenove sem terem sido desnaturadas, a ponto de se tornarem completamente desconhecidas: desafiava-o a provar-lhe que n'essa epoca satisfaziam de qualquer modo ao seu destino primitivo; a provar-lhe, emfim, que o que se chama meios de governo fosse outra cousa senão meios de absolutismo » (1).

A tolerancia religiosa, sonho das grandes almas dos seus companheiros da epopeia liberal, encontrava-a tambem na historia. A

(1) *Opusculos*, tom. II, pag. 217 e seg., 2.ª edição, Lisboa, 1880.

ambição, porventura intangivel para o inveterado despotismo latino, pela qual se derramava tanto sangue e se exaltava tamanho esforço de meditação e de propaganda, isso que parecia um reino novo, conquistado pela philosophia e por ella arrancado ao fanatismo cruel de sectarios tenebrosos, a tolerancia, seria para Alexandre Herculano uma singela tradição de bons tempos da vida nacional. Seguissemos-lhe o rasto; conduzia a paraisos de candida e repousada fraternidade. E contava, rememorando a jornada em que a abençoada curiosidade do historiador lhe trouxera por lá o pensamento:

« Restello, como quasi todas as aldeias das cercanias de Lisboa, parecia quasi uma terra musulmana ainda no fim do seculo XIV. Ainda então avultava, entre a raça goda e christã, a raça africana-arabe. Até esta epoca, ou antes até quasi o fim do seculo seguinte, as Hespanhas offereciam um phenomeno unico, talvez, na historia: o de tres povos, sectarios de tres religiões inimigas, vivendo juntos, e cada qual adorando Deus a seu modo, sem que por isso viéssem ás mãos, apesar de todas essas crenças serem persuasões profundas, e por conseguinte exclusivas. As tres religiões eram o christianismo, o islamismo, e o judaismo: o primeiro dominante, o segundo

tolerado, o terceiro consentido. Nobres, cavalleiros e o grosso dos burguezes pertenciam ao primeiro, os homens de trabalho, em boa parte, ao segundo, os mercadores, em grande numero, ao terceiro. E acima do Evangelho, e da Toura, e do Alcorão, havia um livro que fazia o que nunca souberam fazer os commentadores de cada um d'elles; um livro que os conciliava. Esse livro era a lei. A lei protegia os diversos cultos nacionaes, sem que todavia fosse incredula, como as leis da tolerancia moderna... Por algumas d'estas leis, feitas na primeira metade do seculo XV, chegaram a ficar sujeitos a graves penas aquelles que ousavam offender estes desgraçados na unica herança que lhes restava, a religião de seus paes. Todavia não se creia que os legisladores ou o povo eram tibios na fé. Como religionario, o christão detestava, ou antes desprezava o mouro e o judeu; como cidadão vivia e tratava com elle. Nas leis relativas a estas duas raças reprobas, não ha uma só palavra que revele hesitação ou indifferença religiosa; mas vê-se que á sua promulgação presidiu a sabedoria. O fanatismo cego, bruto e feroz, veio-nos com as primeiras luzes de uma falsa civilisação, nos fins do seculo XV, e progrediu com ella por todo o seculo XVI. D'antes a raça christã tinha a consciencia

d'uma grande superioridade religiosa, e fazia-a valer na legislação; mas não confundia a crueldade e a intolerancia com as distincções que nascem da differença entre o superior e o inferior (1) ».

Internando-se nos labyrinthos da historia, nem sempre teve porém a alegria de contemplar suaves apparições bemfazejas, como essa de serena magnimidade que viu na aldeia de Restello, povoada de gentes para as quaes a adoração de Deus não era motivo de oppressão e odio entre os homens, e onde se mostrasse, em qualquer templo da sua eleição, ou erguesse um hymno a Christo ou o consagrasse ao propheta islamita, seria invariavelmente protegida pela largueza dos corações, pela severidade dos tribunaes e pelas armas dos magistrados da cidade. Por vezes o assaltaram espectros terriveis, em logar de apparições consoladoras; e, fiel ao seu apostolado, d'elles nos deu fidelissima imagem, sem occultar o pavor que lhe infundiam nem a temerosa suspeita de que desvairados impios tentassem restituir-lhes a vida para flagello da humanidade.

D'este modo, na presença de espectros hediondos, filhos legitimos de Satanaz, nega-

---

(1) *Monge de Cistér*, tom. I, pag. 73 e 76.

ção sacrilega de Deus, contou-nos Alexandre Herculano a *Historia da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal,* pamphleto, libello e homilia, extraordinario e unico de eloquencia, pelo calor da enunciação, pela solidez dos fundamentos, pela magestade altiva da construcção, pelo poder de dominio, por esse caracter augusto de sentença emanada, não do juizo fallivel dum homem, mas da auctoridade incontestavel da experiencia e legados das gerações. E, com aquella sinceridade perfeita que usava em todos os actos da sua vida, previamente confessou os motivos que o instigaram a facultar-nos essa lição soberba.

« Confundindo as ideias de liberdade e progresso com as de licença e desenfreiamento, o direito com a oppressão e a propriedade, filha sacrosanta do trabalho, com a espoliação e o roubo; tomando, em summa, por systema de reforma a dissolução social », certos homens e certas escolas traziam aterrada a classe media. Esse erro « de muitas intelligencias aliás eminentes e a quem, em parte, sobrava razão para taxar de viciosas ou de incompletas muitas instituições dos paizes livres, abria caminho e subministrava pretexto por toda a Europa a uma reacção deploravel. » Era um acontecimento grave

pelas consequencias materiaes e sobretudo pelas suas consequencias moraes; era o « espectaculo repugnante » da tyrannia, esmagando o governo representativo aos pés dos batalhões de infanteria e dos esquadrões de cavallaria, e demonstrando que os « exercitos permanentes, nascidos com o absolutismo e só para elle, com elle deviam ter passado para o mundo das tradições. » Mas a reacção moral que ia acompanhando a reacção material era mais grave para os destinos da liberdade e da civilisação e para as crenças dos seus fieis. Ouvia-se já o alarido da soldadesca embriagada: applaudia-o o vulgo, que saúda sempre o vencedor; applaudiam-no velhos interesses mortalmente feridos que agora se proclamavam alto « em nome do direito, em gritos de furor e ameaça »; applaudia-o a hypocrisia que, depois de minar debaixo da terra, surgia á luz do sol « balouçando o thuribulo e incensando todos os que abusam da força, declarando-os salvadores da religião, como se a religião precisasse de ser salva ou coubesse no poder humano destruil-a ». Renasciam os milagres em frente dos quarteis; « o cercilho e o bigode jogavam o futuro sobre o tambor posto em cima da ara ».

Isso era grave, era atroz. Mas havia ainda cousa mais grave. Entre os grupos que por

quasi toda a Europa aclamavam as saturnaes da reacção, havia um mais forte e mais perigoso, porque em muita parte era senhor do poder politico. Era o « d'aquelles que deviam quanto eram e quanto valiam aos triumphos da liberdade; que sem as lides dos comicios, dos parlamentos, da imprensa; sem o chamamento de todas as intelligencias á arena dos partidos; calcados por um funccionalismo despotico, por uma nobreza orgulhosa, por um clero opulento e corrompido, teriam fechado o horisonte das suas ambições em serem mordomos ou causidicos de algum degenerado e rachytico descendente de Bayard ou do Cid ou em vestirem a opa de meninos do côro de algum pecunioso cabido.

« Estes taes que trocaram o aposento caiado pela sala esplendida, o nome peão de seus paes pelos titulos nobiliarios, a sapato tauxiado e o trajo modesto do vulgo pelos lemistes e setins cortezãos, cobertos d'avelorios e lantejoulas, das condecorações com que o poder costuma marcar os seus rebanhos de consciencias vendidas », esses « sentiam esvair-se-lhes a cabeça com os tumultos eleitoraes, com as luctas da imprensa, com as discussões tempestuosas », e, sem se atreverem a abjurar a nova ordem mas atraiçoando-a, imaginavam desvario as necessarias e dolorosas experien-

cias e aterrados, « renegando as ideias que propugnaram », tentavam salvar pela restauração d'um « absolutismo cachetico e impotente » « as suas carruagens, mitras, bastões, veneras, rendas e dignidades ». Esse era o grupo « dos grandes miseraveis ».

Ao pé d'este, estava ainda a burguezia, timida, a tremer dos terremotos politicos, pela perturbação que traziam á sua avareza e ganancias. Começava a vêr na liberdade espoliações, esquecida das que o absolutismo creára, ferozmente protegia e de todo tinham trazido manietada nas ambições economicas essa mesma burguezia que agora se afreimava pelo grave risco dos seus haveres. Insensata e egoista, com o medo de perdas hypotheticas no futuro, auxiliava a renovação das oppressões que no passado a suffocavam.

« Felizmente, no meio das loucuras do terror, muitas almas fortes, muitas cabeças intelligentes tinham sabido conservar frio o animo para não abdicarem o senso commum » e não consentirem que espiritos vãos ou « corações fementidos fizessem das nações materia bruta das suas experiencias politicas ou preza das suas ambições desregradas », indo « aspirar a vida no cemiterio dos seculos ». Nós mesmos, « nação pequena e que a historia desconsiderava ainda pela ideia que

d'ella fazia », davamos n'esta parte mais de um exemplo de alta sabedoria a algumas das maiores nações.

« Em certa esphera e até certo ponto, a reacção geral tinha representantes entre nós. Cumpria combatel-a, não para convencer aquelles que sempre amaram o passado e nunca negociaram com as suas crenças, porque esses respeitava-os; mas para fortificar na fé liberal os tibios do proprio campo e premunil-os contra as ciladas dos transfugas ».

« Levado pelas suas propensões litterarias para os estudos historicos, era, sobretudo, por esse lado que Alexandre Herculano julgava poder ser util a uma causa, a que estava ligado, rememorando um dos factos e uma das epocas mais celebres da historia patria; facto e epoca em que a tyrannia, o fanatismo, a hypocrisia e a corrupção nos apparecem na sua natural hediondez. Quando todos os dias lhe lançavam em rosto os desvarios das modernas revoluções, os excessos do povo irritado, os crimes de alguns fanaticos, e, se quizessem, de alguns hypocritas das novas ideias, fosse-lhe licito chamar a juizo o passado, para vermos, tambem, onde nos podiam levar outra vez as tendencias de reacção, e se as opiniões ultramontanas e hypermonarchicas nos davam garantias de

ordem, de paz e de ventura, ainda abnegando dos foros de homens livres e das doutrinas de tolerancia que o Evangelho nos aconselha e que Deus gravou em nossa alma » (1).

A demonstração foi completa. Será difficil produzir mais persuasiva accusação das demencias crueis do despotismo do que essa estampada para sempre nas paginas da *Historia da Inquisição*. A irradiação do espectro correspondeu ao ardor da fé que o evocou para o anathematisar. Petrificados de terror ao vêl-o, não sabemos se nos fulmina a suspeita de que elle renasça da treva para nos infligir o martyrio, se nos faz cair prostrados a vergonha da prostituição da honra da especie, a perversão humana que affrontou até a presença da cruz de Christo e a sua imagem.

---

(1) Vid. o prologo da *Historia da Origem e do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*.

III

A historia, a cujo conselho Alexandre Herculano pedia o conhecimento dos homens e a confirmação das aspirações do seu genio, esclarecia-o e ditava-lhe de continuo regras de vida. Teria por isso de lhe traçar parallelamente uma politica, que não deve ser outra cousa senão a regra da vida publica, a expressão do dever civico, ampliando e completando o systema de obrigações com o proprio individuo e nas suas relações mais proximas.

Por esta ligação, o principio religioso do amor entre os homens, luz perpetua do apostolo em toda a contingencia, iria encontrar a definição concreta mais completa no povo, no ser anonymo, substancia e alma das sociedades, presente em todos os movimentos de caracter collectivo e modificando a communidade, imprimindo-lhe tendencias, direcção e forma, embora o resultado ultimo houvesse dado por longo tempo a illusão de ser obra do esforço de genios e heroes. Pulsava no povo a bondade do coração; esse dote tão cobiçado e raro entre os maiores, era vulgar

« nas ultimas camadas sociaes, onde o continuo roçar das privações e dores predispõe os animos para a compaixão » (1). N'elle se refugiava a franqueza e a sinceridade, a negação da mentira, principio fundamental de virtude e expressão primaria da religião ; o povo « póde ser injusto, voluntarioso, insolente, cruel ; póde arrastar pelas ruas bispos traidores, donas prostituidas, alcaides vendidos ao rei estranho ; mas tem uma virtude : é franco e sincero ; franco e sincero no seu amor e no seu odio ; usa verdade, e dil-a sem curar se dóe ou não dóe » (2).

O caracter do povo, comendo o pão com o suor do seu rosto, revestiria uma grandeza austera no labor rude, se o comparava com a dissolução e dissipação das aristocracias, de todo o tempo occultando sob o manto do cavalleiro e suas armas fulgurantes, avidez, luxuria e cobiça. Santificava-se, se o confrontava com os fidalgos do reinado de D. João I, jogando nas tavolagens « o producto dos terradegos, chavadegos e maninhadegos, das osas, gayosas e luctuosas, das eiras, angueiras, perangueiras, carreiras e fossadeiras, e dos mais fôros, direituras e costumagens em

(1) *Monge de Cistér*, tom. I, pag. 262.
(2) *Monge de Cistér*, tom. I, pag. 243.

adegos, em osas, em eiras, e em todas as rapinas possiveis da rapina legal e tradicional » (1). Clamava justiça e bradava aos céus, parecendo imploral-a do rei, quando pela bocca dos procuradores dos concelhos se lhe ia queixar « dos senhores, que, rodeiados dos seus vassalos e clientes, costumavam residir nas terras a elles sujeitas, e que, para evitarem os tedios da triste vida provinciana, consummiam em lautos banquetes, ás vezes n'um mez, as subsistencias d'um anno, esquecendo-se de pagal-as, queixa absurda, visto que elles por serem nobres não eram isentos das debilidades da retentiva humana; e se por ahi violavam donzellas e viuvas, segundo os artigos rezavam, menos por fartar paixões más o faziam que por benevolencia para com essa raça achavascada, meio-mourisca meio-servil, de labregos desagradecidos » (2).

Aquella mesma burguezia, cuja erupção Alexandre Herculano presenciava convertendo em desapiedadas usuras descaradas os sonhos da ingenuidade liberal que lhe facultou o poder, essa mesma, dissimulada em trajos de modestia e com gestos patrioticos, era aquell'outra, igualmente abominavel, que no

(1) *Monge de Cistér*, tom. I, pag. 219.
(2) *Monge de Cistér*, tom. I, pag. 227.

tempo de D. João I se viu representada a primor em mestre Esteveannes, « uma parcella rudimental d'essa classe media que se ia organisando no meio das transformações sociaes de edade media, classe cujos caracteres appareciam já no modo de pensar do honrado mester — a má vontade para tudo quanto a fortuna ou o berço pôz acima d'ella, e um orgulho tyrannico para com as camadas inferiores do povo, d'entre as quaes foi surgindo; — classe egoista e oppressora como a que substituiu em influencia e riqueza, e peior do que ella na hypocrisia, tendo na bocca a liberdade, a moral, a justiça, e no coração o despreso do pobre e humilde, a cobiça insaciavel, a vaidade e a corrupção; *classe,* emfim, ácerca da qual a historia terá no porvir de lavrar uma sentença ainda mais severa, do que ess'outra que já pésa sobre a memoria dos ferozes e dissolutos barões e cavalleiros dos seculos de barbaria » (1).

Não perdoou Alexandre Herculano á classe media a impostura e astucia que a tornou algoz quando jactanciosa apregoava a sua misericordia, como não perdoou nem podia perdoar o crime de lesa-sociedade e traição do seu mandato á monarchia absoluta, que

(1) *Monge de Cistér,* tom. II, pag. 70.

desrespeitou o povo e as instituições populares, « mostrando-se parenta proxima do liberalismo moderno no desprezo estupido e brutal dos mais venerados monumentos d'essas epocas de liberdade incompleta mas sincera, em que o monarca era o alliado dos povos, o braço que estes estendiam para annular a tyrannia da casta privilegiada, se ella ousava quebrar-lhes os seus foros, avexal-os ou opprimil-os » (1); degradando em comedia « qualquer cousa grande e forte », a vida municipal, que essa mesma monarchia absoluta legou « transformada em farça de titeres, ás hexarchias ministeriaes, que acceitamos benevolamente como governo representativo » (2).

Todas as formas do poder politico, todo o systema de direito publico em qualquer gráo que o presentisse, todo o dominio de senhores e classes Alexandre Herculano desamava, se opprimiam o povo e não eram filhos do seu genio. « A mais bella, mais energica e mais vivaz » instituição, derivada do principio da associação, a mais perfeita consubstanciação da aspiração commum no seu modo de ser politico, para elle « era e seria sempre o municipio » (3).

---

(1) *Monge de Cistér*, tom. II, pag. 152.
(2) *Monge de Cistér*, tom. II, pag. 137.
(3) *Monge de Cistér*, tom. II, pag. 78.

Ouçamol-o. Necessario se torna ouvil-o com mais pausa do que até aqui o temos feito. Tocamos no amago da sua politica, no coração da cidade que elle sonhou. Meditemos as suas palavras. Comparemos a sua concepção da sociedade politica com todas aquellas muito captivantes que architectaram os mais profundos pensadores do nosso tempo e os mais zelosos apostolos da democracia, ao fim de innumeraveis annos de estudo e de experiencias cruciantes que devoraram milhares de martyres. Talvez depois possamos entrevêr como o poeta, o crente e o historiador geraram o propheta, que clarão elle accendeu nos amortecidos fachos do passado para nos illuminar uma rutila estrada no futuro:

« Na essencia de todas as associações humanas, em todas as epocas e por toda a parte actuam dois principios: um da ordem moral, intimo, subjectivo; outro da ordem material, visivel, objectivo. E' o primeiro o sentimento innato da dignidade e da liberdade pessoal; é o segundo o facto constante e indestructivel da desigualdade entre os homens. As revoluções interiores das sociedades, as suas luctas externas, as mesmas mudanças lentas e pacificas da sua indole e organisação constituem phases mais ou menos perceptiveis do ascendente que toma um ou

outro d'esses principios em lucta perpetua entre si. Cavando até o amago de qualquer grande facto historico, lá vamos encontrar esse perpetuo combate. As conquistas, o despotismo, as oligarchias, seja qual fôr o seu nome, são manifestações diversas do predominio do mesmo principio de desigualdade, quer este se estribe na força bruta, quer na destreza e intelligencia, quer na propriedade: as resistencias, felizes ou infelizes, das nacionalidades ou das democracias, emquanto não degeneram na exclusão e na tyrannia do maior numero, são manifestações do sentimento da dignidade e liberdade humanas, do principio subjectivo ou de consciencia. Factos ambos innegaveis e indestructiveis, a grande questão social é equilibral-os, e não tentar o impossivel, pretendendo annular um ou outro: porque foi Deus quem estampou um na face da terra, ao passo que escrevia o outro no coração do homem. A inutilidade dos esforços d'este seculo para assentar a sociedade em novas bases, a frequencia dos terriveis abalos que agitam a Europa tentando regenerar-se não procedem, porventura, senão do exclusivo dos partidos que representam as duas ideias, da negação de legitimidade com que mutuamente se tratam. Sobranceiras ao immenso campo de batalha onde se disputa o

futuro, duas tyrannias esperam que se resolva a contenda para vêr qual d'ellas se assentará no throno do mundo, a democracia absoluta, que desmente a lei natural das desigualdades humanas, ou a oligarchia oppressora e materialista que se ri das aspirações do coração, que não crê na consciencia das multidões, que confunde o facto da superioridade com o direito de opprimir as classes populares, cujos membros são para ella simples machinas de producção destinadas a proporcionar-lhe os commodos e gosos da vida. Seja, porém, qual fôr o desfecho do combate, a paz que resultar do triumpho exclusivo dum dos principios nunca será duradoura; porque esse triumpho importa a condemnação de uma lei eterna, que não é licito offender impunemente: nunca a liberdade e a paz poderão subsistir emquanto concessões mutuas não tornarem possivel a coexistencia e a simultaneidade dos dous principios.

« A historia dos successos politicos que não é senão o resumo das experiencias do genero humano, quer se refira á vida interna, quer á vida externa das nações, cifra-se em descrever phenomenos mais ou menos notaveis dessa lucta interminavel. Á conquista emprehendida ou realisada pelo mais forte corresponde a resistencia ou a reacção do

mais fraco, ao despotismo de um as conjurações de muitos; á opposição oligarchica a revolução democratica. Nenhum, porém, d'esses factos traz uma situação definitiva. Na conclusão da peleja em que um dos principios triumpha absolutamente começa a preparar-se a victoria do principio adverso. D'este modo a historia encerra um protesto perenne da liberdade contra a desigualdade, digamos assim, activa, e ao mesmo tempo attestanos que todos os esforços para a substituir por uma igualdade absoluta teem sido inuteis e que esses esforços ou degeneram na tyrannia popular, no abuso da desigualdade numerica, ou fortificam ainda mais o despotismo de um só, ou o predominio tyrannico das oligarchias da intelligencia, da audacia e da riqueza.

« Allumiada pelo clarão do evangelho triumphante, a edade media, epocha da fundação das modernas sociedades da Europa, offerece no complexo das suas instituições e tendencias um começo de solução ao problema que o mundo antigo não soubera resolver. Causas diversas preparam, durante os seculos XIV e XV, o estabelecimento das monarchias absolutas, que impediram o desenvolvimento logico d'aquellas instituições, na verdade barbaras e incompletas mas que, apezar da sua imperfeição e rudeza, continham os elementos do

equilibrio entre a desigualdade e a liberdade. Longe de negar ou condemnar com colera infantil as differenças de intelligencia, de força material e de riqueza entre os homens, ou de tentar inutilmente destruil-as, a democracia da edade média, representante do principio de liberdade, confessava-as, acceitava-as plenamente, acceitava-as até em demasia; mas, por isso mesmo, mostrava instinctos admiraveis em organisar-se e premunir-se contra as tendencias anti-liberaes d'essas superioridades. Foram semelhantes instinctos que produziram os concelhos ou communas; esses refugios dos foros populares, essas fortes associações do homem de trabalho contra os poderosos, contra a manifestação violenta e absoluta do principio de desigualdade, contra a annulação da liberdade das maiorias. Em nosso entender, a historia dos concelhos é em Portugal, bem como no resto da Hespanha, um estudo importante; uma lição altamente proficua para o futuro; porque estamos intimamente persuadidos de que, depois de longo combater e de dolorosas experiencias politicas, a Europa ha-de chegar a reconhecer que o unico meio de destruir as difficuldades de situação que a affligem, de remover a oppressão do capital sobre o trabalho, questão suprema a que todas as outras nos pare-

cem actualmente subordinadas, é o restaurar, em harmonia com a illustração do seculo, as instituições municipaes, aperfeiçoadas sim, mas accordes na sua indole, nos seus elementos com as da edade media. Sem ellas, o predominio do despotismo unitario, o do patriciado do capital e da força intelligente, que sob o manto da monarchia mixta domina hoje a maior parte da Europa, ou o da democracia exclusiva e odienta, expressão absoluta do sentimento exaggerado da liberdade, que ameaça devorar momentaneamente tudo, não são a nossos olhos senão formulas diversas de tyrannia, mais ou menos toleraveis, mais ou menos duradouras, mas incapazes de conciliar definitivamente as legitimas aspirações da liberdade e dignidade do homem em geral com a superioridade indubitavel e indestructivel d'aquelles, que, pela riqueza, pela actividade, pela intelligencia, pela força, emfim, são os representantes da lei perpetua da desigualdade social.

« A historia da instituição e multiplicação dos concelhos é a historia da influencia da democracia na sociedade, da acção do povo na significação vulgar d'esta palavra, como elemento politico » (1).

---

(1) *Historia de Portugal*, tom. III, pag. 223 e seg., 3.ª edição.

Porque esse elemento politico era na vida social das nações o elemento vital, Alexandre Herculano teria de applaudir, e eloquentemente o fez, a obra revolucionaria de Mousinho da Silveira. Que fôra ella senão um resgate de servidões do povo?!...

Aboliu os dizimos ecclesiasticos e os direitos de senhorio, e por esse modo libertou a propriedade e o trabalho agricola, a pequena industria e o pequeno commercio de dois terços dos impostos que sobre elles pesavam, dos quaes o fisco recebia apenas uma parte minima. Separou as funcções judiciaes das administrativas. Organisou os tribunaes de justiça. Deixaram de ser pessoaes e hereditarios os empregos publicos. Decretou a liberdade do ensino. Deu o primeiro golpe nos morgados, supprimindo os de rendimento inferior a duzentos mil reis. Secularisou um certo numero de conventos e lançou as bases para a suppressão gradual e total dos estabelecimentos d'este genero e das outras corporações ecclesiasticas não comprehendidas na verdadeira hierarchia da egreja, suppressão « mais tarde realisada com uma imprevidencia e uma brutalidade inauditas, e, o que foi peior, inuteis ». Limitou as sisas ás transacções sobre bens de raiz, e reduziu-lhes a importancia a metade, a até a menos de

metade em certas hypotheses. Aboliu monopolios como o do sabão, da venda do vinho do Porto, e outros. Á liberdade politica, que os concelhos traduziam, era necessario que correspondesse a liberdade moral e principalmente economica, que as leis de Mousinho decretavam. « Era necessario arrancar o povo das garras do absolutismo que o estrangulavam; e para o conseguir o meio mais seguro e certo era cortar-lh'as ». Foi isso o que o duque de Bragança fez; e o povo comprehendia-o. Não « a populaça, que não reflectia; que quasi não tinha interesses materiaes ou moraes dependentes das medidas do gabinete Mousinho; que todos os dias era prégada, excitada, fanatisada por padres e frades. Essa parte da nação era então o que é hoje, o que será amanhã. Gostava de mendigar ás portas dos conventos e das abbadias, e alistar-se entre a creadagem dos donatarios da corôa, dos commendadores, dos capitães móres, de todos aquelles que viviam do producto dos velhos impostos, que as instituições e as leis tornavam legaes, mas que a justiça, a razão e a humanidade tornavam illegitimos »; essa não podia apreciar os decretos de Mousinho. Mas ess'outro povo que é « alguma cousa de grave, de intelligente, de laborioso; os que possuem e trabalham, desde o simples ren-

deiro ou o trabalhador do seu proprio campo até ao grande proprietario; desde o bofarinheiro e o tendeiro até ao mercador por grosso; desde o official até ao fabricante »; estes espalhavam, liam e comentavam as leis de Mousinho; « comparavam os seus resultados necessarios com os pesados cargos que esmagavam as classes laboriosas e impediam todo o progresso »; e debalde o partido realista tentava obstar ao effeito moral d'aquelles decretos sobre o espirito dos que elles favoreciam.

E porque o povo as apreciava e applaudia, por isso Alexandre Herculano, que via no dominio do povo a victoria da liberdade, applaudiu as medidas de Mousinho, « vassoura immensa de instituições carunchosas », « que embaraçavam a seiva da vida social e formavam os contrafortes do absolutismo ». Tinha presentes, porque a historia lh'os havia pintado, os quadros da oppressão do antigo regimen. Vira « no pateo de cada granja, na eira de cada campo, no limiar de cada adega os agentes do commendador ou do bispo, do capitulo ou do abbade, do donatario e do alcaide-mór a pedirem, um a dizima, o outro o quarto, um outro o oitavo do rendimento total dos cereaes, do vinho, do linho, do azeite, de quasi todos os productos ». Sabia que a miseria do paiz

havia de perpetuar-se « emquanto se encontrassem aquelles agentes, computando aqui quantos carros de milho o lavrador devia, em virtude de um foral de Affonso I, a um gordo senhor bochechudo, companheiro divertido, illustre vadio, vindo de nobres avós, mas que por certo não havia herdado a corôa do dito Affonso I; enumerando acolá uma ladainha de rendas, com nomes heteroclitos e barbaros, exigiveis da choupana e da granja; emquanto se visse ainda por cima, quando o pobre cultivador cahia exausto, o coração rasgado de dôr, sobre os restos do fructo do seu trabalho, chegar o exactor fiscal e pedir, em nome do rei vivo, novos dizimos e outros impostos que não se lhe havia tirado em nome dos reis mortos » (1). A injustiça contra o povo, filho dilecto de Deus porque consagra o amor pelo trabalho, clamava indignada na alma do poeta, e por isso elle abençoava a obra do dictador revolucionario.

Esse povo, porém, que ella amava e queria enthronisado e defendido nos baluartes do municipalismo, não seria um rebanho de animaes possantes, bem mantido no seu vigor bestial, selvaticamente alheio á grandeza moral da humanidade. Seria livre e forte, mas

(1) *Opusculos*, tom. II, *Mousinho da Silveira.*

para « ser livre, era necessario que fosse religioso e honesto; e para que fosse religioso e honesto era necessario que conhecesse as doutrinas do Evangelho, que não são mais do que a confirmação divina da moral universal. Em vez de inculcar crendices ao povo, cumpria inculcar-lhe os principios do christianismo, e as consequencias d'aquelles principios: cumpria illustral-o em vez de o conservar na ignorancia: fazer-lhe sentir que a força de praticar grandes e nobres sacrificios, tão recommendados por Jesus, é o caracter que distingue o espirito immortal do homem do instincto que anima as alimarias. Era preciso convencel-o de que o patriotismo, de que esse puro e santo affecto que nos faz abandonar os commodos domesticos, as affeições do coração, e arrostar com a fome, com a sede, com a nudez, com a intemperie das estações, para irmos morrer n'um campo de batalha, salvando a terra em que dormem nossos maiores, defendendo a cruz do nosso adro, a vida de nossos paes, a honra de nossas irmãs e mulheres, é a manifestação mais solemne da energia do espirito humano, e da abnegação christã » (1).

Quereria o povo glorioso, mas a gloria que lhe appetecia era a do trabalho e a do amor.

---

(1) *Opusculos*, tom. III, pag. 111.

E definia-a. Era indispensavel definil-a porque, precursores de uma reacção do despotismo que em nossos dias teve suas horas de favor e de triumpho com o nome de imperialismo, já em tempo de Alexandre Herculano havia « homens de novas ideias, que se diziam cheios de illustração e philosophia », para os quaes « onde quer que perecessem milhares de homens, combatendo por interesses que não comprehendiam, ou por torpe cobiça; onde quer que o ferro e o fogo arrasassem as cidades, despovoassem os campos, embora d'essas cidades e campos nenhum mal tivesse vindo aos seus destruidores, havia uma gloria sem mancha, immensa, immarcessivel. Herdeiros pequeninos e pacificos dos gigantes da assolação, dos Tamerlans, dos Attilas e dos Gengiskans, avaliavam pela estimativa d'aquelles illustres selvagens as façanhas dos proprios avós. Se a historia pergunta: — Acaso esses combates em que, sem duvida, se praticaram grandes feitos, foram uteis ao progresso material e moral do povo em cujo nome se pelejaram, ou trouxeram a sua decadencia? Está ou não essa gloria militar, aliás indisputavel, assombrada por grandes crimes? Foi a intenção, a qual só determina o valor moral das acções, nobre, grandiosa, pura, ou teve motivos menos elevados? Foi um arrojo, um impeto

nacional, ou um impulso dado pela ambição, ou pelo capricho de algum principe? — A historia que faz estas perguntas ou outras analogas, porque esse é o seu dever, commettia aos olhos dos taes um crime de leso-patriotismo... O povo, affirmam elles, ha de moralisar-se pelas tradições da sua grandeza e gloria. O povo! Pois o povo que tantas vezes trata de perto a fome e a nudez; cuja vida, desde o berço de farrapos até á enxerga rota em que fenece, vae travada de receios, de sobresaltos, de desalentos e de agonias, pensa lá nas cutiladas que se deram, nas bombardadas que se despediram, ha tres ou quatro seculos, por mãos d'uns homens, cujos nomes e cujas façanhas se memoram n'uns livros que elle nunca leu, porque não sabe lêr, nem tem dinheiro para pão, quanto mais para livros? Que são essas palavras retumbantes de regeneração pelas tradições, senão sons ôcos, que não correspondem a nenhuma ideia? Supponhamos, porém, que todas essas recordações chegavam ao povo. Podem ellas servir-lhe de exemplo, de lição para as suas necessidades actuaes? N'um paiz onde a riqueza passageira destruiu os habitos do trabalho e da economia, entorpeceu pela miseria, resultado infallivel da prosperidade ficticia, a energia do coração, que faz luctar o homem com a

adversidade e vencel-a, de que serve estar de continuo a prégar ao povo: — " Teus avós levaram o terror do seu nome aos confins do mundo, saqueiaram e queimaram emporios opulentos em plagas remotas, metteram a pique poderosas armadas, derribaram os templos alheios, violaram as mulheres estranhas, passaram á espada os que eram menos valorosos que elles, abriram caminho ao engrandecimento dos outros povos da Europa, e affeitos a gosos faceis, deposeram aos pés do absolutismo as suas velhas franquias, beijaram os grilhões que lhes deitavam aos pulsos porque eram dourados, e tornaram-se ludibrio do mundo ". — Estas lições é que hão de ensinar a actividade no trabalho, a severidade nos costumes, o amor da liberdade moderada, mas verdadeira, o direito de cultivar as artes de paz, no meio de um paiz decadente, cuja unica esperança de salvação está em se desenvolverem n'elle essas e outras tendencias analogas? Não! O povo, que tem mais logica do que os prégadores de vãos apophtegmas, ha de concluir outra cousa d'ahi; ha de concluir que é assaz fidalgo para não contrahir habitos villãos e ruins. De historias d'aggressões e de conquistas brilhantes não se deduz a necessidade de morrer obscuramente em defeza da terra da patria; não se deduz a

moderação revestida de firmeza, que faz respeitar pelas grandes as nações pequenas; não se deduzem nem o amor do trabalho nem o amor da virtude » (1).

« Morigeração, trabalho, sciencia, eram as armas em que a philosophia politica d'aquelle seculo ensinaria as nações civilisadas a combaterem n'uma lucta generosa. Os espiritos mais altos, fosse qual fosse a sua crença religiosa e politica, proclamavam a paz e a fraternidade entre os homens. E não só as proclamavam mas até empregavam a poderosa alavanca da associação para promoverem uma cruzada santa contra as tendencias guerreiras. Os esforços collectivos d'esses homens summos seriam baldados? Não o cria. Tinham um alliado irresistivel. Quando os exercitos permanentes e as grandes marinhas militares tivessem devorado todo o peculio de cada povo, e exhaurido a melhor e a mais pura seiva da sua vida economica, era então que a philosophia politica havia de alcançar um triumpho decisivo. Mas esse triumpho que outra cousa seria senão o ultimo termo de uma sorites immensa, composta dos factos de dezenove seculos, de uma demonstração pratica e invencivel, de que a lei moralmente

(1) *Opusculos*, tom. III, pag. 113 e seg.

necessaria das sociedades modernas é o christianismo, é o verbo do amor e da paz revelado no Evangelho?

« N'esses dias, que porventura tardavam menos do que muitos pensavam, que destino dariam os sacerdotes da bombarda, da lança e da espada aos seus deuses fulminados? As palavras " façanhas, gloria guerreira, conquistas " como seriam definidas nos diccionarios das linguas vivas, dentro de um ou dois seculos? » (1).

Era para esses seculos futuros que Alexandre Herculano queria educar o povo na sua crença, e outra mais nobre e pura, é certo, até ao presente se não encontrou ainda. Justificaram-na os tempos, e as esperanças de hoje n'ella nos exaltam, glorificando em nossos corações o apostolo e a sua fé.

---

(1) *Opusculos,* tom. III, pag. 121 e 122.

IV

Seria ainda fructo da applicação ao estudo da historia, nasceria do conhecimento profundo das origens e vicissitudes das instituições e do prolongado manusear dos seus codices, a notavel capacidade de jurisconsulto que Alexandre Herculano revelou e usou com felicissimo exito em diversas conjuncturas da sua vida de publicista, e sobretudo na discussão e redacção do projecto do codigo civil? Foram as qualidades de historiador que crearam as aptidões de legislador?

Evidentemente, o exame da estructura juridica tradicional das sociedades em geral e, em particular, da constituição da nação portugueza por esse lado, a comprehensão dos systemas de direitos e obrigações que cimentaram a formação e desenvolvimento da unidade nacional, incital-o-iam a confiar na efficacia das leis e, por impulso logico, passaria da analyse d'aquellas que nos seculos passados nos regeram á critica das que encontrou vigorando, e á elaboração de outras que, para fortuna da patria, as modificassem e as substi-

tuissem no futuro. Os meios de governar, cujas virtudes se lhe mostraram claras durante seculos, manifestando-se identicos áquelles que tinha vindo encontrar energicos e activos, operando no momento presente e imprimindo-lhe caracter, convence-lo-iam da permanencia d'uma força com a qual as sociedades tinham a contar em toda a conjunctura. Verificando-lhe a constancia e os effeitos no correr dos seculos e no presente, por isso se esforçava em a corrigir de desvios e erros funestos á prosperidade e á paz entre os povos, e em convertel-a, quanto possivel, em instrumento de felicidade e justiça entre os homens.

O alto valor das aptidões de jurisconsulto de Alexandre Herculano, esse notabilissimo traço do seu genio na capacidade da applicação pratica dos principios e da sua reducção a obrigações e direitos, é abonado pelo testemunho de contemporaneos auctorisados, ainda mesmo para aquelles que, por falta de conveniente educação de espirito ou por diversidade de inclinações, hesitassem em a apreciar ou de todo a julgassem assumpto interdicto á sua critica. Vicente Ferrer Netto Paiva, jurisconsulto e publicista eminente, companheiro e intimo de Alexandre Herculano, — para citarmos apenas um entre muitos dos mais competentes, disse no *Elogio historico* do

amigo, lido em sessão do Instituto de Coimbra a 23 de maio de 1878:

« O sr. Alexandre Herculano, que gostava de questionar e discutir, tomava a palavra em quasi todas as questões que se ventilavam no seio da commissão (revisora do codigo civil). E, apezar de não ser jurisconsulto, fallava com tanta proficiencia, que era sempre escutado com a maior attenção pelos outros membros da commissão, que se tinham dedicado á sciencia do direito; e conseguiu muitas vezes fazer vencer as questões pela parte que elle sustentava. Muitas propostas suas melhoraram o projecto do codigo civil e são hoje leis do paiz. O que porém admirava aos jurisconsultos da commissão era ver que nunca ia de encontro a um principio de direito, apezar de as questões serem muitas vezes complicadas e difficeis. Parecia que tinha estudado a fundo a sciencia do direito. Se duvidaes do meu testemunho, como de amigo suspeito, vêde o que escreveu sobre a questão do chamado casamento civil em os diversos opusculos que publicou a este respeito, batendo-se com o auctor do projecto do codigo civil, um dos maiores jurisconsultos d'este reino. Vêde a subtileza, com que analysou as velhas leis do reino, as leis canonicas e os textos das leis romanas; os immensos recursos que descobriu

na historia e costumes antigos; e os profundos conhecimentos que mostrou da philosophia do direito. O debate entre estes dois grandes homens foi digno d'elles ».

« Ainda o sr. Alexandre Herculano fez outro serviço importante na commissão revisora do codigo civil. Esta commissão, por ser de quatorze membros, julgou-se muito numerosa para poder fazer a redacção final do projecto, e nomeou uma commissão pequena, composta do sr. Alexandre Herculano e de quem escreve estas linhas. Ambos concordámos em que o sr. Alexandre Herculano fizesse a redacção, que eu leria depois, para vêr se n'ella ia alguma palavra de uso vulgar, que devesse ser substituida por outra propria da sciencia do direito. E não me lembro de substituir senão uma ou duas palavras. Todo este serviço deve-o a nação ao sr. Alexandre Herculano ».

Todavia, este homem que tanto confiava nas determinações juridicas da sociedade e tanto se inflamava na sua discussão, que tinha fé na lei como portadora da ordem e de grandes beneficios, e a temia e lhe queria como fautora de destinos varios e distribuidora de bens magnificos, esse homem dizia-se individualista ferrenho e proclamava-se inimigo do confuso e impetuoso socialismo do seu tempo, de esse que poderiamos chamar do periodo

religioso e apostolico, mal esboçando ainda a sua phase organica. Antevendo na victoria de semelhantes principios a restituição das armas e a consagração dos direitos que conduziam ao resurgimento de tyrannias nefandas, não podia conformar-se com a reconstrucção do edificio tenebroso, derrubado ha pouco á custa de campanhas heroicas e prolongadas, das quaes fôra soldado. « Que a tyrannia de dez milhões se exercesse sobre um individuo, que a de um individuo se exercesse sobre dez milhões d'elles, era sempre a tyrannia, era sempre uma cousa abominavel ». « Passado um seculo, era muito possivel que o liberalismo tivesse desapparecido. As gerações precisam ás vezes retemperar-se nas luctas da anarchia ou nas dores da servidão: concentram-se para a explosão calcadas sob o pé ferreo da força brutal. Deixassem-no levar, para se entreter a ruminal-a pelo caminho, a convicção de que, entalada entre duas betas negras, — a tyrannia em nome do céu e a tyrannia em nome do algarismo, — surgiria como um fóco de luz, nas paginas da historia, a epoca em que se proclamavam os direitos individuaes absolutos e imprescriptiveis, embora as paixões humanas nem sempre os respeitassem ». « As ideias democraticas tendiam pela sua indole a apoucar o individuo e a engrandecer a socie-

dade, se é que elle as comprehendia. Era por isso que, nas trevas do seu pensar, a democracia estendia constantemente os braços para o phantasma irrealisavel da igualdade social entre os homens, blasphemando da natureza, que, impassivel, os ia eternamente gerando physica e intellectualmente desiguaes. Era por isso que ella acreditava ter feito uma religião seria d'esse phantasma, quando o que realmente fez foi inventar a idolatria do algarismo... A sua intelligencia amotinava-se contra a conversão do homem em molecula. Repugnava-lhe vel-o apoucado, quasi annulado, deante da sociedade, e esta, pessoa moral, individuo collectivo, artificial, subrogando-se ao individuo (1) ».

O individualista intransigente, tomando porém responsabilidades de governo, abrandou do rigor do philosopho e cedeu á evidencia e instancias das necessidades publicas e das indicações da justiça. Eleito presidente da camara municipal de Belem, estadista por um rapido momento em uma espera acanhadissima mas na sua extrema exiguidade sufficiente para demonstração das tendencias de quem n'ella exercia magistratura, Alexandre Herculano

(1) *Reporter*, n.º 178, 28 de junho de 1888. Cartas de Alexandre Herculano a Oliveira Martins.

depressa se conciliou com um radicalissimo inicio de tyrannia em nome da sociedade, fazendo que a camara da sua presidencia sollicitasse do parlamento auctorisação para crear uma « Caixa de Soccorros Agricolas », cujas bases expunha.

Pretendia a camara crear um fundo permanente destinado a subministrar capitaes baratos aos cultivadores, para os amanhos ruraes. Para isso reservaria annualmente tres quartos do producto do imposto da farinha fabricada, até completar a somma de 35:000$000 réis, podendo todavia substituir aquelle imposto por qualquer outro, uma vez que o seu producto fosse pelo menos equivalente aos mesmos tres quartos designados. A caixa emprestaria aos cultivadores do concelho, por prazo nunca excedente a um anno, e a juro de $^1/_4$ por cento ao mez, o capital necessario para o movimento da cultura annual dos predios respectivos, e desde logo ficavam determinadas minuciosas condições regulamentares dos emprestimos, incluindo a hypotheca especial dos fructos do anno corrente ao contracto, e, se esses não chegassem, dos dois annos immediatos, até integral reembolso; a preferencia de direito e acção da caixa sobre qualquer outra acção e direito particular em relação aos fructos do anno corrente; e muitas

mais exigencias das quaes resultava uma fiscalisação assidua da caixa sobre a economia individual do lavrador.

Se esse projecto houvesse sido convertido em lei, deixaria ampla a admissão do mais rematado socialismo. Não haveria motivo para recusar a todas as demais forças da economia nacional o beneficio que para uma d'ellas se tinha mostrado legitimo; não haveria razão para que o estado, arvorando-se capitalista por meio do imposto, descontasse aos lavradores e não procedesse de modo igual com o commercio, com a industria, e com todos os outros elementos da riqueza do paiz. O communismo era perfeito; a socialisação da riqueza completa. O estado reclamava da economia individual os capitaes necessarios á communidade, pelos meios obrigatorios e coercitivos de que dispunha, e iria depois entregal-os á classe que carecia de auxilio; aprehendia por imposto e repartia por justiça. Mas, porque seria banqueiro a municipalidade e não o seria igualmente a administração geral de toda a fazenda publica?

O jurisconsulto, quem reconheceu o valor das instituições juridicas como Alexandre Herculano, não podia declinar as consequencias de tal condição de espirito e havia de as levar até onde ellas se impõem por virtude

da logica e pressão do bem publico. Mas não houvesse legado exemplo pratico do seu systema e processos de estadista, ainda em campo puramente doutrinario nos facultaria elementos para julgar que o seu individualismo andava sujeito a quebras e restricções, apezar da robustez formidavel. Não nos mostrou Alexandre Herculano como no seculo XII a lei, fortalecendo os costumes, conciliava as religiões mais discordantes e as punha lado a lado vivendo em harmonia? E, se a lei conciliava os deuses e continha as paixões religiosas, como nos disse, se convertia a tolerancia em regra de governo, porque não conciliaria os homens e as necessidades terrenas elementares? Não nos fallou elle da « propriedade, filha sacrosanta do trabalho » e, se essa lhe mereceu tão sagrado respeito e absoluta defeza, que designação e sentimentos lhe provocaria ess'outra propriedade que, em vez de ser filha do trabalho, se funda na espoliação do trabalho, — a elle que do coração abominava todas as tyrannias?

A vulnerabilidade do individualismo de Alexandre Herculano, descobrindo-se em mais de um ponto e por diversos lados, como acabamos de notar, não viria porém da deficiencia do principio de liberdade, que proclamava com uma fé indomita, mas unicamente

do atrazo das concepções politicas da sua epoca e da impossibilidade de se definirem de um modo positivo e pratico, n'essa altura incapazes de traçar uma construcção da sociedade, nos seus aspectos economicos, solida e bem ponderada sem prejuizo da inteira garantia das liberdades essenciaes. Para um devoto da tradição, que viu todo o organismo social enraizado no passado e o estudou nas suas mais delicadas e profundas ramificações e origens, para quem soube prender por laços estreitos a existencia das gerações presentes ás instituições, aos sentimentos, á sabedoria acummulada das gerações extinctas, aos seus erros e desvarios e ás suas virtudes, a sociedade não podia pulverisar-se em um aggregado de liberdades desconnexas, no concurso fortuito dos seus atomos, em simples associação mecanica ou mera juxtaposição. Não: uma constituição juridica a ligaria, traduzindo as relações moraes e a dependencia religiosa e suas derivações — tudo o que elle sentia instantemente. Se, por amor da intangibilidade dos principios, contestou a legitimidade da nova ordem que lhes offendia a coherencia, não foi porque ella afinal deixasse de se conter nas suas crenças, mas tão somente porque ainda não tinha conseguido definir-se na lucidez perfeita que o correr dos tempos, a medi-

tação dos apostolos e o clamor de experiencias dolorosas vieram a attingir em epocas posteriores. Não era possivel vêr-se ainda, como claramente hoje se demonstra, que a divisão e concorrencia anarchica das classes, importando victorias relativas e tyrannias consequentes, significam em resultado ultimo a annulação de toda a garantia de liberdade; não era ainda possivel vêr-se não só como a condição economica se tornava a base da liberdade politica, moral e religiosa, mas tambem em que termos e com que segurança a independencia economica se alcançaria sem privação da liberdade, antes fortalecendo-a. Não haviamos chegado a comprehender de uma maneira precisa — grandes correntes do pensamento nos offuscavam! até que ponto importava moderar as asperezas da lucta pela vida, onde não podessemos supprimil-as totalmente, para que a liberdade, nas suas formas politicas e sociaes concretas se penetre de todo o amor, para que ella, principio religioso e de dever na esphera do sentimento e da moral, se consubstanciasse em simples regras de justiça e de cooperação na esphera juridica.

A conciliação de duas phases de um estado de espirito, identico na essencia embora diverso nas modalidades, de prolongada ges-

tação na qual se consumiram o scismar e o trabalho de inumeraveis e altissimas capacidades e as paixões de exercitos de combatentes e martyres, essa duplicação de vida mental que permittiu respirar com igual facilidade o alento de duas epocas, atmospheras de uma mesma substancia mas differentes todavia na proporção e logar dos elementos constituivos, foram phenomenos absolutamente excepcionaes, tão fóra das normas vulgares que mal os comprehenderam os que os presenceiaram. A ductilidade de pensamento que a tão variada extensão pôde amoldar-se, de tal modo se destacava do commum, provavel e logico, que a muitos se tornou impossivel deslindar a surpreza e lançaram-na á conta das apostasias de crença, debilidades de animo e collapsos de entendimento. A propria tenacidade dos principios, levada a ponto de exaltação religiosa, tornava-se impedimento de progresso, reagindo contra tudo o que se lhe afigurava morder a integridade rigida na qual elles se haviam fundido.

De resto, mais poeta e historiador do que pensador, mais moralista do que philosopho, mais prompto em contemplar as cousas creadas e as renascer do que propenso a martelar systemas novos e apural-os, Alexandre Herculano não se sentiria talvez muito incli-

nado á correcção e revisão amiudada, senão continuada, dos principios cuja influencia de inspiração e fortaleza usufruiara por largos annos.

O *caso* de Stuart Mill é uma excepção surprehendente na historia das doutrinas politicas no seculo XIX; não seria facil repetir-se, mesmo entre os da sua força e edade (1). Da liberdade comprehendida no sentido de uma larga emancipação não só da lei mas da influencia da opinião e do costume, por uma rarissima agilidade de pensamento, verdadeira prolongação de juventude que lhe facultou deducções imprevistas dos seus principios, Stuart Mill veio até á acceitação d'aquellas concepções que no seu tempo o individualismo encorporava na vaga designação de socialismo, temendo-as e proscrevendo-as, como resurreição de despotismo, reacção calamitosa e sem nome. « Por um lado », escreveu (2), « repudiavamos com a maior energia esta tyrannia da sociedade sobre o individuo que se suppõe contida na maior parte dos

---

(1) Stuart Mill viveu de 1806 a 1873, antecedendo portanto Alexandre Herculano quatro annos no nascimento e na morte.

(2) *Mes Mémoires.* Trad. fr.; Paris, 1874. Pag. 221 e seg.

systemas socialistas; por outro olhavamos para um tempo em que a sociedade não mais se encontrará dividida em duas classes, uma de ociosos, outra de trabalhadores; na qual a regra de que os que não trabalham tambem não devem comer será applicada, não só aos pobres, mas a todos imparcialmente; em que a divisão do producto do trabalho, em vez de depender, como em alto gráu agora acontece, dos accidentes de nascimento, será feita d'accordo, sobre um principio de justiça; em que emfim não mais será impossivel, ou se julgará impossivel, que os seres humanos se esforcem energicamente procurando bens, destinados não para elles exclusivamente mas para serem partilhados com a sociedade á qual pertencem. Consideravamos que o problema social do futuro consistiria em unir a maior liberdade individual de acção com a communidade de propriedade das materias brutas do globo e com uma igual participação de todos nos beneficios do trabalho combinado ». Sem a presumpção de julgar que se podia prevêr immediatamente a forma exacta das instituições conduzindo com segurança áquelle fim, nem em que epoca, remota ou proxima, seria possivel applical-as, criam todavia que « a educação, o habito e a cultura dos sentimentos fariam que um homem

cavasse ou tecesse pelo seu paiz tão bem como por elle combatia ».

Assim pensava já e o escrevia, vagamente, Stuart Mill em 1848, e quatro annos depois, em 1852, aberta e firmemente o advogava ; e isto se póde considerar ainda hoje a mais bella e a mais cathegorica aspiração socialista, a mais accessivel a todo o entendimento e a mais pratica na execução. E' maravilha que tão longe alcançasse quem partira de ponto tão distante e diverso. Viver duas vidas, duas epocas, em uma só existencia, fazendo succeder em um unico cerebro, aliás igualmente poderoso em ambas as modalidades, o espirito duma geração ao espirito da geração precedente, é, na verdade, um acontecimento de incomparavel estranheza.

Por certo o conheceu Alexandre Herculano no seu vastissimo saber. Mas não se convenceu. Convém verificar o facto para inteira comprehensão do seu caracter e disposição de espirito. Não lhe amesquinhou, todavia, a grandeza ; reconheçamol-o. Em taes alicerces se fundava que podia bem affrontar rebeldias caracteristicas da propria fortaleza, compensadas por uma solidez de estructura, sem embargo alguma vez impenetravel á irradiação de novos astros mas sempre protecção e defeza de magnificos thesouros, ideaes eleva-

dissimos, que serão a eterna medida do valor dum ser humano.

Quando hoje lemos a discussão do socialismo e do individualismo entre Oliveira Martins e Alexandre Herculano, posta n'aquella altura de sinceridade affectuosa e vitalidade mental de que esses dois extraordinarios espiritos foram dotados, sorrimos sem desrespeito, antes com uma carinhosa gratidão pelo sagrado esforço de quem assim procurava trazer ao mundo felicidade, e por alcançal-a se consumia e atormentava em cogitações e em duvidas. O que então era obscuro e incerto para homens realmente grandes, é hoje evidente e incontestavel para o vulgo. « O decurso de trinta a quarenta annos, no turbilhão, cada vez mais rapido, em que hoje as ideias passam, modificando-se, transformando-se, é um periodo que corresponde a seculos nos tempos em que o progresso humano era sem comparação mais lento. As doutrinas, as apreciações criticas, os systemas, os livros quasi que envelhecem tão depressa como o homem. O pensamento que ha vinte annos parecia uma verdade nova póde hoje parecer apenas um problema não resolvido, e até um erro condemnado; a observação profunda de então ser hoje trivialidade; a critica subtil, que levou um raio de

luz a certos recessos obscuros dos factos, achar-se incorporada e transfigurada em apreciação mais complexa que illumine dilatados horisontes » (1). Sómente não envelhecem, antes vivem e se prolongam em perenne frescor e mocidade, o consolo e orgulho de verificarmos quanto o pensamento humano tem caminhado, quanto valeu para a fortuna dos homens e das sociedades a exaltada coragem dos seus obreiros, que bençãos devemos e tributamos aos apostolos, como Alexandre Herculano e Oliveira Martins. Como é fertilisante e bella a irradiação dos seus sonhos! Os tempos e as ideias mudam incessantemente; mas não muda nem póde mudar o espirito que pesa e julga e ordena as realidades. Para sempre sejam louvados aquelles de muita bondade que nol-o inspiram elevado, puro e grande!

---

(1) Alexandre Herculano. *Opusculos*, tom. I, pag. XV. 4.ª edição. Lisboa, 1897.

ESCUDOS DE FORTALEZA

ESCUDOS DE FORTALEZA

Abrigava-se sob escudos impenetraveis a fortaleza de Alexandre Herculano. Não se segue no mundo caminho recto, como elle seguiu, sem o auxilio continuado de armas proprias para remover os obstaculos infinitos que se nos deparam, sem o bordão em que o peregrino se apoia para vencer asperrimos fraguedos. Não se mantem a firmeza de animo, que foi talvez a maior gloria da sua auréola, sem a protecção de um nimbo de sentimentos inaccessiveis a toda a corrupção e assalto de fraquezas. Em torno da sua figura humana de athleta, adejam legiões angelicas, baixando invariavelmente em seu soccorro, se as contingencias da sorte transitoria, a que o seu ser mortal andava exposto, ameaçavam prostral-o, feril-o ou desvial-o da derrota luminosa do seu sonho.

I

Guardava-o Deus de cair em tentação. Resoava-lhe do continuo nos ouvidos a harpa do crente e, perpetuamente, sem hesitar, rendeu-se ás modulações das suas cordas. Cria que « Deus era Deus e os homens livres ». « A terra vacillava ante o olhar do Senhor ». « Louvaria o Eterno! » Quando se ergueu a voz d'aquelle moço « velador de angustias », pallidas as faces, nas veias a febre, alagada a fronte de um suor frio, os olhos humidos de pranto e dentro do peito a dôr que o ia roendo; quando a poesia lhe murmurou na alma a « ultima nota de quebrada lyra », « o triste adeus do trovador que expira », que hymnos cantou, que visões perpassaram

« No delirio febril d'aquella mente
Que, balouçada á borda do sepulcro,
Volve apoz si a vista longamente? »

Turvou-o a *Desesperança;* segredou-lhe maldições do Deus que « por insania » adorára. Aos pés do seu throno não chegavam os

gemidos da terra. A Providencia era uma crença vã, e mentia quando apontava ao poeta, em ancia de gloria, a immensidade. Mas o *Anjo da Guarda* impôz silencio á rebeldia blasphema. Se o misero agonisante podesse comprehender a amargura com que o anjo lhe chorava a perdição no amor terreno, e a doçura que ha no affecto do homem aos mensageiros de Deus, despiria, rindo, o corpo enfermo, para se lhes unir, « para aspirar o goso celestial do amor sem termo ». E logo, sem tardar, respondendo á voz do anjo, a *Graça* ungiu o moribundo. Era uma « harmonia suave », perante a qual a sombra da morte se aclarou e o coração, alliviado do peso da dôr, pediu « o hymno da oração em vez do canto irado ». O poeta sentiu então de novo o que o « revocava a Deus ». Inspirava-o a esperança. E adormece na *Resignação,* contricto, rogando ao anjo bom que não o abandone na « hora fatal », e lhe repita aquelles segredos de doçura onde aprendera

« Que é o céu a patria nossa ;
Que é o mundo exilio breve ;
Que o morrer é cousa leve ;
Que é *principio,* não é fim » (1).

---

(1) Vid. *Poesias.*

A successão dos estados da sua alma, os termos pelos quaes attingiu a constituição ultima, a religião, « abrigo extremo », consolação de toda a miseria terrena, da deshonra, do exilio ou da injustiça, essa formação progressiva do seu ser espiritual, deixou-a Alexandre Herculano marcada, estampada, na pintura da morte do trovador, de resto apenas um incidente e exemplo, porque toda a sua obra poetica é uma profissão de fé quasi ininterrompida. Em toda ella prevalece o cantico religioso sobre o anceio mortal; resume-se em louvor, adoração e abdicação do homem em face do principio divino, embora considere esse principio nas modalidades transitorias, como convém ao poeta, embora o encontre e veja com os olhos do corpo e da lembrança, extasiando-se em delicia, nas capellas, nas ermidas, nos mosteiros, nos templos, pelos campos desertos, pelos adros, pelos cruzeiros e pelos cemiterios das aldeias, nas tradições e nos momentos ingenuos disseminados pela terra patria.

O confronto do caracter de Alexandre Herculano com o de José Estevão poderá talvez definir melhor do que qualquer outra explanação os attributos proprios de cada um.

Foram ambos figuras primaciaes da grandeza moral do seu tempo. Sel-o-iam em qual-

quer epoca, culminantes. Resumem as duas formas mais nobres da dignidade humana. E, todavia, quanto são differentes! Alexandre Herculano procede por principio religioso; José Estevão por humanitarismo. Um tira a sua força da obediencia a uma Vontade suprema, que n'ella vive e se realisa mas que não é d'elle; o outro é arrastado por sympathia e inspiração fraterna, basta-lhe para razão de heroismo o sentimento da solidariedade, auxilio mutuo e reino da justiça entre os homens. D'ahi, d'essa reducção essencial da sua natureza psychologica, conjunctamente synthese e centro de derivação da vida de cada um d'elles, as consequencias praticas diversas da expansão das respectivas individualidades. Amaria José Estevão a vida civica e a vida urbana, até mesmo caprichos e complexidades mundanas, o calor de carinhosas amizades, tudo aquillo em que os homens se juntam mais estreitamente e é filho do seu aturado commercio; inclinar-se-ia Alexandre Herculano á solidão, ao labor silencioso dos campos, ao isolamento meditativo, a tudo aquillo em que mais por completo podia conceber a invariabilidade do divino e a relatividade das relações do contingente e do infinito. Este nunca trocaria pela glorificação de faculdades humanas o culto do

Eterno, como era corrente nas revoluções do seu tempo que trouxeram na rua, postas em andores, mulheres figurando a Razão. Ás tendencias de Alexandre Herculano para o claustro, para a contemplação, e para o estudo e apologia dos primeiros seculos do christianismo e do seu vigor e dilatação na edade-media, corresponderia em José Estevão a paixão politica e a actividade impetuosa, e o sentimento da justiça fundada, não em determinação divina, mas na imposição dos principios abstractos concebidos e affirmados pela intelligencia humana e em seu nome enthronisados. Dum ao outro ia toda a distancia que medeia entre uma philosophia, embora de affecto sublimado, e uma religião de amor que, ainda por amor, algumas vezes será rigida em excesso, nada propensa á indulgencia. E da diversa natureza do impulso fundamental veio a diversidade de attitude no decorrer da existencia terrena d'aquelles dois genios, conduzindo Alexandre Herculano ao recolhimento e á fascinação do ermo, porque para elle de prompto se purificava n'esse estado e se mantinha illesa a crença religiosa, a consciencia da presença de Deus no universo e os estimulos de obediencia á sua vontade, emquanto José Estevão, atravez de todos os desenganos e recobrando animo de

todos os desalentos, voltava constantemente á interferencia nos combates das multidões, porque assim sentia de perto effectuar-se a aspiração humanitaria, em absoluto dissolvida, reduzida a nada, fóra d'esse ambiente. Para o crente, impregnado de adoração e abdicação, o amor, mensageiro do Senhor e seu interprete, poderá encarnar em toda a materia e em todo o orbe; não percebe quebra do principio divino ou infidilidade aos seus mandados consagrando-se ás arvores e fugindo dos logares em que o convivio dos homens é activo. Porém para o humanitario, o amor, symbolisado em justiça e acção, só nos homens teria o seu principio e não podia, por uma logica instinctiva e imperiosa, desviar-se d'elles sem em absoluto se perder pela ausencia de objecto que o consubstanciasse. José Estevão vivia cercado de amigos em todas as contingencias da vida publica e da vida intima, nas alegrias e mágoas do seu lar e nas luctas politicas; Alexandre Herculano, que tambem teve amigos, e exaltados na admiração e no affecto, aliás retribuindo com infinitos carinhos do seu coração, era facil em se refugiar no isolamento e consolar-se de toda a amargura na beatitude do silencio da vida ingenua, onde por certo acharia realisada e integra a aspiração de serena e plena conformidade

com a vontade do destino. Não valeria tanto para o poeta religioso a meiguice das petalas das rosas como o sorrir de labios humanos, e não mentiria menos á missão divina?

Assim tambem, ainda por consequencia de um mesmo pendor, a religião que para Alexandre Herculano era uma força intima, immanente, inflexivel, e por isso essencialmente sujeita a suscitar conflictos insoluveis com a ordem mundana, para José Estevão podia sem difficuldade acceitar-se em termos de compromisso entre necessidades presentes, tradições e principios eternos, resolvidos os antagonismos, quando se declarassem, a beneficio da paz publica e dos interesses da sua causa. O caso de consciencia, intransigente na primeira d'essas duas concepções religiosas, admittia na segunda concessões mutuas e limites convencionaes, formulas de conciliação politica, subordinada por momentos á salvação da republica, e por contradicções estranhas, mas afinal beneficas, corroborando-se e negando-se ao mesmo tempo. O clero, a egreja constituida, não quiz mais a José Estevão do que a Alexandre Herculano, mas por differente motivo. Um desfazia-lhe a virtude dos milagres, atacava-o na capacidade intrinseca e arguia-o de traição a Christo; o outro deixava-lhe a liberdade dos milagres e não o

incommodava nas relações divinas, e apenas se esforçava por lhe restringir o despotismo e as cobiças terrenas, cerceando-lhe regalias e reduzindo-lhe a auctoridade de adquirir, mandar e dispôr, e accusando-o de infidélidade aos interesses do povo e da nação (1).

O confronto do modo de ser religioso d'esses dois grandes caracteres não significará, todavia, que a religião de Alexandre Herculano fosse inactiva, e muito menos deshumana. Revelará apenas que a sua alma, religiosa por essencia, dependente conscientemente de uma outra alma infinita e eterna, da qual se reconhecia mero instrumento e frouxo reflexo,

---

(1) É singular e significativa certa frieza que transparece no elogio, quando José Estevão apreciou a pouca fortuna de Alexandre Herculano no parlamento. Dizia o tribuno na *Revolução de Setembro,* em um pequeno artigo que o meu erudito conterraneo Sr. Marques Gomes transcreve no seu *José Estevão, Apontamentos para a sua Biographia :*

« Coube a palavra ao Sr. Alexandre Herculano, litterato conhecido e deputado debutante. O discurso d'este senhor foi modelo em dicção, mesquinho na intenção e falho nos meios. Este senhor deputado, tendo-se declarado opposicionista, não proferiu uma palavra de censura contra o ministerio, e querendo inculpar as administrações da Revolução mostrou que nem sempre os bons desejos supprem a escassez de recursos. O senhor deputado é um talento, e póde vir

encontrára, por virtude d'essa constituição e prisão, as obrigações supremas de vida entre as quaes a primeira seria o amor, imposto pela abdicação no principio divino. O humanitarismo não seria n'esse systema de deveres uma religião, como de facto foi no sentir de José Estevão; consubstanciaria sómente a summula dos deveres religiosos, e manifestamente aquelles a que Alexandre Herculano mais quiz e com extremo ardor se consagrou. O mundo estava subordinado a Deus; e não seria absorvido pela humanidade, renegando a subordinação, posto que na humanidade tivesse a obra de Deus mais bafejada do seu alento.

---

a ser um bom orador applicando os encantos da sua dicção aos termos logicos das questões. »

Ora José Estevão era de uma generosidade e largueza d'animo com os adversarios verdadeira e superiormente nobre. Se escreveu com semelhante leveza de Alexandre Herculano foi porque em consciencia a tinha por merecida, e nunca por qualquer sombra de mesquinhez partidaria ou pessoal, de que de todo e sempre se achou isento. E desconheceu-o, ou melhor, talvez o conhecesse mal n'aquelle tempo, porque a diversidade de temperamento tornava embaraçosa e lenta a mutua comprehensão dos caracteres, que de resto veio a mostrar-se. É sabido como esses dois homens acabaram por se estimar profundamente, como o exigia a conformidade da grandeza moral de um e outro.

De resto, a emoção religiosa em Alexandre Herculano, sendo christã e demais educada na tradição do christianismo latino, tão rematadamente caridoso e, por concreto, distante da abstracção cruel em que redundou no espirito oriental, não poderia tender ao extasi, esteril e mortifero além do resgate individual, mas logo se transfundiria na objectivação pratica, na traducção do seu principio dominante em forma e movimento, em acção. Não resultaria em ascetismo, mas na moralisação de todas as energias organicas, aliás livres em sua esphera, reconhecendo-se-lhes a legitimidade da expansão. Assim como lhe impunha entre os impulsos iniciaes o amor da terra e da patria, levava-o consequentemente ao amor dos homens que a povoam e á intervenção em toda a complexidade das suas relações, tão extensas na multiplicidade de manifestações e aspectos como coordenadas e indivisiveis na unidade do espirito que as liga e rege.

Esse amor illuminara-se duma vez para sempre aos olhos de Alexandre Herculano no « clarão do Evangelho triumphante ». Toda a consolação e todo o saber encontrou no « Verbo que renovou o mundo corrompido ». Os arrebatamentos do poeta, as affirmações do publicista e os combates do soldado e do apostolo, toda a sua vida e toda a sua obra estão

repassadas de christianismo. Vibra em cada palavra e em cada gesto, nas victorias e no desalento, na ira e nas bençãos, na lucta e no repouso. Até a propria historia e a obra d'arte imaginativa, não menos que a contemplação da natureza, seriam para elle desenvolvimento de verdade religiosa do christianismo e ensejo da sua propagação. A visão da cruz e a atmosphera moral que d'esse symbolo irradiava, acompanhavam todos os passos do sonhador; os seus poemas são uma floresta espessa de cruzeiros e templos onde de continuo perpassam murmurios de orações e canticos de louvor. Toda a enredada architectura do *Monge de Cistér* parece erguida, quando no conjuncto a observamos, para inscrever alli, em traços d'uma fulguração diamantina, a sentença do Evangelho que lhe serve de fecho: — *Se não perdoardes, tambem Deus te não perdoará.*

Hamanisou o christianismo; quebrou-lhe a rigidez e a seccura, amortecendo os rigores da consciencia, que elle facilmente accusa, pela uncção da suavidade, que a cada passo vae derramando entre os homens. Mais do que isso: soube como ninguem, pelo poder do genio, trazel-o á terra, infundil-o em todas as cousas creadas, vividas e sentidas, infundil-o em a natureza inteira por uma insinuação cheia

de mysterio, que todavia nos arrebata em encantos de doçura e luminosidade intraduziveis. Esse dia santo, que elle celebrou com palavras que ficam como pergaminhos da nobreza de uma geração e seu orgulho, maravilha da união subtil mas vigorosa do amor divino e do amor terreno, do amor das cousas da terra santificado pela presença de espiritos angelicos, será perpetuamente o espelho da candura religiosa. « Um dia santo; um dia santo!... » disse o poeta comovido, deixando transbordar os seus affectos. « Assim juntas, estas duas palavras são as mais sonoras, as mais pinturescas, as mais saudosas da nossa lingua; para mim, ao menos. De todas essas memorias passadas, cujas ruinas o descrêr da edade de homem me tem alastrado pelo coração, uma sei eu que vive ainda n'elle fresca e viçosa, e que me parece morrerá só quando eu morrer. E' a lembrança dos dias santos dos meus tenros annos. Um domingo de então ainda me sorri suavemente quando deito olhos longos para o caminho tortuoso e agro, por onde já derramei, sem saber como, um terço de seculo da vida. Na orla d'esse horisonte crepuscular do passado avulta-me a capellinha da habitação da infancia ao dia santo, e o altar com os seus castiçaes de talha dourada e as jarras de flores, que lá se punham

no sabbado á noite, e o alevantar cedo para todos e tudo estar lavado, espanejado, escovado e ordenado para a missa. Sabe Deus com quanta fé e devoção a minha alma tenra se balouçava na toada monotona que murmurava o velho frade arrabido, calvo e macilento, cujo burel desapparecêra debaixo das vestes variegadas do sacerdocio! Atravez da alta gelosia o sol vinha, semelhante a uma columna de vidro amassado com pó de ouro tombada do seu pedestal, bater de soslaio nos degraus do altar. As luzes trémulas das velas, cuja claridade se annulava no esplendor do dia, pareciam-me espiritos que se inclinavam esperando a presença real de Deus para o adorarem. Depois o frade que viera de longe, do convento de Ribamar ou da Boa-viagem, almoçava e jantava. E todos estavam contentes; porque era um santo mas jovial frade o bom do arrabido, e contava historias que era um pasmar. N'aquelles dias abençoados juraria eu que a folhagem das arvores era de um verdor mais vivo, os fructos mais saborosos, o ar mais diaphano, a agua mais transparente, o ceu mais azul, e até as alfaias da casa mais novas, e o caio dos muros mais alvo. A' tarde corria pela relva com os outros moços da minha edade, e travava luctas e gritava e ria e suava e tripudiava

nos jogos e brinquedos que são proprios d'aquella edade; mas quando o sol descia para o horisonte ia assentar-me á sombra de uma grande nogueira, sósinho, a ouvir cair n'um tanque uma pequena bica d'agua, e alli ficava muito tempo a scismar. Em que? Eu sei lá! Em nada, provavelmente. Mas scismava e sentia levantar-se-me no coração um fumosinho de tranquilla melancolia, fumosinho, que se condensava brevemente nos olhos em lagrimas, que não chegavam a rolar, mas que n'elles bailavam. E alli me achava á noite, e buscavam-me, e desfaziam-me o encanto; mas ficava-me cá a saudade... Domingos dos doze annos, em que o meu espirito se harmonizava com o hymno eterno da natureza, salvé! A gloria litteraria, o amor da independencia, e talvez até o orgulho de proceder honesto, todos os meus sonhos de ambição dal-os-ia a troco de me sentir viver comvosco; comvosco, oh dias santos; porque os outros, esses, se não eram palidos como os de hoje, eram acres, dolorosos, inquietos. As paixões fervidas e insensatas da mocidade vinham chegando; e como que já sentia rugir a pouca distancia as tempestades que iam agitar e devorar-me os annos mais bellos da vida... Não tenho saudades dess'outros dias. Não tenho. Deixal-os ir. E' pelos meus ricos

dias santos de então que eu hei de sempre chorar.

« Ainda hoje ha um individuo, que exerce singular predominio sobre mim, e ignora-o. E' o sineiro da minha meio-rural, meio-urbana parochia. Na escala das reputações de sinos, os da minha freguezia occupam logar modesto, e todavia, quando repicam antes da missa do dia, sinto passar em volta de mim uma como aura fugitiva dos dias santos da meninice, e o sol illumina-se da luz d'aquelle tempo. O repique, por estes sitios, é ainda patriotico e tenaz: ainda não o perverteu a peste da civilisação. Nem as cantigas populares, nem as harmonias do theatro se atreveram a pôr pé sacrilego nos degraus do campanario. Abençoado sineiro, que me parece has de morrer abraçado com as tradições do teu antecessor. Oxalá que, se eu te sobrevier, tenhas um herdeiro digno de ti! Mal sabes tu, quando no teu ardor d'artista te penduras por essas cordas, e as fazes vibrar, saltando de um a outro lado, banhando-te n'uma catadupa de sons estrugidores, que se despenham sobre ti, jorram pelas sineiras, e vão ennovelados esmorecer por esses ares; mal sabes tu, que, a certa distancia, no alto da montanha, alguem larga o livro, a pena, as ideias, e fica abstracto e immovel a aspirar as harmonias que lhe

mandas frouxas, sacrosantas, ricas de saudades da infancia! Mal sabes tu quantas cogitações profundas, quantas dôres do espirito tens suspendido com essas divinas toadas. Oh, que se me podesses restituir a capella, e o velho arrabido, e a sua missa, e as suas historias, e o murmurio que tinham outr'ora as pequenas bicas a correr nos pequenos tanques, e a sombra que davam as nogueiras, e a melancolia do sol posto de ha vinte annos; se tal podesses!... Eu sei!? Caindo adorar-te-ia, fosses Deus ou Satanaz.

« Ai, não pódes; não pódes! Isto tudo sumiu-se. Hoje sou cidadão, jurado, eleitor, homem de lettras; podia ser commendador, conselheiro, governador civil, deputado, ministro, se navegassem para esse rumo as minhas ambições, e Deus me houvesse concedido o ser um nada mais parvo.

« Vida positiva, realidade do mundo, se tu fosses uma realidade tangivel, uma realidade que sentisse, uma realidade real, quizera ver-te jazer ante mim, para te pôr um pé sobre os peitos e calcar-te e cuspir-te nas faces! Só isto me consolava das saudades dos dias santos infantis e d'este viver miseravelmente desbotado. » (1).

---

(1) *Monge de Cistér*, tom. II, pag. 57 e seg.

Esta interpenetração das cousas e da alma, esta vibração unisona da essencia etherea do espirito e da materia visivel e palpavel, esta harmonia religiosa da consciencia e de toda a creação terrena, marcarão a orbita da qual nunca se affasta a alma de Alexandre Herculano.

Em Val-de-Lobos, no ermo da sua clausura, construiu uma capella. A religião carecia de symbolos, e reclamava para si um pedaço de terra onde os guardasse e fossem invocados e venerados. N'elles se havia de encontrar e integrar a adoração de Deus em espirito e nas visualidades tangiveis. O idealismo germanico e o symbolismo romano juntavam-se e completavam-se fundindo aspirações do espirito, absolutas na sua abstracção, e tradições da ordem terrena, essenciaes tambem pela permanencia e pela vitalidade historica, e captivantes pela belleza sensivel. E, assim, o templo, a que Deus descia para olhar os homens, seria o degrau mais alto a que os homens subiam para vêr a Deus.

II

Ha no *Monge de Cistér* « um filho das Hespanhas » em que « a côr, o gesto, o olhar, tudo dizia que ahi dentro havia o espirito dum godo e ao mesmo tempo que n'essas veias corria o sangue dum arabe » ; e as cartas de Alexandre Herculano a Oliveira Martins, que este ultimo publicou no *Reporter,* quando se fez a transladação dos restos do historiador para os Jeronymos, referem-se a « estas sociedades, meio romanas, meio germanicas na indole, e celto-romanas na raça, que estanceiam ao occidente. »

Porventura, estão alli designados os elementos ethnicos e tradicionaes que se associaram na formação do genio de Alexandre Herculano, meio romano e meio germanico na indole e na raça, com o espirito dum godo na idealisação da vida e o senso pratico dum romano na concepção da sociedade, por vezes sonhador e ethereo como um bardo errante das margens do Rheno, a espaços accordando e rompendo em impetos dum cavalleiro nado e tisnado nas terras ardentes do islamita, e de

repente recobrando a serenidade e a capacidade de ordenamento pratico que distinguiu e tornou famoso o conquistador romano. Tinha a sêde de liberdade, a consciencia da responsabilidade, a paixão da sinceridade, a febre de apostolado e a tenacidade de combater caracteristicas do sangue anglo-saxonio, e possuia ao mesmo tempo aquelle espirito de sequencia, lucidez e justa distribuição, aquelle horror do desequilibrio e do incerto e indefinido, a percepção penetrante das realidades e a arte de as sujeitar á regra e á lei que engrandeceram o mundo latino.

A liberdade, essa era para Alexandre Herculano um dogma, e capital. Sabia que « Deus era Deus e os homens livres ». O reconhecimento de Deus implicava a liberdade: a existencia de um ser superior, ao qual tinhamos de obedecer, revelado em nossa consciencia e n'ella habitando, exigia a anniquilação de todo o estorvo á contemplação da sua grandeza e á insinuação e execução da sua vontade.

Para Alexandre Herculano, como para todos os grandes caracteres do seu tempo, a liberdade foi o primeiro dos artigos de fé. Sobre todos os demais prevalecia e a todos os outros synthetisava. Onde menos acatada a encontraram, ahi se esforçaram por lhe assegurar a soberania. E assim déram a precedencia á

revolução politica sobre quaesquer outras, e n'essa collocaram os principios de liberdade acima de qualquer outro principio ou conveniencia.

Seguiu-se ás esperanças d'essa geração um periodo historico adverso. E' certo. Uma pleiade de philosophos e devotos da realidade, analysando os homens e as sociedades, e entrincheirando-se nos baluartes de uma sciencia que se reputou inexpugnavel e a ultima e terminante verdade, sorriu das crenças dos paladinos ingenuos de que era filha. Tomando-as sinceramente por illusão de romanticos generosos, aliás com a mesma candura que tinham posto em as amar aquelles de quem os novos prophetas immediatamente descendiam, apressou-se a desvanecer o erro e deu a mão ás arremetidas de um despotismo renascido e vestido em trajos desconhecidos e atraentes, mas herdeiro e fiel representante do absolutismo antigo e, a seu exemplo, fatal á felicidade dos homens.

A experiencia e mesmo o desenvolvimento da analyse scientifica e suas conclusões logo trouxeram, porém, o desengano. Pela segunda vez a supposta illusão de nossos paes se revela a verdade fundamental do progresso. Contradictou-se a religião da liberdade com a legitimidade da oppressão, a aspiração indi-

vidual com a razão d'estado; mas a ideia imperialista que d'ahi cresceu e teve longos annos de triumpho, parecendo por momentos absorver e desbaratar em sua gloria rutila de baionetas, os planos magnificos da ideia liberal, vae por sua vez e em nossos dias descendo ao accaso. Favoreceram-na a concepção biologica das sociedades, accentuadamente reaccionaria, que oppôz a força á justiça e ao direito e nos imbuiu na convicção de que a base de toda a aggremiação animal era um estado de lucta interior permanente e essa lucta significava um bem, factor essencial do desenvolvimento da sua capacidade. A victoria do mais forte e a subordinação do mais fraco seriam consequencias de leis naturaes indeclinaveis e beneficas, ás quaes nos cumpria prestar reverencia, auxiliando-lhes a execução em toda a extensão da vida physica e moral do individuo e da communidade. Os interesses materiaes, levados já por circunstancias economicas a um subido gráu de concentração e anceiando por se constituirem n'aquelle estado de tyrannia soberana, a que o capitalismo europeu e sobretudo o capitalismo norte-americano souberam conduzil-o, aproveitaram habilmente as instigações crueis de uma sciencia alheia a inspirações moraes; se a lei da vida organica consistia na victoria

dos fortes e na escravidão dos fracos, as instituições sociaes, para serem salutares, logicas e efficazes, haviam de respeital-a, e a divisão entre servos e senhores seria tambem condição natural de boa ordem. E entretanto, emquanto semelhantes doutrinas se propagavam e captivavam os espiritos mais puros e os melhores corações, a guerra franco-prussiana e a formação do imperio formidavel que ella creou e consolidou, antepondo ao cesarismo desmoralisado, que derrubava, um cesarismo disciplinado, rigido, e intellectualmente riquissimo de saber, justificava e apregoava de modo pratico, com esplendor, o principio, então por excellencia scientifico, da força brutal. Para o effeito da boa administração o mandavam acatar as boccas dos canhões e os sabres dos guardas do estado, convencendo por esse meio os menos promptos em lhe descobrir as virtudes. Homens d'estado e multidões fanaticas, governantes soberbos e doceis governados, uns por ambição, outros por cegueira, uns na avidez do mando e outros na esperança de ventura, e todos victimas dos vendavaes que repetidas vezes vergam a seu bello prazer as sociedades e as arrastam em delirio, inconscientes e desvairadas, abjuraram os evangelhos da liberdade que se lhes figurou um culto da debilidade e de rebellião

insensata contra o despotismo da natureza, e, preferindo o gendarme ao sacerdote, desconfiando da crença para se renderem ás armas, trocaram a reverencia da justiça e da caridade christã pela desapiedada glorificação da caserna.

Não cessavam, todavia, os estudiosos na observação e cogitação das leis intimas da vida; e os ideaes do humanitarismo e da religião desthronados não tardaram a rehaver um logar de proeminencia. A doutrina da evolução, que parecera o seu peior inimigo, provou ser o seu apoio mais solido; por ella deixaram de representar o sentimentalismo absurdo e enfermiço, de que foram acoimados, para se reduzirem a uma comprehensão exacta de lei organica das sociedades, producto e derivação do proprio desenvolvimento evolutivo. Um dos mais notaveis espiritos do mundo scientifico vinha a concluir o exame da doutrina evolutiva pela demonstração de que a resistencia e o progresso da especie resultavam, não da lucta mas da sua atenuação, não da força mas da união e auxilio mutuo; a livre cooperação substituiria pois a sujeição oppressiva dos fracos ao capricho e engrandecimento dos fortes, se quizessemos, como deviamos, respeitar a ordem natural. E, simultaneamente, a miseria dos trabalhadores, pre-

cipitados na escravidão do capitalismo pela torrente dos interesses materiaes, accelerada e engrossada pela abundancia de doutrinas que consagravam o imperialismo em toda a sorte de relações, desde as de amo e creado até ás das nações e estados, o clamor dos servos tornou-se uma ameaça e uma dôr, para as quaes os piedosos procuravam balsamos, os timidos e previdentes inventaram prevenções attenuantes, e os homens d'estado buscavam remedio, vendo periclitante a estabilidade e a propria vida do corpo social, e cumprindo-lhes defendel-a.

Apoz o eclipse de algumas decadas, o idealisno liberal resurge, inscrevendo nos livros da lei o principio da igualdade juridica dos homens, da igualdade de opportunidade, como modernamente se diz, corrigindo a phantasia do absolutismo igualitario de outras eras. Nos corações restaurou-se o culto da liberdade. E n'este renascimento da luz que um sonho de terrivel barbarie escureceu, a figura de Alexandre Herculano, protegida pelas sagradas paixões que o animavam, reapparece no resplendor de uma aureola eterna. Como o poeta de Além-mar (1), Alexandre Herculano, sen-

(1) Ernest Howard Crosby.

tindo a onda de imperalismo que nos seus derradeiros dias avassalava a Europa, poderia exclamar: — « Triste, desthronada rainha, oh liberdade! Ainda que contra ti se volte todo o mundo, hei de eu ser-te fiel! » Na sua adoração da liberdade havia laivos de fanatismo, o unico talvez que em toda a vida revelou. D'ahi viriam todos os seus temores em acceitar normas de organisação social que de toda a parte lhe apregoavam efficazes para salvação de angustias. Na ordem moral, o socialismo estava justificado. Não o contestava; « não se lhe afigurava que chamar socialista a quem discute, que impôr um labeu mais ou menos affrontoso desfizesse um argumento, nem que fosse demonstração concludente e irresistivel o affirmar que taes ou taes theorias são más porque são socialistas, e que o socialismo é mau porque propaga essas theorias. As escolas socialistas, (que nem elle já sabia quantas eram então), teem doutrinas positivas e critica negativa. As doutrinas positivas pareciam-lhe longos rosarios de despropositos; a critica negativa, embora frequentemente exaggerada, era a seu vêr uma coisa seria. Havia ahi indicações de males profundos e dolorosos no corpo social, que faziam estremecer as consciencias; que faziam cogitar tristemente os espiritos liberaes e sin-

ceros » (1). Mas apavorava-o sómente o perigo que em cada explosão de socialismo ameaçava a democracia de se converter gradualmente em uma burocracia ou em uma oligarchia, perigo que a violencia despotica do espirito de partido e o odio das classes expropriadas temerosamente asseguravam, inevitavel.

Em ultima analyse, a tendencia politica de Alexandre Herculano, no encadeamento logico da sua crença espiritual e religiosa, seria o que actualmente se chama anarchismo, por absurda que a muitos possa parecer á primeira vista uma tal classificação applicada a um tradicionalista fervoroso ; — anarchismo no bom sentido, no sentido de uma doutrina philosophica, temperado, ou, digamos melhor, limitado pela visão historica e sua demonstração da força de organisação inherente a toda a vida em communidade, mas, sem embargo, suspirando por toda a sorte de libertação, crendo no resgate da humanidade em Deus e aborrecendo todo o constrangimento imposto pelas vontades humanas isoladas ou colligadas. Aquelle socialismo de que mostrou signaes na presidencia da camara municipal de Belem, não se lhe teria figurado traição ao principio

---

(1) *Opusculos*, tom. II, 2.ª edição, pag. 141 e 142.

da liberdade; tornava-o inoffensivo, quebrar-lhe-ia todas as velleidades de despotismo a descentralisação extrema em que se realisava. E são de notar os compromissos a que no presente veio a ideia socialista para se conformar com o principio de liberdade, — as restricções que a si mesmo vae impondo, o desamor das grandes aggremiações, tão promptas em degenerar em tyranias, o valor cada vez maior attribuido á communa como instrumento da distribuição das commodidades elementares da vida. O socialismo contemporaneo da Inglaterra com a sua caracteristica insistencia na liberdade da terra e na liberdade do commercio, essa concepção da sociedade renovada, tão diversa do socialismo continental facilmente propenso á restauração cesarista, está mostrando até que ponto a intransigencia do apostolo da liberdade em Alexandre Herculano era a voz do propheta dos tempos proximos, ainda mesmo quando parecia combater-lhes o advento.

Essa crença na liberdade que obrigações não importava aos que passavam no mundo levando-a no peito?!... Conquistar a liberdade era servir a Deus, facultar aos homens a inteira sujeição aos seus mandados. A responsabilidade perante Deus, a todo o instante exigida na consciencia, em que elle se revelava.

não podia tornar-se effectiva senão pela liberdade. Os despotismos da terra figurar-se-lheiam uma offensa á divindade. Urgia derrubal-os onde quer que se acoitassem, sob o manto dos reis ou sob as vestes do sacerdote, em nome do estado ou em nome da egreja, nos castellos do feudalismo ou nas officinas dos mestéres, na altivez dos capitães de guerra ou na vilania cupida dos rebatedores.

A religião determinava uma politica. Mandava desembaraçar o caminho que conduz a Deus. A predica, o sacrificio e o martyrio, as luctas civis e as guerras dos homens, todas as armas eram de Deus e Deus reclamava para sua defeza e triumpho, se pela liberdade, sua filha e serva, combatiam. Mas a religião determinava sobretudo uma moral, o exame constante da conducta da actividade humana, em toda a extensão, e a sua conformidade com a essencia divina, até aos movimentos minimos, até ao mais pequeno objecto em que da nossa vontade dependesse.

Pessoalmente, emquanto se tratava de dar exemplo, a tarefa não foi difficil a Alexandre Herculano. Por virtude do seu raro vigor quebrou de prompto muito estorvo ao proposito de servir em acção os principios que adorava em espirito. Cedo se libertou, e com firmeza e audacia, das escravidões vulgares do

commum dos homens, e até das de muitos que se elevam não pouco acima do commum.

Riquezas? Não o tentavam. A simplicidade espartana dos seus habitos contentava-se com pouco; estava-lhe no animo, e confessava-a, a aversão a negocios e a aproveitar com boa arte mercantil os bens magnificos da sua intelligencia (1).

Honrarias? Detestava-as. D. Pedro V levou-lhe a casa a commenda da Torre e Espada. Recusou-a. E em uma carta publicada no *Jornal do Commercio* deu as razões do seu procedimento. « Pertenço », dizia, « a uma classe obscura e modesta, quero morrer como nasci. Ha nisto uma grande ambição solapada. No meio do immenso consumo que se está fazendo e que se tem feito, ha trinta annos, de dis-

---

(1) A carta em que propunha a Bertrand a edição da *Historia de Portugal* é sobre esse ponto sufficientemente elucidativa. Encontram-se publicadas pelo Sr. Dr. José Pessanha as suas passagens principaes, no *Boletim da Real Associação dos Archeologos Portuguezes*, em o numero especial com que recentemente aquella aggremiação commemorou o centenario de Alexandre Herculano. Todas as condições commerciaes da empreza confiava á experiencia e probidade do editor; nem sequer se importava de as determinar; e gracejava da propria incapacidade para semelhante ajuste e para materias do negocio em geral.

tincções, insignias, uniformes bordados, de titulos, gráus, tratamentos e rotulos nobiliarios, o homem do povo, que queira e possa morrer com esta classificação, deve adquirir em menos de meio seculo uma celebridade extraordinaria... Não sou commendador da Torre e Espada. O senhor D. Pedro V, que Deus tem comsigo, procurou-me um dia para pedir-me, dizia elle, um favor. Era o de acceitar a commenda da Torre e Espada. Recusei; e com a sinceridade, que elle sempre encontrou em mim, expuz-lhe amplamente os motivos da minha recusa. Aquelle grande espirito, complexo de extrema doçura, de alta comprehensão e de profundo sentir, debateu, sem se irritar, as ponderações, talvez demasiadamente rudes, que lhe fiz. Concluiu por me dizer que cada um de nós podia proceder n'aquelle assumpto em harmonia com as proprias convicções. Que elle cumpria o que reputava um dever de rei, e que fizesse eu o que a consciencia me ditasse. Como os outros homens, os reis, embora se chamem D. Pedro V, estão sujeitos a apreciar mal as pessoas e as coisas. Nem eu valia o que elle suppunha, nem a commenda valia nada. O que valia muito, apezar do seu innocente erro, era esse moço de vinte e quatro annos, esse filho de João I, D. Duarte extraviado no

seculo XIX, vindo pedir como favor ao filho do povo que lhe acceitasse uma mercê, porque entendia que o dever a isso o obrigava ».

Não quiz mais á lisonja do mundo do que aos regalos da riqueza e á ostentação das honrarias. Por não perder uma liberdade de critica sempre severa com a propria pessoa e com as estranhas, não o atemorisou a fama de impertinente ou orgulhoso, e desprezou, aborrecendo-o, o titulo de *excellente pessoa* « que o mundo costuma dar a quem se accommoda com as suas opiniões, quer absurdas, quer judiciosas » (1). Ouvindo, invariavelmente e exclusivamente, as indicações e o conselho da sua consciencia, desacatou com frequencia e por completo a opinião publica, « o mais sublime, o mais respeitavel, o supremo embuste d'este mundo ».

A intuição moral não se limitaria, porém, á imposição de regras adoptadas na vida individual e intima. Fixando leis, conduzia ao julgamento de quantos as offendessem e á apreciação de toda a circunstancia em que fosse offendiada.

O amor da patria, inspiração de Deus, levou Alexandre Herculano ao estudo da historia, e da conjuncção do historiador e do poeta e

(1) *Monge de Cistér,* tom. I, pag. 122.

crente devia resultar, e resultou, um moralista profundo e ardente.

O conhecimento do mundo e do fatalismo das suas leis, o mecanismo inconsciente e intransgressivel do seu movimento, que bem cedo a historia lhe revelou, posto em presença da aspiração divina, que mais cedo ainda se lhe revelou no coração, fatal tambem por inspiração da consciencia religiosa e por demonstração das civilisações e das raças, imperativa e absoluta por essencia, obrigava o poeta a cogitar e a estabelecer as formas de existencia dos homens e das sociedades nas quaes se conciliassem em virtude, belleza e felicidade os elementos diversos que a intelligencia e a observação lhe apresentavam.

Isso preferia mesmo á concepção de systemas, que para o fim pouco adeantavam, capazes de ligar e synthetisar o amontoado de relações e dependencias oppostas e desconnexas no seu aspecto exterior. Compadecendo-se mal a nitidez descarnada e fria das systemathisações com o prisma multiface dos factos concretos e as suas penas, o seu peso na ventura e na desgraça dos homens, a philosophia cederia a primazia á regra da vida. porque a instancia intima de crear belleza sob o poder de visões era evidentemente em Alexandre Herculano superior á sêde de saber

por mero orgulho ou simples curiosidade. A satisfação do dever podia mais na sua alma do que o deleite de penetrar e vêr e comprehender, exultando no reconhecimento das suas faculdades de aprehensão e exame. Ha na philosophia estreme, que em si contem e limita o seu destino e fim, qualquer cousa de peccaminoso egoismo e indifferença que o apostolo de uma missão divina não acceita sem correctivo. Se é philosopho, e não póde deixar de o ser em alto gráu quando a robustez mental lhe descobre o encadeamento das cousas, logo aproveitará a philosophia, subordinando-a e apeando-a do throno, para instrumento e maior efficacia da sua missão, sem muito cuidar do mais que ella encerra ou se esforçar por o definir com clareza, em quanto não aproveita á fortuna dos homens e á elevação da sua dignidade. Só n'estes termos convém, e d'ahi resultou, sem duvida, que em Alexandre Herculano o moralista seguisse de perto o historiador, como este seguiu o poeta, deixando ambos a grande distancia e em manifesta obscuridade o philosopho e sua impassibilidade, a cujos dotes e companhia nunca mostraram grande afêrro, naturalmente porque lhes pareciam debeis na substancia, de caracter por demais altivo, insensato e vaidoso, e mesquinhos em bene-

ficios, se os referiamos á desmedida presumpção com que pretendiam representar a sabedoria das sabedorias.

Foi implacavel. Nada indulgente comsigo, Alexandre Herculano mediu os outros pela propria craveira, e sem piedade flagellou vicios, erros, crimes e fraquezas, em todo o logar, tempo e circumstancia, onde quer que os encontrou. Costumes, instituições, processos politicos, religiões e crenças, tudo apreciou e julgou com uma severidade indomavel, a que os impetos illuminados do seu genio e a isenção da sua vida déram uma auctoridade tremenda.

As intrigas politicas e occupações analogas, « que são o recreio, o comodo, o alimento, a respiração e a vida do estadista e do cortezão » (1), em que Alexandre Herculano andou « extraviado », não por « culpa da vontade mas do entendimento », serviram-lhe para comprehender toda a abominação de taes manejos e fins, astuciosamente occultos em verdades graúdas, porque « em cada seculo ha uma verdade graúda que predomina, e que vae ajudando os espertos a consolarem-se dos dissabores da vida á custa do animal, alvar por excellencia, chamado cidadão, para cujo consolo vieram á terra as bruxas, a therapeu-

---

(1) *Monge de Cistér*, tom. II, pag. 9.

tica, os fundos publicos, a ontologia, os duendes, as infusões, a esthetica, as petas e o palavreado » (1).

Quando emergiu do atoleiro, sentiu-se renascer. As circunstancias haviam-no « baldeado no charco da vida publica », mas « a Providencia, que provavelmente não o achou assaz corrompido para fazer d'elle um homem de estado, deu-lhe uma hora de contricção em que podésse desempegar-se, escorrer o lodo dos vestidos, lavar o rosto, e voltar ao gremio do mundo moral » (2).

Não foi debalde, como debalde não foi a sua passagem na côrte e a approximação das classes nobres, quer consideradas no convivio immediato, quer observadas nos fastos das eras passadas. Ahi teria visto e aborrecido « a etiqueta, as minucias de cortezania escolastica, as vaidades inquietas de todas as supremacias e eminencias politicas, litterarias, agiotas, artisticas, da impertinente aristocracia burgueza, mirando-se, escarnecendo-se, detestando-se » ... « o egoismo das pequeninas vanglorias, as pontualidades parvoas e a sensaboria de convencional contentamento » (3).

---

(1) *Monge de Cistér*, tom. II, pag. 170.
(2) *Monge de Cistér*, tom. II, pag. 331.
(3) *Monge de Cistér*, tom. II, pag. 246 e 247.

Tudo isso e a repulsão do espectaculo de miserias ainda maiores levaria deante dos olhos quando ia a caminho do seu ermiterio de Val-de-Lobos, a viver entre a gente rude, cujos thesouros de ingenuidade reconhecêra e adorava. « As fileiras dos antigos pelejadores cujo ardor aliás se achava enfraquecido pelo cansaço, haviam-nas rareado os annos, e os novos não tinham braços assaz robustos para o combate. Então chamava-se á tibieza tolerancia, e aos calculos do egoismo e da pusillaminidade civilisação. Os velhos interesses e as velhas preoccupações tinham voz e voto, preponderante ás vezes nas cousas publicas. Os tumultos, as luctas das facções, as guerras civis, eram ainda possiveis: as revoluções não. Para isso requeria-se que nas veias dos homens houvesse sangue, no coração crenças, e na sociedade seiva moral » (1).

Fugido da mentira de requintes de sensualidade e perfidia em que os senhores do mundo folgavam; buscando uma atmosphera de sinceridade e de paz, não só pelo anceio de se banhar em summa candura mas tambem, decerto, pela alta sapiencia de collocar em ambiente adequado o poder de meditação do seu espirito, affastado assim das distracções

(1) *Opusculos*, tom. IV, 2.ª edição, pag. 102.

e constrangimentos que sem repouso o irritavam; « envelhecido antes de tempo pela contensão do espirito em comparar, conjecturar, deduzir » (1) e sobretudo pelo tremor de uma consciencia inquieta, meticulosa, votada a uma continua febre de acertar; « affastado pelas illusões de um momento das occupações litterarias a que se dedicára com intimo affecto e reconduzido por asperos desenganos ao tranquillo retiro d'onde não devera talvez ter saido: concebendo como, no desabar do imperio romano, tantas almas severas e energicas, desesperando do futuro de Roma, iam buscar os ermos, onde o christianismo nascente lhes indicava um refugio, e alli, a sós com as suas cogitações, cerravam os ouvidos ao importuno ruido de uma sociedade gasta e podre que esboroava, não tanto ao impulso dos barbaros, como pelos effeitos da propria dissolução interior »; convencido emfim de que « luctar com a Providencia não é esforço, é loucura » (2): — uma fadiga mortal lhe reclamava horas de repouso, a defeza instinctiva do minguado alento de um organismo exausto de aspirações, contrariedades e desillusões, e rendeu-se-lhe. Reaccendeu então na alma o vigor amortecido

(1) *Monge de Cistér*, tom. XI, pag. 377.
(2) *Historia de Portugal*, tom. IV, pag. 5 e 6.

e quebrado em luctas vãs; e deu-nos o exemplo da nobreza na derrota quem primeiro nos mostrára dignidade e gloria nos combates.

Combates!... Os que o vulgo apreciou nas obras de Alexandre Herculano e nos actos publicos da sua vida seriam bem frouxos comparados com os que no seu peito se travavam para o isentar de cair em falta. Conheceu as profundezas fataes da fraqueza humana, e do vigor com que procurou e alcançou remir-se da sua atracção depõe uma existencia inteira de dignidade.

O trovador prisioneiro, « á vista dos homens, saberia esconder o seu delirio e morrer com firmeza; mas, na solidão, a saudade de uma existencia cheia de amor e d'esperanças, a vergonha de supplicio affrontoso, e o temor da morte lhe não consentiam velar-se deante de si proprio com a mascara que a vaidade e o orgulho põe na face humana ainda nas suas mais terriveis situações, para que a vida seja uma continua farça, da qual o coração é o actor mentiroso desde o berço até ao sepulcro » (1). E Alexandre Herculano, tambem trovador e prisioneiro dos ferros das contingencias e convenções mundanas, teria

(1) *O Bobo*, pag. 261.

soffrido as angustias do seu irmão do romance medieval; mas, mais corajoso, tirou deante de si mesmo a mascara que a vaidade e o orgulho põe na face humana, e do mesmo modo, virilmente, descobriu o rosto perante as multidões atonitas de tão estranha fortaleza, provocando, sem duvida, a aversão e escarneo da debilidade vulgar, para a qual estabelecia um confronto accusatorio.

Essa sinceridade, essa facilidade e até sollicitude em patentear em todos os actos da sua vida os mobis intimos, como para se certificar da rectidão do proprio procedimento sujeitando-o ao julgamento de estranhos, indifferentes, amigos e inimigos, constitue um dos mais finos traços da delicadeza e escrupulo da moral de Alexandre Herculano. A cada passo se confessa. Voluntariamente, com uma corajosa franqueza, expõe-se á affronta e á calumnia que da revelação do seu intimo lhe possam derivar; dava aos homens as contas que de todas as suas acções dava a Deus, sem temer a injustiça do mundo que tantas vezes lhe ignorou e menosprezou a inteireza e a candura. O sentimento da responsabilidade, filho dilecto da liberdade e seu fiel companheiro, obrigava-o a julgar-se frequentemente com o rigor que o dever lhe impunha na apreciação dos actos alheios, e até mesmo, não

raro, com a severidade que por indulgencia e amor não tinha com os outros.

As relações de Alexandre Herculano com D. Pedro V e os termos em que nol-as expõe no prefacio da terceira edição da *Historia de Portugal,* são testemunho da sinceridade mais perfeita, mais repassada de grandeza moral, que póde coroar as faculdades portentosas de um talento peregrino. Nem amesquinha o proprio valor nem o isenta de confronto e subalternisação ao valor alheio; não cede um palmo do que lhe pertence e não regateia uma pollegada do que deve a outrem. Reconhece a propria força, sem jactancia, descobre com uma serena e firme justiça os escudos da sua fortaleza; e sem pejo, sem córar por se sentir vulneravel e fraco á semelhança dos communs mortaes, é o primeiro a apontar os golpes com que um outro mais forte lhe rompia e penetrava a armadura.

Emprehendera o estudo da historia de Portugal para educação do principe. Pagava ao filho a divida que contraira com o pae; a este devera a situação isenta de encargos pesados, que lhe permittiu dedicar-se por completo ao aturado trabalho da compilação da historia. Levára o estudo quasi até ao fim da primeira epoca da monarchia, quando a parte publicada suscitou a « animadversão d'aquelles que

querem accomodar a historia ás crenças do vulgo, ás preoccupações nacionaes e aos interesses que n'ellas se estribam. » Abriram então na imprensa e no pulpito uma campanha contra o auctor de tão estranhas revelações, e os seus inimigos encontraram adeptos até nas regiões do poder. Difficultaram-lhe a edificação da sua obra. Inhibido de proseguir sem sacrificio de dignidade, abandonou-a.

Reagindo contra essa violencia deploravel, que privava a nação de conhecimentos fundamentaes para a sua vida e consciencia moral e politica, « demonstrações incessantes e sempre crescentes dentro e fóra do paiz » (1),

---

(1) Graças ainda á generosidade do Sr. Marques Gomes, foi-me possivel lêr a representação das pessoas d'Aveiro pedindo ao governo que a Alexandre Herculano se facultassem todos os meios de continuar a *Historia de Portugal*. A representação está publicada no *Campeão do Vouga*, n.º 536, de 16 de julho de 1857. Conheci a maior parte dos homens que a assignaram. São tudo o que em Aveiro havia de superior pela intelligencia e situação social ; e encontro alli, a par dos liberaes mais exaltados, os nomes de catholicos severos e intransigentes, legitimistas ferrenhos, cabralistas, padres e seculares de todas as classes.

Diz-me mais o Sr. Marques Gomes que a representação foi promovida por José Estevão, o que de resto logo suspeitei porque não falta alli a assignatura de nem um só dos amigos mais dedicados do tribuno, dos que cegamente o seguiam. Mas, se duvidas hou-

obrigaram os poderes publicos a reconsiderar. Os homens do poder, « se não respeitam, geralmente fallando, a moral e a justiça, quando estas tão sómente se affirmam, acatam-nas quando estribadas em qualquer genero de força e quando, portanto, significam um risco. Por isso e só por isso, do mesmo modo que por meios indirectos lhe fôra tirada, a possibilidade de continuar a *Historia de Portugal* foi emfim indirectamente restituida » a Alexandre Herculano. Mas era tarde. Na lucta contra a torpe estupidez que o assaltára, « a ambição litteraria, a confiança no futuro, a energia e o vigor da alma, o habito dos penosos estudos e das meditações, a perseverança no trabalho, e, até, a robustez physica tinham em grande parte desapparecido ».

Depois, passado algum tempo, ainda tentou um ultimo esforço para proseguir no trabalho. Se porém o tentou, ingenuamente confessava que « não fôra para servir o seu paiz. » Só por uma grande amizade o fazia. « Emquanto alheio, não ao estudo dos homens e do mundo, mas ás suas ambições vulgares, consumia os

---

vesse a tal respeito, estavam tiradas em a nota que o Sr. Marques Gomes encontrou nos apontamentos de seu pae, o dr. Francisco Thomé Marques Gomes. Este apontou o dia em que assignou a representação, e accrescenta que o fez a pedido de José Estevão.

melhores dias da vida em trabalhos a cuja sinceridade, ao menos, o futuro havia de fazer justiça, um acontecimento impensado tinha chamado ao throno aquelle para quem, na sua puericia, fôra destinada a *Historia de Portugal*. Devera-lh'a por mais de um titulo; mas, annulados, sem culpa sua, os meios de pagar, a obrigação desapparecia. Fôra, todavia, por elle, e só por elle, que ainda uma vez tentára o que a razão lhe representava como quasi impossivel. »

« Na procella em que naufragára o seu pobre livro o nome do soberano fôra murmurado em voz baixa, associado ao dos satellites da reacção, calumniado, como tinha de o ser depois, com torpeza sem exemplo, em negocio mais grave. Ouviu esse murmurio: conhecia bem os homens de que vinha, deu-lhes o asco que pediam e volveu a face. O facto tinha uma significação e um valor bem sabidos.

« Malquistar o soberano com o cidadão era nobre e grande; mas era incompleto: completava-se malquistando o cidadão com o soberano. Infelizmente a tentativa falhou. O vago, o mysterioso, o terrifico teem attractivos para as almas novas de profundo e energico sentir; para as intelligencias juvenis e robustas que a ambição da ideia devora e que, impacientes, forcejam por se precipitar nas vastidões do

mundo moral para lhe devassar os segredos. A alma do rei era d'essas. Buscou-o e desceu, como diria o mundo, a justificar-se, porque nunca inquiriu se para chegar do throno ás regiões do dever ou da justiça era preciso descer ou subir. Movia-o, além d'isso, o instincto proprio da sua edade e da sua indole. Queria sondar o abysmo de orgulho, de odios implacaveis, de impiedade, de paixões tempestuosas de que lhe fallavam com susto. Parece que a lenda exaggerava: o precipicio, o abysmo, eram de dimensões menos amplas. Verdade é que os precipicios e abysmos fascinam e atraem: póde tambem ser que fosse isso. Que, porém, se illudisse ou que acertasse, o rei achára que todas essas negruras do feroz plebeu se reduziam a uma sinceridade talvez rude, e a sinceridade, ainda rude, tinha para elle o attractivo do novo, do impensado. Achava onde retemperar o animo lasso do incessante espectaculo da condescendencia interessada, do applauso grosseiro que vale o insulto, da devoção requerente, do regirar e mentir dos que buscam recamar-se de avellorios e lantejoulas para se inebriarem, para esquecerem que se arrastam porque são lesos. Entrava apenas na edade de homem e estava já saciado do serpeiar flexuoso das linhas curvas: attrahia-o por isso irresistivelmente a

dureza da linha perpendicular, recta. Aquella alma, tão rica de abnegação de si, quanto o era de affectuosa sympathia para com todos os opprimidos, para com tudo o que padece, comprazia-se em fitar a vista em olhos que não se abaixassem deante dos seus, em encontrar na ideia alheia a resistencia á propria ideia. Não tinha ciume de uma soberania superior á sua, a da razão, nem o humilhava a dignidade humana, que equivale no subdito á magestade do rei. O que repugnava profundamente a esse espirito era o baixo, o abjecto, O reptil, infusorio em grande, inquieta-nos, tenta a nossa fé na immortalidade com o dogma horrivel da geração espontanea, da omnipotencia do fermentescivel: o homem, que é homem, esse é que prova Deus.

« Foi na affeição de D. Pedro V, no desejo de lhe comprazer que achou alentos para galgar de novo a ingreme ladeira d'onde o tinham despenhado; foi animado por elle que proseguiu em ajuntar materiaes, não para levar a cabo os ambiciosos designios concebidos na edade das grandes audacias, mas para concluir o quadro sincero da epoca mais obscura da nossa deturpada historia; para deixar no mundo um livro em vez de um fragmento. Expressa apenas como desejo, a sua vontade tinha-se tornado para elle irre-

sistivel: nem se pejava de confessar que elle começava a exercer já sobre o seu espirito aquella especie de absolutismo moral que, provavelmente, aos trinta annos havia de exercer, se vivesse, sobre o geral dos animos; singular especie de absolutismo, que encerrava a esperança da regeneração dos costumes publicos e, conseguintemente, a unica esperança da manutenção da nossa autonomia e da nossa liberdade; autonomia e liberdade que foram para elle crença e culto, porque lh'as tornavam santas a voz de uma consciencia virgem e as revelações de uma poderosa intelligencia. » (1).

Que alma segredava essas confissões! Que essencia sobrehumana as animou! Que resplendor divino nos confunde! O orgulho do stoico e a rigidez do crente abdicaram perante a personificação candida da justiça. Não temeram degradação no desprendimento. Conscientemente o tributavam, pesando sem impostura o proprio valor e sem aviltamento depondo-o no altar do affecto que o reclamava, devido por gratidão e não offerecido pela livre generosidade do devoto. O crente en-

(1) Vid. toda a *Prefação* da 3.ª edição da *Historia de Portugal*.

grandeceu-se renunciando á altivez do propheta e trocando-a pela humildade do servo.

Nem sempre, porém, o espirito de Alexandre Herculano pairava n'essa esphera religiosa de adoração, e não raro de indignação, a que tão altos impulsos o erguiam. Por vezes, baixando ao meio das vulgaridades terrenas, benignamente as viu e lhes sorriu.

Esta ironia grave, e affirmativa todavia atravez dos reflexos inquietos da multiplicidade dos seus prismas, objecto de justiça e simultaneamente desenfado de austeridade, o rigor sem crueldade, o rir sem malevolencia ou escarneo e ao mesmo tempo sem indulgencia, sem cobrir a nudez da falta, jocoso sem insolencia e agressivo, por corrigir, sem durezas de expiação ou vindicta; esse humorismo caracteristico do sangue anglo-saxonio insinuou-se na obra de Alexandre Herculano e nos seus prolongados combates de polemista. E é de vêr a doçura, salpicada de ingenuidade, com que nos colloca em frente das ambições e cobiças barbaras d'outras eras, no intimo condemnadas e condemnaveis, embora sejam pesado attributo das miserias humanas de todos os tempos.

Exemplifiquemos.

Na côrte de D. Thereza, mãe d'Affonso Henriques, ricos homens, cavalleiros e cleri-

gos discutiam acremente, entre si e ao sabor de cada um, a legitimidade das pretensões do filho á posse do reino e o direito da mãe em lh'a negar. « As injurias voavam de parte a parte, os ferros polidos dos punhaes principiaram a reluzir meio-arrancados dos cintos, e a sala do conselho ia a converter-se n'um campo de batalha, quando dois homens, talvez os unicos que pelo seu caracter politico e ainda mais pela sua condição moral o podiam alcançar, atalharam as scenas de sangue de que os paços de Guimarães estavam a ponto de serem theatro. Quasi ao mesmo tempo dois sacerdotes se alevantaram a pedir treguas em nome de Deus. Era D. Tello, arcediago de Coimbra, um d'elles: o outro, Fr. Hilarião, o bom velho abbade do mosteiro de D. Muma. Áquelle dissera muitas vezes D. Thereza que assáz grato lhe seria vel-o bispo da sua sé, a qual então se achava orphã de pastor; a este, a predilecção que sempre mostrára ao seu mosteiro e a elle em especial o moço principe, fazia crêr com bom fundamento que não eram vãs de todo varias palavras que uma vez lhe ouvira soltar ácerca não sabemos de que doação ao santo asceterio de Guimarães, de certa villa ou herdade, com cincoenta homens de creação, e seus montes e pastos, fontes e lagôas, exitos e regressos.

Não os moviam na verdade estas circunstancias que apontámos casualmente, a serem, D. Tello, inclinado a favorecer a justiça da bella infanta, e Fr. Hilarião a justiça de Affonso Henriques. Pregoava-os o mundo por virtuosos: nós ajuntamos o nosso brado ao do mundo. Mas é indubitavel que ambos elles estavam persuadidos de que o outro seguia uma causa má e affligiam-se profundamente de verem assim a virtude desvairada e perdida no campo contrario... Ainda cremos na virtude dos cultores de politica: sabemos por experiencia que a maior parte das vezes as suas expressões são singelas e nascem de crenças mui fundas; sabemos tambem que as suas opiniões são em geral desinteressadas, e que jámais é o medo que os incita a prégarem a concordia e a paz. E se isto é assim n'estes tempos de perversão moral, com bom fundamento affirmamos que eram puras e generosas as intenções d'aquelles dois ministros do Senhor, n'um seculo em que as doutrinas do christianismo estavam vivas e a caridade era fervorosa e sincera. E' certo, porém, que apezar das deligencias que faziam cada um d'elles para aquietar o furor da respectiva parcialidade, por muito tempo o alarido dos cavalleiros, que se doestavam com bastas e grossas injurias, cobriu as debeis vozes dos

varões apostolicos. Finalmente foram ouvidos. A reputação de santidade de que ambos gozavam, — no seu bando já se entende, — porque em epocas de odios civis as reputações facilmente tocam o extremo da profundeza, mas na extensão ficam sempre em metade; essas reputações, dizemos, mais ainda que a força das suas ponderações, fizeram pouco a pouco asserenar a tempestade. Os ricos homens, infanções e cavalleiros vieram emfim a uma conclusão razoavel; isto é, sairam d'alli cada vez mais afferrados ás suas opiniões e sem concluirem nada » (1).

Assim nol-os pintou o romancista historiador, em momento de os considerar sem impaciencia.

Se necessario fosse descobrir a couraça de ferocidade dos fundadores de dynastia, com tal destreza e arte procederia Alexandre Herculano n'essa tarefa que sorrimos, quando aliás poderiamos sem injustiça voltar a face indignada pelo espectaculo de crueldades barbaras. Assim, por exemplo, que sacrilegos aggravos não se teriam feito ao conde D. Henrique, duvidando-lhe da bondade! Apressa-se o historiador a corrigil-os, porque « devemos crêr, ao menos piamente, que o conde D. Hen-

(1) *O Bobo*, pag. 89 e 92.

rique, na epoca em que alevantou o castello de Guimarães, não lançou nos fundamentos do seu edificio soberbo um carcere seguro e vasto com os intuitos de rapina que guiavam o commum dos senhores n'estas tristes edificações. Ainda que algum documentinho de má morte provasse o contrario, cumpria-nos pol-o no escuro, ou contestar-lhe francamente a authenticidade, porque o conde foi o fundador da monarchia, e a monarchia desfunda-se uma vez que tal cousa se admitta. Assim é que se ha-de escrever a historia, e quem não o fizér por este gosto, evidente é que póde tratar de outro officio » (1).

Muitas vezes castigava rindo. E' certo. Não cessava todavia atravez do riso a tenacidade de combater, a intuição e o ardor apostolicos, caracteristicos, como o humorismo, do sangue germanico. Sempre se uniam na alma do poeta aquella visão exacta das realidades e sua ordem, propria da educação romana, e o espirito de missão religiosa que nunca abandona os povos de origem septentrional. Se alguem representou por completo, resumindo-as nas tendencias e altos talentos de um só individuo, « estas sociedades, meio romanas, meio germanicas na

(1) *O Bobo*, pag. 254.

indole, e celto-romanas na raça, que estanceiam ao Occidente », foi Alexandre Herculano, foi exactamente quem melhor as definiu na historia. O polemista manteve-se inquebrantavel até ao final da sua vida. De facto nunca abandonou as armas. Os derradeiros annos da sua existencia, as condições de desprendimento em que os passou, e a voz que de longe em longe nos vinha do ermiterio de Val-de-Lobos, foram pelo exemplo e pela affirmação explicita uma exortação ininterrompida á virtude, e um clamor instigando a contricção e emenda as gerações corrompidas cuja degradação presenciava com amargura. Corria-lhe nas veias a febre de exame intimo constante e de ambição de conquista moral e religiosa peculiares áquelles que deram á humanidade a renovação fecunda do protestantismo. Chamaram-lhe lutherano os que suspirariam por o levar ás fogueiras da Inquisição, se ainda as houvesse, porque lhes arruinava os milagres e a consequente exploração de estupidas crendices populares. Havia qualquer cousa de verdade n'essa designação. Sómente o honrava, em vez de ser pejorativa. Traduzia o reconhecimento de uma independencia rebelde a toda a seducção e lisonja de sensualidades satisfeitas e vaidades saciadas, a confirmação da posse de faculdades raras

entre latinos, commodamente conciliadores, a verificação da revolta insubmissa do combatente, inimigo jurado e exaltado de todas as oppressões, do despotismo dos homens e da escravidão da consciencia. Por erro o julgaram desalentado e vencido. Jámais o foi. Reagiu sempre, nunca tolerou ambiente que lhe repugnasse ao coração. Defendeu-se constantemente, de reducto em reducto, levando intactos e intangiveis seus escudos. Onde achou terreno ingrato para a sua alma, logo a transpôz para logar em que podesse offerecer-lhe resguardo conveniente. Deixou as armas, deixou a politica, deixou as lettras, deixou o seu minguado mundanismo da cidade, mas não por fraqueza; deixou-os, para renovar com uma energia inexaurivel as condições da sua vida apenas se convencia de que as não tinha adequadas á preservação da sua pureza.

Vicente Ferrer diz-nos que Alexandre Herculano « *gostara* de questionar e discutir ». Presente-se, com effeito, nas suas polemicas certo prazer de se defender e flagellar a matilha que o assaltava latindo raivosamente. Com facilidade acceita o duelo, não mostra pressa de o rematar, e, muito ao contrario, procede com tal pausa na destituição do antagonista, arrancando-lhe uma a uma as suas

armas, que, se não lhe foi deleite a tarefa, pelo menos não a houve por enfadonha ou penosa. Sendo o combate instrumento de propagação da verdade, logicamente não poderia desamal-o, antes deveria apetecel-o quem tinha a verdade em conta de missão suprema. Combatendo reconheceria, não só a constituição vigorosa das proprias forças, o que o alegrava, mas tambem a expansão e derramamento da sua crença, o que lhe satisfaria a consciencia e lhe premiava o esforço.

Tornou-se materia corrente que o dominava o orgulho.

Não é exacto. Confundiu-se o orgulho com a defeza attenta e prompta da dignidade, com a justificação vigilante dos seus actos em que a salvaguarda da propria honra se juntava á necessidade constante de exame de consciencia. Na polemica que mais fundamente deveria feril-o, porque lhe contestava crenças religiosas, e nenhumas tinha mais arreigadas em seu peito, vinha adduzir com exactidão e vigor os factos em que na vida patenteára, muito mais do que generosidade com os vencidos e perseguidos, verdadeiro amor da egreja e do clero. « Como procedera elle sempre ácerca de egreja e do clero? » perguntava, indignado pela offensa que um catholicismo estreito de intelligencia e de

coração fazia á nobreza cavalheiresca do seu caracter, n'este caso inflamada pela fé religiosa, e pelo respeito e encanto da tradição e por toda a poesia do culto. E respondia, com uma serenidade em que se advinham tremores de mágoa e mal contidos impetos de desaggravo: « As ideias do seculo, recalcadas por uma compressão violenta, a que, força é confessal-o, a maioria do sacerdocio se havia associado, tinham reagido violentamente, e assentavam-se triumphantes sobre as ruinas do passado quando eu entrei no campo de imprensa, no campo das batalhas do espirito. De roda de mim jaziam os fragmentos da sociedade que fôra, e no meio d'elles o clero, disperso, empobrecido, coberto d'affrontas, experimentava as consequencias do predominio de um partido adverso e irritado. A situação da egreja portugueza n'essa epoca, e sobretudo a situação dos regulares, sabemos todos qual era. Foram feridas de que, porventura, ainda mais de uma goteja sangue. Os homens das velhas opiniões politicas, no meio do terror, vergados pelo desalento de de uma quéda tremenda, duplicadamente dolorosa pela desesperança, calavam. Nem uma voz amiga se alevantava n'esta terra de Portugal a favor da egreja batida pela tempestade. Ainda então esse grupo de mancebos

cheios de talento, de inspirações grandiosas e de crença fervente na liberdade humana, e pela liberdade na eterna justiça; essa phalange, no meio da qual todos os dias apparecem novos soldados, e que não se envergonhava de Deus nem do seu Christo, não tinha ainda começado a surgir para ser generosa com os adversarios das suas ideias, quando a desventura os santifica. Na imprensa liberal, revolucionaria, impia, como quizerem chamar-lhe, eu, só eu, tive por muito tempo palavras de affeição e consolo para a desgraça; só eu tive animo para accusar os homens do meu partido de espoliadores e insensatos; para tentar revocal-os á poesia do christianismo, do eterno alliado da liberdade. A voz que do campo do progresso saudava o templo enlutado e deserto era debil, mas sincera: a mão que se estendia para amparar o sacerdote curvado sob o peso da agonia era bem pouco robusta mas era leal! Como Yorick guardava a caixa do pobre franciscano entre os symbolos da sua religião de affectos, eu guardo para mim, e só para mim, mais de um papel escripto por mãos tremulas de velho monge, e talvez regado por lagrimas, em que se reconhecia a possibilidade de haver um homem das novas ideias que não fosse absolutamente um malvado. E' sobre estas reliquias que eu

quero encostar a cabeça para dormir tranquillo o ultimo e longo somno em que todos devemos repousar » (1).

Havendo, porém, fallado d'este modo, que a leviandade tomaria por altivez aggressiva ou desdenhosa, logo se apressa a esclarecer e dissipar por palavras de humildade essa impressão, como suspeitando-a, temendo-a, e não querendo que subsistisse tão mal pensado e calumnioso conceito. « Trouxera para o campo da historia », dizia elle então, « o mesmo amor da verdade singela, que tinha mostrado n'uma das mais graves questões sociaes. Não se arrependera do que fizéra. Cumpria um dever que lhe impunham Deus e a sua consciencia. Não esperava arrepender-se do que fazia. Cumpria uma obrigação litteraria, e estava certo de que bem merecia da terra em que nascêra escrevendo a verdade ». Só hesitava « sobre a legitimidade das suas queixas: sobre se, no que suppunha um dever de honra, não haveria um pouco da obcecação da vaidade. Quando Roma que parecia ter jurado nas aras de Jupiter Stator o exterminio do catholicismo, crucificava no seu *Index* nomes como os de Chateaubriand e Lamartine; nomes como os de Gioberti e

(1) *Opusculos*, tom. III, pag. 30 a 32 da 2.ª ed.

Ventura, teria elle, verme que passava á sombra do seu nada, direito de offender-se porque de pulpitos obscuros, n'um canto obscuro da Europa, alguns clerigos máus ou ignorantes lançavam sobre elle o vilipendio das suas palavras? Quando a egreja, involvendo a fronte no véu da sua immensa tristeza, e sentindo humedecer lhe os pés o sangue humano vertido pelo ferro sacerdotal, contempla aterrada o futuro, havia dôr de individuos a que fosse licito um brado» (1)?

A victima de um odio estupido defendera-se do aggravo, mas o christão, dominado pelo desprendimento divino e pela abdicação na vontade do Senhor, duvidava não só do direito de defeza mas até da legitimidade de accusar a injuria e se queixar. Na hesitação do combatente revelar-se-ía um eterno problema de consciencia; na apreciação do facto accidental transpareceria o conflicto, porventura insoluvel, da religião da honra e da religião de Deus. Mas o que, com certeza, se sumia e dissipava era o ultimo vestigio de sentimentos de orgulho.

No fundo, não poderia tel-os quem se sentiu presa de arrependimentos porque expontaneamente reconheceu, desconfiando de haver

---

(1) *Opusculos*, tom. III, pag. 33 e 34 da 2.ª ed.

caido em erro, « não ser dos menos sujeitos a ceder ás vezes aos impulsos da vivacidade » (1). Em ultima analyse, bem ponderados todos os elementos que entravam na sua constituição moral e de que elle nos deixou bastas indicações, Alexandre Herculano não seria orgulhoso nem humilde. Quem tão singela e modestamente confessava gratidão e, pelo facto, se mostrava commum mortal, fraco e sujeito á bondade do auxilio estranho; quem. longe de alardear independencias mentirosas e estultas a que a comprehensão do proprio valor o poderia sem estranheza tentar, declarava dever á intelligente previdencia de um rei a situação isenta de encargos pesados que lhe permittiu dedicar-se por completo ao aturado trabalho da composição da historia e haver emprehendido o estudo da *Historia de Portugal* para educação do principe, pagando ao filho a divida que contraira com o pae e tributando em troca do pão e do socego que lhe concederam a fortuna immensa de talentos assombrosos: quem pretendia collocar-se n'esse terreno chão da fraqueza e do affecto vulgar, não seria nem orgulhoso nem humilde, seria apenas um justo, pedindo justiça para si pelos impulsos da mesma rectidão em que aos estra-

(1) *Opusculos*, tom. III, pag. 63.

nhos procurava fazel-a, tendo reclamado o seu logar entre os da sua graduação moral, sem ignorancia ou preterição dos que por qualquer titulo lhe estavam acima, e muito menos sem desprezo dos que lhe ficavam inferiores, sem prescindir dos direitos que possuia e sem regateiar as obrigações que lhe cabiam ou occultar fraquezas a que se reputava exposto. Julgaram-no orgulhoso, porque alliando a força á justiça, uma virilidade intemerata a um sentimento indefectivel do dever, abominando a impostura, a hypocrisia, toda a ostentação de falsa modestia, não cedendo a incentivos do proprio capricho, se é que por elle passaram, affrontando valoroso toda a contingencia, disse de si e dos outros com uma energia superior toda a verdade. E' singular até que seja quasi estranha ao caracter de Alexandre Herculano a melancolia, esse suave desfallecimento e queixume proximos da voluptuosidade na mágoa; no seu peito sómente responderiam á dôr a tristeza, os soluços ingentes e as lagrimas abundantes e francas de vencidos. A magnitude da reacção, o grito de mortificação denunciava a valentia do opprimido, as contracções gigantescas em que se debatia antes de succumbir, e nunca a morbida debilidade de quem se allivia renunciando ao seu querer e entregando-se ás fluctuações do destino.

A robustez inviolavel no combate, na crença e no soffrimento consentiu-lhe a sinceridade e a largueza na ternura. Sómente os verdadeiramente fortes a possuem. Demanda profundezas taes de desprendimento, tão larga vibração de sympathia, que só a confiança de uma perfeita fortaleza intima as admitte. A bondade e o affecto vulgares, justamente porque são fracos, não ousam sujeitar-se a perdas, guardam sempre com avareza, em toda a expansão carinhosa, certa reserva de um egoismo que nem por instantes descura os seus pequeninos interesses. Mas Alexandre Herculano, porque era forte, pôde ser terno sem pusillanimidades de uma acanhada prudencia. Podia amar esquecendo-se por completo no amor; instinctos vigorosos o afoitavam, assegurando-lhe que em toda a abdicação o seu ser se enriquecia em vez de alienar e depauperar-se. As suas relações com D. Pedro V e as cartas intimas á esposa, das quaes com muita razão se tornou famosa a que vem publicada no *Estudo Critico-Historico de Alexandre Herculano,* de D. Antonio Sánchez Moguel, lido na Real Academia de Historia de Madrid, são testemunho eloquente de como o amor sublimado d'aquelle inspirado apostolo baixou intacto e perfeito das regiões em que é um poder divino, universal e soberano, para o

conforto do lar e para o respeito e dedicação de homem a homem, em que se torna doçura, encanto e lenitivo da vida mortal dos miseros seres ephemeros onde habita a consciencia eterna. Esse homem, que não podia ignorar a sua estatura herculea porque as rudezas das batalhas e dos trabalhos lh'a punham em prova e em evidencia aos olhos dos estranhos e aos proprios olhos, não temia aviltar-se, ou sequer amesquinhar-se, publicando que o rei, um moço, começava a exercer sobre elle « aquella especie de absolutismo moral que, provavelmente, aos trinta annos havia de exercer, se vivesse, no geral dos animos »; não tinha pejo nem admittia desdouro em se confessar vencido pela vontade e pelo entendimento alheio, satellite do prestigio d'aquelle deante do qual, pela edade e pela experiencia, ainda que por mais não fosse, poderia sem offensa allegar superioridade. E, ao mesmo tempo, as mãos que votou ao trabalho da terra e n'elle endurecera, para as purificar e avigorar n'aquelle salutar mestér e sacerdocio, guardavam doce flexibilidade de ternura, capaz de proteger e amaciar o ninho em que abrigava a companheira e de a amar com carinho, interessado e collaborando de continuo nas suas fainas, indulgente para os seus appetites e sollicito em lhe alliviar enfermidades.

Da grandeza stoica reservou para si sómente a força de supportar contrariedades e dôres, remindo-se das suas feridas pela propria energia. Mas o que de frieza, impassibilidade e orgulhoso isolamento e desprendimento houvesse n'aquella doutrina, isso dissipou-o, apagou-o no fogo das emoções affectivas, na expansão ingenita de sympathia e de dedicação, nos apetites e doçura de aturado commercio com os homens. Val-de-Lobos consolou-o de muita amargura; collocou-o a salvo do desgosto de muita vilania, a distancia sufficiente para lhe não sentir continuadamente as picaduras irritantes; libertou-o na contemplação e beatitude dos mundos da infinita ingenuidade. Mas não foi sem lhe fazer pagar seu preço, sem lhe impôr enfados da soledade, vaga saudade. Alguma cousa alli lhe faltaria que a rigidez estoica não podia supprir. O stoicismo, quando traduzido na existencia concreta, tinha suas tyrannias. A Val-de-Lobos não chegava o tumulto da cidade, o rumor das suas infamias, das suas dissipações e das suas depravadas demencias; mas calava-se tambem, no affastamento dos homens, o murmurio de amizades, aspirações e crenças, que todo o coração amoravel escuta e repete, distinguindo-o no meio de prágas e discordias, alimentando-o e alimentando-se por esse pul-

sar de harmonia que incessantemente funde a sua vida na vida estranha. Sequioso d'esses filtros d'amor, d'esse sustento que fôra a paixão de toda a sua existencia, para dar e receber o qual combatera, estudára e se exaltára em esperanças, em combates, e em fadigas de apostolado e na febre das creações do genio, não lhe supportou sem lamentos a privação, quando os muros da voluntaria clausura em que se encerrerá o impediram de o possuir em abundancia, de todo lh'o roubando até durante longas horas. Na *Advertencia* que precede o primeiro volume dos *Opusculos,* explicando porque começara a ajuntar os retalhos dispersos do seu passado intellectual, Alexandre Herculano, com a habitual e irreprimivel senceridade de todos os seus passos, não nos occulta como e quando o ermo lhe fôra tambem pesado. Nem só o espectaculo e a vozeria infernal dos odios e atropelos das cobiças da multidão importavam mágoas. Outras se encontravam na sua ausencia, ainda que inspirada por uma sagrada repulsão. Eram differentes de caracter mas identicas na essencia: ou um rumor de sympathia nos falte em absoluto e o substitua um frigido silencio, ou o nosso coração sinta e chore a divergencia e opposição entre os seus anceios e os impulsos alheios, em qualquer caso

deplora a separação dos homens, o apartamento moral ou physico dos nossos irmãos, e suspira pela sua proximidade.

Procurando allivio a semelhantes males, proprios da ternura do seu temperamento e caraterisando-o fundamente n'esse ponto, para lhes moderar os effeitos começou Alexandre Herculano a colligir e ordenar nos ultimos annos da vida os seus escriptos dispersos. « Para o velho que vive na granja, na quinta, no casal, como que perdidos por entre as collinas e serras do nosso anfractuoso paiz, ha na existencia uma condição que todos os annos lhe prostra o animo por alguns mezes, doença moral, mancha negra da vida rustica, facil de evitar nas cidades. E' o tedio das longas noites de inverno; das horas estereis em que o peso do silencio e da soledade cai com duplicada força sobre o espirito. Para o velho do ermo, n'esses intervallos da vida exterior, a corrente impetuosa do tempo parece chegar de subito a pégo dormente e espraiar-se pela sua superficie. A leitura raramente o acaricia, porque os livros novos são raros. A decima visão da mesma ideia, vestida do seu decimo trajo, repelle-o, não o distráe. As convicções ardentes, as alegrias das illuminações subitas, as coleras e indignações que inspiram e que, na mocidade e nos

annos viris, enchem a cella do estudo de turbulencias interiores, de arrebatamentos indomaveis, de debates inaudiveis, de lagrimas não sentidas, de amargo sorrir, cousas são que se desvaneceram. Matou-as o gear do inverno da existencia... para o velho não ha a febre da alma que devora o tempo... E' verdade que a natureza compensa o esmorecer e passar do vigor e da actividade intellectual com a propria somnolencia do espirito, voluptuosidade da velhice, ameno e dourado pôr do sol, que se refrange no espectro da sepultura já visinha e o illumina suavemente. Mas o dormitar do entendimento, para ser deleitoso enleio, exige o movimento externo e as singelas occupações e cuidados da vida campestre. Sem isso, e é isso que falta muitas vezes nas interminaveis noites de inverno, a inercia da intelligencia, que vagueia no indefinito sem o norte da realidade, vae-se convertendo pouco a pouco em intoleravel tormento; tormento no qual ha, por fim, o que quer que seja da cellula circular e esmeradamente branqueiada, onde o grande criminoso é entregue, sósinho, á eumenide da propria consciencia. N'esta extremidade, por mais somnolenta e obscurecida que esteja a mente, por mais que ella ame o repouso, o trabalho do espirito, ainda o mais arido, é preferivel, cem

vezes preferivel, ao fluctuar indeciso no vacuo » (1).

O stoicismo bastaria para infundir na alma de Alexandre Herculano uma robustez inviolavel; mas não teria sido sufficiente para lhe facultar um contentamento indefectivel e povoar de alegria a soledade. E' que o stoico commungára do amor de Christo, e esse annuncia desgraça a quem se encontrar sósinho. Mandava-lhe amar a Deus sobre todas as cousas, e esse bem o encontrava no ermo; mandava-lhe porém simultaneamente amar o proximo como a elle mesmo se amava, e esse preceito não dispensava a presença constante dos homens, desvairados ou santos que elles fossem, para lhes minorar a desgraça ou para lhes seguir o exemplo, em todo o caso para correr seu destino e o partilhar. O stoico pôde fortalecer o seu adepto com uma disciplina mas não pôde supprir o alento humano que anima o christão, esse anceio de dar e receber constantemente que é a sua razão de ser. Por isso, sentindo que lhe faltava, corria a juntar-se em espirito aos homens e a partilhar das suas preoccupações quem pela pressão cruel de sua sorte fôra pessoalmente lançado fóra dos turbilhões do mundo.

(1) *Opusculos*, tom. I, pag. IX a XII da 4.ª ed.

Sem duvida, pela firmeza de animo e mais pelo exemplo do que por qualquer tentativa de systematisação philosophica ou defeza intencional de doutrina, a vida de Alexandre Herculano abunda na conformidade com os preceitos do stoicismo. Em grande extensão, poderia Seneca descobrir n'elle um discipulo. Acceitou lhe leis fundamentaes. Confiou na virtude, teve-a « pelo maior dos bens »; « n'ella se alegrou e desprezou os accidentes da fortuna ». Attingiu a « invulneravel grandeza de espirito que não se eleva nem abate com a boa ou má sorte ». Sentiu que « em todo o homem bom habita um deus », um espirito sagrado, indicador e guarda do que é bem e do que é mal, « um ser divino e razão que reside no mundo e em todas as suas partes ». Pela temperança, pela peciencia, pela coragem e pelo culto vigilante da integridade do caracter moral, saccudindo todas as servidões, e sobretudo as servidões dos sentidos, da cobiça, do luxo e da avareza, dominando as paixões e submettendo-se puramente aos mandados da razão, ensinou-nos eloquentemente como se enriquece « não augmentando os bens mas diminuindo as necessidades ». Mostrou-nos assim como a virtude é accessivel a todos e até como a adversidade se converte em benção, porque « conheceu

a sua propria força e valor pondo em prova a virtude », quando a desgraça lhe bateu á porta.

Mas esse stoicismo que podia ser e foi alicerce de fortaleza, não tinha o calor bastante para fóco de irradiação, para inundar de luz e conforto a alma estranha. E inflamou-o então no evangelho de Christo, ungindo-o de piedade e por ella o convertendo á humildade, supplicando dos céus para os outros a indulgencia e auxilio que por intangivel capacidade de soffrer não carecia de pedir para si.

Abrangendo d'este modo todos os gráus da dignidade humana, da acção á contemplação, da firmeza á caridade, do humano ao divino, do heroismo á santidade, Alexandre Herculano a todos honrou igualmente, engrandecendo-se e legando-nos um exemplo unico e supremo na historia do povo portuguez.

INDICE

INDICE